

ANDRÉIA JULIANE DRULA

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DE UM ESTÁDIO PARA
ARENA: O CASO “ARENA DA BAIXADA”**



ANDRÉIA JULIANE DRULA

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DE UM ESTÁDIO PARA
ARENA: O CASO “ARENA DA BAIXADA”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Rechia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS

Drula, Andréia Juliane.

**O processo de transformação de um estádio para arena:
o caso "Arena da Baixada." / Andréia Juliane Drula -
Curitiba, 2015.**

130f ; il. ; color. ; 29cm.

Inclui bibliografia

Orientador: Simone Rechia.

**Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Setor de
Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná.**

**1. Futebol. 2. Estádios. 3. Equipamentos. 4. Espaços
públicos. 5. Arena da Baixada. I. Título**

**796.334
D794**



TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉIA JULIANE DRULA

“O processo de transformação de um estádio para arena: o caso Arena da Baixada”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Esporte, Lazer e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professora Dra. Simone Rechia
Presidente/Orientadora

Professor Dr. André Mendes Capraro
Membro Interno

Professor Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus
Membro Externo

Curitiba, 25 de Março de 2015.

*Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?*

*A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda, é uma partida de futebol*

*Posso morrer pelo meu time
Se ele perder, que dor, imenso crime
Posso chorar se ele não ganhar
Mas se ele ganha, não adianta
Não há garganta que não pare de berrar*

*A chuteira veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde
Olhando para bola eu vejo o sol
Está rolando agora, é uma partida de futebol*

*O meio campo é o lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante, é uma partida de futebol*

*O goleiro é um homem de elástico
Os dois zagueiros têm a chave do cadeado
Os laterais fecham a defesa
Mas que beleza é uma partida de futebol*

(Skank – Partida de Futebol)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as forças maiores que fizeram com que eu concluísse esta etapa de minha vida. Cada dia foi um desafio, mas que pude superar e avançar! Devo agradecer aos meus pais, Clotilde e Pedro, os quais nunca mediram esforços para que eu caminhasse na vida acadêmica. Sem o apoio e ajuda de vocês não seria possível chegar ao fim do mestrado. Obrigada por existirem e acreditarem tanto em mim.

Difícil seria não agradecer ao meu companheiro de momentos, faculdade, futebol, alegrias e tristezas. Obrigada Matheus por me incentivar, principalmente na escrita desta dissertação, você foi - e sempre será – essencial para mim.

À minha orientadora Simone, pois desde a graduação apostou em mim, e me fez criar o sonho de ser como ela é: uma professora de sucesso!

Aos professores de minha banca, André Capraro e Gilmar Mascarenhas, suas considerações na qualificação e na banca de defesa foram importantes para ampliar meus olhares em relação à minha pesquisa.

À minha família, Gisele, Dudu, Luan e Emanuel, o carinho de vocês em momentos difíceis me ajuda a sempre seguir em frente.

Aos meus amigos do GEPEC, que ao longo dos anos ficaram ao meu lado nos momentos alegres e não tão fáceis. Obrigada pelos laços de amizade.

Às minhas amigas de graduação: Ana, Paola, Renata e Taciane. Só posso agradecer por acreditarem no meu potencial! Assim como minhas amigas de escola Liz e Brenda, por estarem comigo há tantos anos, e sempre me incentivarem a trilhar meus sonhos.

À minha psicóloga Fran, que a cada dia que conversávamos me fortalecia em pensamento e autoestima, e no fim, sermos amigas.

Aos que colaboraram com minha pesquisa com entrevistas, relatos, visitas de campo, referencia teórico e qualquer outro tipo de forma que possibilitou a conclusão deste trabalho. Dessa forma, agradeço ao Governo Federal do Brasil e aos brasileiros pela oportunidade de eu ser bolsista ao longo dos dois anos do mestrado. Agradeço a todos que estiveram envolvidos, de alguma forma, junto de mim nesta trajetória.

RESUMO

Esta pesquisa se propôs investigar a seguinte problemática: como as transformações ocorridas de 2009 a 2014, em relação à infraestrutura e funcionalidade, no Estádio Joaquim Américo Guimarães, podem influenciar nas formas de apropriação do mesmo como um equipamento de lazer e esporte da cidade de Curitiba? Visto que, a partir das possíveis respostas encontradas, poderemos compreender com mais profundidade o estádio de futebol “Arena da Baixada” como componente importante da cidade. Para tanto, esta pesquisa de cunho qualitativo descritivo, percorreu os seguintes caminhos metodológicos: (a) descrever, historicamente, as mudanças estruturais ocorridas no Estádio Joaquim Américo Guimarães desde sua concepção até 2014; (b) identificar as formas de apropriação desenvolvidas atualmente no estádio; (c) analisar o que o gestor da Prefeitura de Curitiba, historiadores do CAP e frequentadores do estádio percebem em relação às mudanças ocorridas ao longo do tempo; (d) investigar quais as transformações sucedidas no estádio, em prol da Copa do Mundo 2014, com referência a infraestrutura, funcionalidade e identidade interferem para o cidadão de Curitiba e para o torcedor. Os instrumentos metodológicos utilizados foram: entrevistas semiestruturadas, roteiro de observação sistematizada em diários de campo e registros fotográficos. Na sequência dos passos estabelecidos na metodologia, foi possível apontar que as características de determinado espaço criam uma cultura do mesmo, ou seja, uma “força do lugar”, e quando este é alterado pelas “forças do espaço” pode haver uma perda de identidade. Sobre o estádio de futebol, podemos identificar grande relação com a torcida do time dono da “casa”, a qual sem seus torcedores não tem vida, evidenciando que a torcida é elemento determinante para as interações sociais que acontecem no mundo do futebol moderno. Pudemos, também, analisar o estádio como peça inserida em uma sociedade do espetáculo, sociedade que preza por padrões elitistas e caros, que no mundo do futebol-espetáculo, podem ser traduzidos como a era do padrão FIFA. A partir das transformações para a Copa do Mundo de Futebol, o estádio da “Arena da Baixada” apresenta um conceito de multifuncionalidade para com seu equipamento esportivo, contudo, somente no futuro saberemos se acontecerá de forma efetiva eventos além do futebol, e também se irá se potencializar como um atrativo turístico da cidade de Curitiba. Por conseguinte, podemos inferir que as transformações de um estádio de futebol, em detrimento de um megaevento esportivo, impactam em diferentes áreas da sociedade, mas principalmente incidem nos sujeitos que estão ligados, direta ou indiretamente, com o processo das alterações necessárias no estádio e seu entorno. Assim como, implicam nas formas de apropriação de seus frequentadores, torcedores, cidadãos entre outros sujeitos que interagem com o estádio, pois estes podem perceber e modificar o espaço do estádio em lugar de emoções a partir de suas apropriações.

Palavras-chave: estádio de futebol; equipamento de lazer; espaço de lazer; lugar; “Arena da Baixada”.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar la siguiente problemática: ¿Cómo los cambios ocurridos de 2009 a 2014, en relación con la infraestructura y funcionalidad en el Estadio Joaquim Américo Guimarães, pueden influir en las formas de apropiación de la misma como un equipo de ocio y deporte en Curitiba? Dado que, a partir de las respuestas posibles se encuentran, podemos comprender mejor el estadio de fútbol "Arena da Baixada" como un componente importante de la ciudad. Por lo tanto, esta investigación cualitativa descriptiva, ven el siguiente enfoques metodológicos: (a) describir históricamente, los cambios estructurales en el Estadio Joaquim Américo Guimarães desde la concepción hasta el 2014; (B) identificar las formas de apropiación desarrollado actualmente en el estadio; (C) analizar lo que el gerente de Curitiba, los historiadores de la CAP y los asistentes a los estadios se da cuenta en relación con los cambios en el tiempo; (D) investigar lo que los cambios logrados en el estadio, en nombre de la Copa del Mundo de 2014 con referencia a la infraestructura, la funcionalidad y la identidad interfieren para el ciudadano de Curitiba y de los fans. Los instrumentos metodológicos utilizados fueron entrevistas semi-estructuradas, pautas de observación sistemática en diarios de campo y registros fotográficos. Siguiendo los pasos establecidos en el método, fue posible identificar las características que crean un espacio específico de la misma cultura, o una "fuerza del lugar", y cuando se cambia por las "fuerzas del espacio" puede ser una pérdida de identidad. Sobre el estadio de fútbol, podremos identificar grande relación con la afición del equipo dueño de la "casa", la cual sin sus aficionados no tiene vida, evidenciando que la afición es elemento determinante para las interacciones sociales que pasan en el fútbol moderno. También analizamos el estadio como parte inserta en una sociedad del espectáculo, una empresa que valora los estándares elitistas y caros, que en el espectáculo del fútbol mundial, se pueden traducir como la era de la norma de la FIFA. A partir de los cambios en la Copa del Mundo de fútbol, el estadio "Arena da Baixada" presenta un concepto de multifuncionalidad para su equipo de deportes, sin embargo, sólo el futuro sabremos si los acontecimientos suceden de una manera efectiva más allá del fútbol, y también fortalecerá como una atracción turística de la ciudad de Curitiba. Por lo tanto, podemos inferir que las transformaciones de un estadio de fútbol, a expensas de un mega evento deportivo, el impacto en diferentes áreas de la sociedad, sino que se centran principalmente en temas que están vinculados, directa o indirectamente, con el proceso de modificaciones necesarias en el estadio y sus alrededores. Además de involucrar en las formas de apropiación de sus visitantes, los aficionados, los ciudadanos y otras personas que interactúan con lo estadio, ya que pueden ver y modificar el espacio de lo estadio en lugar de las emociones de sus apropiaciones.

Palabras clave: estadio de fútbol; equipamientos de ocio; espacio de ocio; lugar; "Arena da Baixada".

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O ESTÁDIO CAMP NOU.....	34
FIGURA 2 - ALLIANZ ARENA	36
FIGURA 3 - MAQUETE DA ALLIANZ ARENA ILUMINADA.....	36
FIGURA 4 - O ESTÁDIO JOAQUIM AMÉRICO GUIMARÃES EM 1913	44
FIGURA 5 - NOVAS ARQUIBANCADAS E SOCIAL DA BAIXADA DE 1994.....	45
FIGURA 6 - FACHADA DA “ARENA DA BAIXADA” COM O NAMING RIGHTS “KYOCERA ARENA”	46
FIGURA 7 – NOVOS PADRÕES DA BAIXADA PARA A COPA DO MUNDO 2014.....	47
FIGURA 8 - “ARENA DA BAIXADA” ANTES E DEPOIS DA COPA DO MUNDO 2014.....	50
FIGURA 9 - FACHADAS DA BAIXADA: ANTES E DEPOIS DA COPA	52
FIGURA 10 - NOVAS CADEIRAS CAP	52
FIGURA 11 - NOVAS LANCHONETES “ARENA DA BAIXADA”	55
FIGURA 12 - ANTIGA VISTA PANORÂMICA DA PRAÇA AFONSO BOTELHO	56
FIGURA 13 - PRAÇA AFONSO BOTELHO NA COPA DO MUNDO E ATUALMENTE.....	58
FIGURA 14 - TORCIDA ATLETICANA NA “ARENA DA BAIXADA”.....	62
FIGURA 15 - MENSAGENS EXPOSTAS NO TELÃO DA “ARENA DA BAIXADA”	63
FIGURA 16 - MOMENTOS DA TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS.....	66
FIGURA 17 - TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS LIMPANDO AS ARQUIBANDAS APÓS O JOGO.....	67
FIGURA 18 - VISTA DO CAMPO DO SETOR DA TORCIDA ORGANIZADA E CHEGADA DA “ORGANIZADA” AO ESTÁDIO	68
FIGURA 19 - TELÃO DA “ARENA DA BAIXADA” COM AVISO SOBRE A SAÍDA DO ESTÁDIO.....	69
FIGURA 20 - VISÃO DO CAMPO DA TORCIDA ADVERSÁRIA.....	70
FIGURA 21 - SETOR DESTINADO À TORCIDA ADVERSÁRIA	71
FIGURA 22 - CADEIRANTES ASSISTINDO ÀS PARTIDAS DE FUTEBOL EM ESPAÇOS NÃO EXCLUSIVOS E EXCLUSIVOS	73
FIGURA 23 - “ARENA DA BAIXADA” EM DIA DE JOGO DA COPA DO MUNDO.....	74
FIGURA 24 - TORCEDOR NIGERIANO EM JOGO DA COPA DO MUNDO NA “ARENA DA BAIXADA”.....	74
FIGURA 25 - SELFIE NA “ARENA DA BAIXADA”	75
FIGURA 26 - CRIANÇAS DURANTE AS PARTIDAS DO ATLÉTICO-PR.....	76

FIGURA 27 - CRIANÇAS E ADOLESCENTES DAS ESCOLHINHAS DO CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE PRESENTES NO ESTÁDIO	77
FIGURA 28 - TELÃO DA BAIXADA COM NOTÍCIAS VEÍCULADAS EM 2014	82
FIGURA 29 - PANORÂMICA DA “ARENA DA BAIXADA” EM 2014.....	83
FIGURA 30 - LOCAL DA IMPRENSA NA “ARENA DA BAIXADA” DURANTE A COPA DO MUNDO	84
FIGURA 31 - IMPRENSA NA “ARENA DA BAIXADA”	84
FIGURA 32 - REPÓRTERES E FOTÓGRAFOS NA “ARENA DA BAIXADA”	85
FIGURA 33 - ZONA MISTA	85
FIGURA 34 - SALA DE IMPRENSA.....	86
FIGURA 35 - MAPA DE ACESSOS À “ARENA DA BAIXADA”	87
FIGURA 36 - PRÉDIO DE MÍDIA E ESTACIONAMENTO EXTERNO	88
FIGURA 37 - ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO E CAMAROTES VIP E VVIP	88
FIGURA 38 - ENTRADA DE VISITANTES E A NOVA EXPLANADA DA BAIXADA.....	88
FIGURA 39 - VESTIÁRIO E HIDROMASSAGENS DO CAP.....	88
FIGURA 40 - UM DOS TELÕES DA “ARENA DA BAIXADA”	89
FIGURA 41 - A PROXIMIDADE DO CAMPO COM AS ARQUIBANCADAS	90
FIGURA 42 - MAQUETE DO COMPLEXO CAP	100
FIGURA 43 - COMUNICADO SOBRE O SHOOTO NO TELÃO DA “ARENA DA BAIXADA”.....	101
FIGURA 44 - PANORÂMICA DO FEIRÃO DA FIAT NA “ARENA DA BAIXADA”	103
FIGURA 45 - FAIXA DO FEIRÃO DA FIAT.....	103
FIGURA 46 - FEIRÃO DA FIAT	103
FIGURA 47 - PARTE INTERNA DA BAIXADA DURANTE O FEIRÃO DA FIAT	104
FIGURA 48 - CASAMENTO COLETIVO NA “ARENA DA BAIXADA”	104
FIGURA 49 - CASAMENTO COLETIVO.....	105
FIGURA 50 - PAINEL DO NATAL DA ALEGRIA.....	105
FIGURA 51 - NATAL DA ALEGRIA	106
FIGURA 52 - O CALDEIRÃO.....	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

GEPLEC – Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade

ONU – Organização das Nações Unidas

CAP – Clube Atlético Paranaense

FC – Football Club

SMELJ – Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude de Curitiba

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PERCURSOS FEITOS ATÉ A PROBLEMÁTICA	17
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	19
2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	19
2.2 INSTRUMENTOS	21
2.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO	24
3.1 AQUECIMENTO: ALGUMAS TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS	24
3.2 TREINAMENTO: SOBRE INSTALAÇÕES PARA EXPERIÊNCIAS DE LAZER .	28
3.2.1 Na cara do gol: estádios europeus de referência	33
3.3 ESCALAÇÃO: CONCEITOS DE EQUIPAMENTO, ESPAÇO E LUGAR	37
4 EM CAMPO: O ESTÁDIO JOAQUIM AMÉRICO GUIMARÃES	44
5 CONCENTRAÇÃO: SURGIMENTO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	48
6 A BELEZA DO MORTO	49
6.1 AS CORES RUBRO-NEGRAS: IDENTIDADE DA TORCIDA	51
6.2 ANTIGOS ESTABELECIMENTOS, MEMÓRIAS RECENTES	54
7 COMPOSIÇÃO DA FESTA: A TORCIDA	60
7.1 TORCIDAS ORGANIZADAS: DIVERGÊNCIAS	64
7.2 TORCIDA ADVERSÁRIA: BELEZA OU VIOLÊNCIA?	69
7.3 INTERAÇÕES SOCIAIS: O ESTÁDIO COMO PONTO DE ENCONTRO	72
7.3.1 Pequenas pessoas, grandes mudanças	75
8 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	79
8.1 REESTRUTURAÇÃO DE UM ESTÁDIO: – A ERA PADRÃO FIFA	81
8.1.1 Na beira do campo	89
8.2 A ELITIZAÇÃO DO SHOW	91
8.3 ATRAÇÕES PRINCIPAIS: ÍDOLOS NO PALCO	93
9 MULTIFUNCIONALIDADE	97
9.1 AS CONTRAPARTIDAS SOCIAIS	98
9.1.1 Complexo CAP	100
9.2 TETO RETRÁTIL	101
9.3 EVENTOS MULTIUSOS	102

9.3.1 Os torcedores e a participação em eventos multifuncionais.....	106
9.4 PENSANDO NO FUTURO: LUCROS E ATRATIVO TURÍSTICO?.....	106
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	120
APÊNDICE A	121
APÊNDICE B	122
APÊNDICE C	123
APÊNDICE D	124
APÊNDICE E	125
APÊNDICE F	127
APÊNDICE G	129

1 INTRODUÇÃO

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o tempo. Neste espaço sagrado, a única religião que não têm ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. [...] Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós.

Eduardo Galeano¹, jornalista

Como prática mais popular do mundo, o futebol inicia sua história como esporte moderno na Inglaterra, a partir século XVIII, juntamente com outras mudanças que ocorriam na sociedade, exemplo destas, a Revolução Industrial (MAGALHÃES, 2010). Institucionalizada, esta atividade esportiva que usa dos pés para se consagrar trilha novos caminhos além do continente europeu, desembarcando em diferentes regiões do planeta.

Eis que, não fora deste contexto, o Brasil do século XIX se encanta por essa nova prática esportiva. Entretanto, o percurso em terras brasileiras foi longo e extremamente mutável para ser o futebol dos dias atuais. De “prática circunscrita a empregados de firmas britânicas e a certos jovens da elite, desejosos de copiar aspectos ‘civilizadores’ do modo de vida europeu” (MASCARENHAS, 2005, p. 61), posteriormente, o futebol se tornaria um esporte de caráter popular. Atualmente como uma tradição cultural brasileira, acaba por caracterizar uma identidade nacional constituída politicamente ao longo da história do país (MORORÓ, 2009). Assim, “na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica” (MASCARENHAS, 2002, p. 32), integrando-se aos cenários das cidades modernas.

Dessa maneira, o estádio de futebol constitui um importante componente de análise, tanto nas dimensões representativas que ele produz quanto em termos

¹ O Futebol ao Sol e Sombra (1995).

conceituais, despertando o interesse de diversas áreas pela temática, como a Educação Física, Geografia, História, Arquitetura, Sociologia, dentre outras, no intuito de desvendar minuciosamente essa instalação para experiência de lazer e esporte num todo. Assim, uma das perspectivas interessantes a ser adotada na discussão sobre os estádios são as atuais transformações que os mesmos estão sofrendo nos tempos contemporâneos (CERETO, 2003; HOLZMEISTER, 2005; ARAÚJO, 2008; AMARAL; BASTOS, 2011; CAMPOS; AMARAL, 2013).

Transformações estas, muito atreladas à maior entidade que dirige assuntos relacionados ao futebol: a *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA – e seus campeonatos internacionais, denominados de Copa do Mundo. Dada a importância que o futebol adquiriu em meio à sociedade, principalmente com seu *status* de futebol espetáculo (PRONI, 1998), as Copas do Mundo FIFA mais recentes têm se configurado como um dos maiores eventos esportivos que existem, requerendo, aos países elegidos como sede, mudanças em diferentes setores do meio social para comportar esta competição internacional. Palco das principais atrações deste campeonato, os estádios participantes devem aderir aos ditos “padrões” que a FIFA estabelece, sendo que

As exigências gerais para os estádios da Copa do Mundo FIFA não diferem daquelas para partidas internacionais normais ou de primeira divisão – mas a diferença em escala de requisitos é enorme. As exigências para um estádio da Copa do Mundo FIFA são grandes [...]. (FIFA, 2011, p. 5).

Consequentemente, firmada a parceria com a FIFA, o país sede delegará a algumas cidades o acontecimento dos jogos. Desta forma, mudanças de ordem urbana e nos equipamentos de lazer e esporte podem apresentar aspectos tanto positivos quanto negativos (RECHIA; SILVA, 2013), sendo inevitáveis as modificações nos estádios para o “padrão” exigido. Uma das características marcantes impostas pela FIFA seria a da multifuncionalidade, o que abrange o local “estádio” para a obrigatoriedade de outras práticas de entretenimento (FIFA, 2011; ARAÚJO, 2008). Aspecto o qual se relaciona com o resgate da terminologia “arena”, sendo esta uma forma contemporânea de reconstruir e/ou repensar os estádios (ARAÚJO, 2008), entretanto com funções diferentes das que as antigas arenas romanas desenvolviam, pois na época destas o esporte, em sua concepção moderna, não existia.

Retratando os fatos recentes relacionados a esta discussão, em 2007, o Brasil foi eleito para sediar a Copa do Mundo FIFA de 2014, e no ano de 2009 a cidade de Curitiba foi selecionada para receber quatro jogos do mundial (O GLOBO, 2013). Dos estádios da capital paranaense, o centenário estádio Joaquim Américo Guimarães, conhecido popularmente também, a partir das reformas de sua infraestrutura no ano de 1999, como “Arena da Baixada”, foi escolhido como um dos palcos do mundial de futebol.

Assim, esse estudo terá suas atenções voltadas, especificadamente, para este estádio, que tem sua origem em 1913, ainda como chácara (MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010), compreendido desde então no bairro Água Verde, numa região de baixada do local, assim dando origem a um de seus famosos apelidos – “Baixada”, onde também é casa do Clube Atlético Paranaense (CAP) desde a fundação deste, em 1924 – e, em 2014, reabriu suas portas para o mundo, após quatro anos fechado para reforma, exibindo seus novos moldes nos padrões FIFA. Mesmo antes da reforma, o estádio Joaquim Américo Guimarães já apresentava estruturas muito modernas, assim como já adotava desde 1999 a terminologia “arena” em seu nome, e tais fatos só corroboraram para que o estádio da “Baixada” fosse um dos escolhidos para o mundial de 2014.

Dessa forma, entende-se ser relevante estudar as mudanças ocorridas ao longo da história no estádio Joaquim Américo Guimarães, e principalmente por conta da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014, no intuito de entender não somente as transformações espaciais do local, como também suas diferentes funções, em que tanto uma quanto a outra podem influenciar nas formas de apropriação dos frequentadores, nas quais a partir das “experiências no âmbito do Lazer e do Esporte pode-se conquistar um novo tipo de relação entre espaço-tempo e cidade-cidadão, como resposta a esse processo, o qual pode produzir um novo modo de viver, ver e perceber a cidade” (RECHIA; FRANÇA, 2006, p. 69).

Diante do exposto, esta pesquisa se propôs a investigar a seguinte problemática: Como as transformações ocorridas de 2009 a 2014, em relação à infraestrutura e funcionalidade, no Estádio Joaquim Américo Guimarães, podem influenciar nas formas de apropriação do mesmo como um equipamento de lazer e esporte da cidade de Curitiba?

Para tanto, o estudo tem os seguintes objetivos específicos: (a) descrever, historicamente, as mudanças estruturais ocorridas no Estádio Joaquim Américo

Guimarães desde sua concepção até 2014; (b) identificar as formas de apropriação desenvolvidas atualmente no estádio; (c) analisar o que o gestor da Prefeitura de Curitiba, historiadores do CAP e frequentadores do estádio percebem em relação às mudanças ocorridas ao longo do tempo; (d) investigar quais as transformações sucedidas no estádio, em prol da Copa do Mundo 2014, com referência a infraestrutura, funcionalidade e identidade interferem para o cidadão de Curitiba e para o torcedor.

1.1 PERCURSOS FEITOS ATÉ A PROBLEMÁTICA

Partindo do pressuposto que o pesquisador deva ter um envolvimento com o objeto de estudo, muitas são as razões para ter escolhido a temática de estádios de futebol para analisar. Primeiramente, minha aproximação com o futebol fomentou meu interesse em estudar um dos seus elementos que o compõe: o estádio. Motivo este que se iniciou há alguns anos, quando comecei a frequentar assiduamente as partidas de futebol *in loco*, e por coincidências (ou não), o primeiro estádio que tive a oportunidade de conhecer foi o Estádio Joaquim Américo Guimarães. Depois de estar “em campo”, a curiosidade não se limitou aos estádios da capital paranaense, em quase todas as cidades que visitei, os estádios eram pontos marcados de passagem, evidência essa comprovada quando pude conhecer estádios fora do Brasil.

Ao mesmo tempo, como integrante do GEPLC² (Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaços e Cidade), percebo a importância em pesquisar a temática para expandir meu olhar sobre a mesma, agregando uma visão aprofundada e crítica deste equipamento esportivo de lazer e esporte, como também suas relações sociais, urbanas e com o futebol. Dessa forma, explorando uma das temáticas mais abordadas nos estudos do GEPLC, os debates sobre espaços e equipamentos de lazer e esporte na cidade começaram a ser parte significativa para um maior conhecimento e relevância deste no espaço urbano, pois “as grandes cidades contemporâneas constituem-se em um denso espaço, com funções

² Grupo idealizado e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Simone Rechia em 2003, com o intuito de discutir textos acerca do lazer e temas transversais, desenvolver projetos de extensão, programas institucionais e pesquisas, relacionando-os com as questões emergentes do cotidiano das sociedades. Hoje o grupo conta com a participação de vários alunos bolsistas da graduação (IC, monitoria, licenciatura, extensão) e pós-graduação, os quais desenvolvem de forma articulada projetos de ensino, pesquisa e extensão (MORO, 2012, p. 16).

diversas, por meio das quais se estabelecem múltiplas práticas sociais” (RECHIA, 2003, p.1).

A compreensão de onde acontecem tais práticas se torna indispensável, podendo ser estudado de vários âmbitos, como apontam as pesquisas realizadas pelo GEPEC sobre: os parques públicos (RECHIA, 2003); as formas de uso e apropriação de praças (CAGNATO, 2007); a relação dos ativismos sociais com parques da cidade (FRANÇA, 2007); os espaço e equipamentos de lazer de regiões não centrais da cidade (GONÇALVES, 2007) e centrais (VIEIRA, 2010); modelos europeus de parques, praças e ruas em suas diferentes formas de apropriação (RECHIA; BETRÁN, 2009); o enfoque da acessibilidade nos espaços de lazer (CASSAPIAN, 2010); a infância nos espaços públicos da periferia (TSCHOKE, 2010) e os espaços para brincadeiras infantis nos parques públicos (MORO, 2012); a privatização de parques públicos (ASSIS, 2014), dentre outras temáticas interessantes e oportunas já observadas ou em desenvolvimento.

Desta maneira, esse estudo poderá gerar subsídios para ampliar o conhecimento sobre os espaços e equipamentos de lazer e esporte da cidade, tal como o estádio de futebol, potencializando os usos e entendimento dos mesmos. Além do fato da vinda dos megaeventos esportivos para o Brasil ser uma temática recente e existirem lacunas nos estudos sobre os estádios e o que estes podem interferir em sua representação, historicidade, funcionalidade, mudanças estruturais e sociais, dentre outras questões advindas desse processo (RECHIA; SILVA, 2013), sendo este um espaço representativo das cidades contemporâneas, seja como marca de identidade clubística e de torcidas de futebol (CAPRARO, 2004) ou como construção arquitetônica que pode impactar no cenário urbano (CAMPOS; AMARAL, 2013; OLIVEIRA; MAZO; SOARES, 2013).

Diante do exposto, acredita-se que esse estudo possa contribuir com as discussões acerca das consequências sociais, econômicas e políticas de se transformar espaços e equipamentos de lazer e esporte do meio urbano em decorrência de se sediar um megaevento esportivo.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esse estudo tem uma abordagem qualitativa, que visa “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p. 9). Também segue a perspectiva de pesquisa do tipo descritiva que, segundo Gil (2008, p. 28), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, sendo que o conhecimento minucioso das variáveis se faz imprescindível para o entendimento de um contexto mais abrangente.

A revisão de literatura parte do uso de diferentes fontes (livros, artigos publicados, qualificados periódicos, teses, dissertações, monografias, dentre outros).

O local escolhido para a pesquisa é o Estádio Joaquim Américo Guimarães, localizado em Curitiba-PR, bem próximo ao centro da cidade. A opção metodológica por esse determinado estádio de futebol se deu por conta da sua escolha, no ano de 2009, como um dos palcos para quatro jogos da Copa do Mundo de 2014, tornando-o um dos principais cenários desse megaevento esportivo a ser modificado e colocado em xeque na visibilidade internacional.

As técnicas para coleta de dados foram entrevistas, observações sistematizadas em diário de campo e registros fotográficos, sendo a primeira um arcabouço de informações transmitido por um sujeito que, possivelmente, não seria possível encontrar na literatura ou em outras fontes, a segunda, de acordo com Gil (2008, p. 100), importante pelo “uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”, e a terceira possibilita a reconstrução da realidade a partir do mundo imagético (GURAN, 2002; MARTINS, 2008).

2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A população abrangida nesta pesquisa foi a de frequentadores do estádio Joaquim Américo Guimarães antes da reforma para a Copa do Mundo 2014 e depois dos jogos da mesma, gestores da Prefeitura de Curitiba envolvidos com o projeto para a viabilização do campeonato na cidade e historiadores/pesquisadores do CAP, time o qual sua história está entrelaçada com o desenvolver e transformações deste estádio.

Os critérios de inclusão adotados para as entrevistas com os frequentadores do Estádio Joaquim Américo Guimarães foram: sujeitos de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, com uma frequência mínima de ida ao estádio de 10 vezes, dentro do período de 1999 a 2014³, e que não se oponham em participar, de forma voluntária, do estudo. Os critérios de exclusão se apresentaram para frequentadores que não tivessem atingido a maioridade (igual ou acima de 18 anos), com frequência inferior a 10 vezes no respectivo período e/ou que não aceitassem a participação voluntária na pesquisa.

O número de frequentadores entrevistados foi estabelecido pelo critério de saturação, onde, de acordo com Fontanella, Ricas e Turato (2008, p. 17), o tamanho final é dado “quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição”, sendo desnecessários novos participantes, pois o objetivo do estudo já poderá estar sanado.

Portanto, “a escolha dos elementos amostrais advirá de um caminho mais prático, na dependência direta dos objetivos da investigação, pois a um mesmo objeto podem corresponder diferentes objetivos de pesquisa” (*Idem*, p. 19). Assim, a amostra pode se apresentar relativamente menor em relação a outras amostragens encontradas, entretanto com um fim metodológico e teórico. Também, mesmo dentro deste critério, foi determinado até dezembro de 2014 o término das entrevistas, em virtude do tempo que foi necessário para transcrição, análise e desenvolvimento de categorias através dos materiais coletados.

No caso da busca de historiadores/pesquisadores do CAP, foi feito um levantamento dos livros e documentos, produzidos sobre o time, e seus autores, assim, mapeando possíveis nomes que contribuíram com esta pesquisa.

O período de observação se delimitou às idas ao local da pesquisa, as quais aconteceram por meio de 11 jogos esportivos (nos períodos antes, durante e depois da partida), 2 eventos multifuncionais (Feirão da FIAT e Natal da Alegria) e 1 Tour completo pelo estádio concedido pelo CAP, totalizando 14 visitas. Foram observados elementos de diferentes funções como espaços de dentro (lanchonetes, lojas, arquibancadas, etc.) e fora (fachada e entrada) do estádio, características e ações dos frequentadores e a Praça Afonso Botelho.

³ Dentro desses 15 anos, as 10 idas ao estádio devem estar distribuídas, no mínimo, num período de 5 anos. Caso o número de 10 ou mais idas se concentre num tempo igual ou menor que 4 anos, o sujeito não atenderá aos requisitos para participação no estudo.

As entrevistas foram realizadas com 20 frequentadores assíduos do estádio que atenderam aos critérios de inclusão, onde foi feito um convite para participação no estudo, com explicação de seu objetivo. Após o aceite do convite, os sujeitos leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim iniciando as entrevistas. Em relação à entrevista com o gestor da Prefeitura de Curitiba envolvido com o projeto da Copa do Mundo 2014, foi feito o mesmo convite para participação na pesquisa e posteriormente um agendamento para a realização do procedimento. Já as entrevistas com historiadores/pesquisadores do CAP foram agendadas com dois autores que estudaram esse time paranaense e sua infraestrutura.

2.2 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados da presente pesquisa foram utilizados três tipos de instrumentos: roteiros de entrevistas semiestruturadas, um roteiro de observação e registros fotográficos.

Em relação aos roteiros de entrevistas semiestruturadas, os quais foram organizados pelo pesquisador desse estudo, houve três modelos de roteiros: um para os frequentadores do estádio (APÊNDICE B), um para o gestor da Prefeitura de Curitiba (APÊNDICE C) e outro para os historiadores/pesquisadores do CAP (APÊNDICE A). A escolha pelo roteiro de entrevista semiestruturada se deu pela liberdade que pode haver entre o entrevistado e o pesquisador diante da oportunidade de explorar temas não focados nas perguntas previamente estruturadas e que surjam durante a entrevista (MARCONI; LAKATOS, 2003). As entrevistas foram armazenadas por um gravador, visando confiabilidade nas falas expressadas.

Quanto ao roteiro de observação (APÊNDICE D), o mesmo foi baseado no Protocolo de Observação de Espaços e Equipamentos de Lazer do GEPLC⁴ e adaptado para a realidade da pesquisa, sendo de grande utilidade para entendimento do cenário pesquisado, agregando elementos diferenciados para o estudo em conjunto com as entrevistas. O roteiro de observação se caracterizou como um guia, pois partiu das premissas da observação assistemática que “consiste

⁴ Protocolo desenvolvido pelo GEPLC em 2004 e empregado como instrumento e/ou guia para observação de espaços e equipamentos de lazer de diversas pesquisas.

em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 192).

Os registros fotográficos foram feitos a fim de guardar fielmente os acontecimentos *in loco*, construindo o mundo real a partir de fotos. Martins (2008, p.43) vislumbra a possibilidade de transpor no papel uma construção imaginária, que pode ser alterada com o passar do tempo, ou interpretada de diferentes modos de acordo com a cultura imposta, mas que tem como proposta ser a “verdade dependente do todo em que se pode ter sentido”. Assim, o uso dos registros fotográficos possibilitou um olhar detalhado do local a ser estudo detalhado, visto que a fotografia pode ser usada “para destacar com segurança aspectos e situações marcantes da cultura estudada e desenvolver sua reflexão apoiado nas evidências que a fotografia pode apontar” (GURAN, 2002, p.97).

2.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos dados, primeiramente foi feita a transcrição integral das entrevistas realizadas. Após sistematização dos conteúdos, foram realizadas as análises de possíveis segmentações, em forma de categorias, seguindo a análise de conteúdo de Bardin⁵ (1977, p.38, *apud* FRANCO, 2008, p. 24) como “conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”. Conjuntamente com as entrevistas, foram associados o conteúdo das observações e o diálogo com a literatura.

Na sequência, o referencial teórico nos guia em relação aos autores utilizados para defender nossa visão sobre os assuntos abordados neste trabalho, como esporte, futebol, estádios de futebol, e conceitos importantes de serem refletidos para melhor compreensão da temática discutida.

Após esta etapa, o resultado do tratamento dos dados emergiu em quatro categorias: a beleza do morto; composição da festa: a torcida; sociedade do espetáculo; e multifuncionalidade. Todos os dados coletados foram importantes para compor as categorias elencadas acima, demonstrando o minucioso trabalho de

⁵ BARDIN, J. **L'Ére logique**. Paris: Robert Laffont, 1977.

campo feito, sejam por meio das entrevistas, das observações sistematizadas em diários de campo ou dos registros fotográficos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 AQUECIMENTO: ALGUMAS TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS

Desde as primeiras civilizações até as mais mitológicas, o corpo em movimento sempre se mostrou presente. Seja quando os homens corriam e se desvencilhavam das matas atrás dos animais que estariam caçando para seu próprio sustento – ou fugindo para sua sobrevivência; seja das mais sangrentas guerras que ocorreram na história do mundo, em que soldados, guerreiros, gladiadores, samurais e outros tipos de combatentes tinham peculiares formas de se defender e/ou atacar ou mesmo das festas gregas aos bailes da Idade Média, em que com as danças permeavam horas e horas adentro de seus ambientes. Nesse sentido, são inúmeros os exemplos que podem ser dados das práticas feitas pelo corpo humano. Entretanto, uma prática atual, vem sendo destaque, pelas magnitudes que suas proporções estão adotando: o esporte moderno.

Assim, entendê-lo de maneira polissêmica se faz importante para ponderar os diversos sentidos e significados que o mesmo pode ter, considerando os contextos sociais, políticos, históricos e econômicos da sociedade em que se insere (COAKLEY, 2007). Sua incidência em distintos segmentos da sociedade reforça o poder que o esporte tem de mobilizar pessoas a seu favor, como Melo (2004) afirma

É importante perceber que, dado o seu valor econômico e a sua adequação aos novos valores culturais em voga (dimensões que devem ser compreendidas de forma articulada), o esporte é uma das práticas culturais mais difundidas no século XX. As maiores audiências televisivas mundiais estão exatamente constituídas ao redor das Copas do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos. Sem sombra de dúvida, pode-se afirmar que é a manifestação que maior número de pessoas consegue mobilizar ao seu redor, tendo grande interferência nos comportamentos, hábitos e costumes (p. 83).

Vale ressaltar que a força do esporte moderno em mobilizar pessoas nem sempre favorece as mesmas, mas sim às instituições que coordenam tais práticas mundialmente, principalmente dada a economia gerada e as influências políticas envoltas. Nessa perspectiva, o esporte toma forma nas mais diferentes e novas modalidades que “adquiriram conotações simbólicas e uma dimensão político-

econômica até então imprevistas” (MASCARENHAS, 1999a, p. 18), e para este estudo iremos voltar nossos olhares para o futebol⁶.

Essa prática esportiva trilhou muitas estradas para ser o que se configura na época atual. De descendência chinesa, há 5.000 a.C, o futebol passou por terras italianas até se firmar na Inglaterra (MORORÓ, 2009), país considerado berço da criação do futebol como esporte, onde sua prática foi muito realizada pelos operários das indústrias que dominavam o cenário urbano da época.

Em seu berço, nasceu na época do crescimento da classe operária, em plena Revolução Industrial, e era um esporte que levava para locais públicos toda a revolta e as insatisfações do operariado explorado. Tamanha era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês. Foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol, que se tornou uma importante – e interessante para as elites – válvula de escape dos explorados (MAGALHÃES, 2010, p. 14).

De prática proibida a esporte de elite, o futebol desembarca em diversos países do mundo, entre eles o Brasil. Este país, no século XIX, tinha outra faceta comparada ao que é hoje. Colônia de Portugal, poucas partes das terras brasileiras sabiam o que era o “urbano”, obtendo uma predominância rural por toda região. Aos poucos, transformações territoriais, econômicas, políticas e culturais ocorrem, e o início do século XX é marcado pela Proclamação da República, Abolição da Escravatura, acolhida de imigrantes e egressos dos campos para os novos espaços urbanos, onde abrangiam os parques industriais, os quais adquiriram o maquinário inglês para desenvolvimento de suas atividades (OLIVEIRA, 1998; MORORÓ, 2009). Junto com essas novas ferramentas de trabalho, os imigrantes europeus e alguns jovens da elite brasileira que estudaram na Europa e retornavam ao Brasil, carregados de um arcabouço de práticas e costumes europeus, entre outras possibilidades de disseminação, trazem uma prática em suas bagagens: assim, o futebol inicia sua história no Brasil (OLIVEIRA, 1998; MORORÓ, 2009).

O responsável por trazer a novidade ao país foi justamente Charles Miller, filho de um importante industrial inglês, que conheceu o futebol em sua temporada de estudos na Inglaterra e o “trouxo” em sua bagagem de volta. Miller é hoje conhecido como o “pai do futebol

⁶ Várias versões remetem ao início do futebol, contudo, sem desconsiderar as outras possibilidades deste fato, seguiremos a linha que será tratada no parágrafo seguinte do texto.

brasileiro” [...], foi o responsável pela introdução do perfil competitivo do futebol e de suas regras, o que foi fundamental para sua expansão (MAGALHÃES, 2010, p. 14).

Magalhães (2010), também retrata a transição do futebol como esporte para entretenimento da elite brasileira, começando com altos custos dos materiais que eram importados, ao futebol como o esporte mais popular do país, “com o tempo, o brasileiro aprendeu que praticamente qualquer coisa, seja uma meia, uma latinha, poderia substituir a bola” (p. 15), um dos motivos que o consolidou como identidade nacional.

Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer aos seus praticantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. Isso explicaria o alto poder simbólico que o futebol foi adquirindo ao longo deste século, passando a representar o homem brasileiro, da mesma forma que o fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval, por exemplo (DAOLIO, 2000, p.33).

Contudo, o mundo observa a prática do futebol percorrer um caminho de mudanças: de um esporte comum para o futebol espetáculo, fenômeno que dominaria cenários econômicos, políticos, culturais e sociais. Para o acontecimento desta passagem, Proni (1998) nos apresenta que a mudança, em 1974, na presidência da entidade FIFA e suas parcerias com patrocinadores multinacionais foram decisivos para este novo contexto. Pois antes, “nem se cogitava que um clube de futebol trataria seus torcedores como “clientes”, trocaria de técnico pensando na cotação de suas ações na Bolsa ou procuraria diversificar suas áreas de investimento” (PRONI, 1998, p.165). Atualmente, “o futebol se transformara no mais popular esporte coletivo do mundo, o que levaria a FIFA a contar com mais países-membros que a própria ONU⁷” (PRONI, 1998, p.165), evidenciando que o mesmo, agregado aos seus novos paradigmas, extrapola as linhas do campo de jogo, sendo usado para diversos fins além de uma prática esportiva, como por exemplo, o uso do futebol na política de um Estado, o identificando como “tesouro” nacional (OLIVEIRA, 1998; MORORÓ, 2009; MAGALHÃES, 2010; FRAGA, 2011).

À vista disso, vemos a trajetória do “esporte em um espetáculo produzido pela indústria do entretenimento para um consumo em massa” (PRONI, 1998,

⁷ Organização das Nações Unidas.

p.175), o que incide em tudo que se integra à prática esportiva. Nesta realidade imposta, o futebol se apresenta como “um fenômeno de massas típico da sociedade industrial, capaz de suscitar paixões e ufanismos, bem como de compor os valores identitários” (FRAGA, 2011, p. 1).

Basta observarmos o quanto o futebol está presente em nossas vidas. Quantas músicas retrataram o futebol; quantos filmes, peças de teatro e novelas tiveram o futebol como personagem principal ou como cenário para suas tramas; quantas horas diárias a imprensa televisiva e radiofônica gasta com o futebol; quanto espaço diário de jornal é dedicado a este esporte, em detrimento de outros; quantas emissoras de rádio transmitem o mesmo jogo, nas tardes de domingo (DAOLIO, 2000, p. 33).

Sendo assim, o Brasil adotou tal postura que criou fortes laços sociais com a prática futebolística, de forma que “quando ouvimos o hino nacional, a imagem súbita e mais recorrente que nos advém é a da seleção nacional de futebol postada solenemente no campo” (MASCARENHAS, 1999b, p.54). E muitos são os elementos que compõem o seu cenário: as habilidades motoras; a ginga brasileira; os hinos dos clubes; os uniformes; um vocabulário singular; os torcedores; e poderíamos continuar a pontuar, talvez, sem certeza de um fim. Elementos que se afloram em certas ocasiões, como finais de campeonatos e o mundial de futebol, a Copa do Mundo.

Diante de uma Copa do Mundo de Futebol, o país prepara-se para o evento de uma forma mais intensa do que faria em qualquer competição de outra modalidade esportiva. Nesse momento, podemos confirmar a importância que o futebol possui no Brasil, ocupando o papal de esporte número um, ou seja, “paixão nacional”. É o chamado esporte bretão o que mais movimenta as massas, mobilizando a energia torcedora de cada um dos brasileiros. Numa época de Copa do Mundo, é o futebol que acaba atualizando e renovando o espírito da nação, aliás, tão pouco praticado ultimamente pelo sofrido povo brasileiro (DAOLIO, 2000, p. 29).

Dos mais intensos sentimentos aos componentes que formam o futebol, o estádio se configura como uma peça fundamental na composição deste esporte, porque é nele em que as emoções e frustrações são vivenciadas *in loco*, sendo importante investigar mais a fundo o que vem a ser esse elemento que, junto com as mudanças da sociedade contemporânea, das trajetórias esportivas e,

especificadamente, do futebol como um espetáculo de massa, se transforma ano após ano.

3.2 TREINAMENTO: SOBRE INSTALAÇÕES PARA EXPERIÊNCIAS DE LAZER

As instalações para experiências de lazer, como as práticas corporais, não são elementos exclusivos do século XXI. Desde as antigas civilizações gregas, “as tipologias da arquitetura clássica como o ginásio, a terma, o teatro, o estádio, o hipódromo e o anfiteatro caracterizavam as atividades de lazer do mundo antigo” (CERETO, 2003, p. 08), evidenciando que não apenas usavam outros tipos de ambientes, como ruas, lagoas, áreas verdes, dentre outras, mas que havia a necessidade de construções específicas para as diversas manifestações, como as de celebrações e rituais religiosos (AMARAL; BASTOS, 2011).

Para entendimento do que seriam as experiências de lazer, adotaremos o conceito de Mascarenhas (2003), que compreende o lazer como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (MASCARENHAS, 2003, p.97). Mesmo que esta conceituação permeie nos tempos modernos, podemos fazer inferências com as práticas realizadas nos séculos passados, e principalmente, relacionar com as práticas desenvolvidas atualmente nas instalações modernas para experiências de lazer.

Visto isso, com profundos interesses pelas práticas corporais, os gregos iniciavam a trajetória das construções para experiências de lazer com dois principais modelos arquitetônicos que inspirariam futuras obras na sociedade

Os precursores dos estádios modernos foram os hipódromos e os estádios gregos, construídos nas cidades onde se realizaram os primeiros Jogos Olímpicos desde o século VII a.C. Alguns seguiam o padrão dos teatros gregos, com as arquibancadas recortadas em colinas, de forma que os assentos tivessem uma visibilidade natural para o local da competição. Outros eram executados em terrenos planos. Nesse caso, a área de competição era ligeiramente rebaixada, proporcionando melhor visibilidade para o público. Exemplo desse tipo é o Estádio Olímpico de Atenas. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2011, p. 29).

Tanto os estádios gregos quanto os hipódromos, se destacam por utilizar da topografia do ambiente a favor de suas construções, como é o caso das arquibancadas nas colinas, e a edificação em formato de “U” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2011), que nos anos mais atuais, não se tornaria tão interessante para se acomodar uma maior quantidade de espectadores.

Já no Império Romano, as construções para experiências de lazer serviriam para desviar a atenção da população das atrocidades cometidas pelo império, voltando-se o olhar e interesse do povo para diferentes práticas, principalmente as corporais (AMARAL; BASTOS, 2011), “a pobreza intelectual e a carência espiritual do povo faminto faziam que lotassem as dependências do anfiteatro romano, na expectativa da distração e da distribuição por parte do imperador de vinhos e guloseimas” (CERETO, 2003, p. 17). Uma das construções romanas que marcou esta época foi o Anfiteatro de Flávio. Um dos principais pontos turísticos mundiais, o Coliseu – nome mais popular deste anfiteatro, localizado em Roma – é um marco pelas famosas lutas de gladiadores e sua impressionante estrutura

Com capacidade para 50.000 pessoas sentadas, possuía uma grande quantidade de acessos para o público, inclinação das arquibancadas que permitiam boa visão dos espetáculos, sendo planejada e equipada de forma a permitir uma grande diversidade de atrações, com elevadores de palco, rampas de acesso, e amplitude de acessos internos capazes de colocar em cena grandes equipamentos cênicos (barcos, bigas, etc.) (ARAÚJO, 2008, p. 553).

Mesmo construído na Era Cristã, esse anfiteatro⁸ já indicaria certa modernidade arquitetônica (ARAÚJO, 2008), e o resgate do termo “arena”, sendo este um “termo latino para “areia” ou “área de areia” e se refere à areia que era espalhada no local para absorver o sangue derramado” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2011, p.29), fato em decorrência das lutas que aconteciam neste local. “Essa nova tipologia possibilitava acomodação maior de público que o teatro grego, além de favorecer maior espaço na arena para as atividades de lutas” (CERETO, 2003, p. 18), demonstrando que, mesmo por interesses políticos da época, a

⁸ Tipologia dada como “tipo de estrutura sem precedentes gregos conhecidos. Tal não é surpreendente, uma vez que sua finalidade fundamental era de acomodar os expectadores de lutas entre gladiadores e outras exibições violentas as quais Atenas por muito tempo recusou a tolerar” (ROBERTSON, 1997, p.335 *apud* CERETO, 2003, p.19).

presença do público como espectador seria de suma importância para as alterações arquitetônicas nos locais de práticas para experiências de lazer.

Entretanto, o cenário estaria para ser alterado. A queda das cidades romanas, assim como de seu império, aconteceu com o domínio dos povos bárbaros, e, juntamente na Idade Média, a igreja seria a principal detentora do poder, designando para a população as práticas corporais que não eram vistas como pagãs. Deste modo, as experiências de lazer foram ofuscadas, em conjunto com suas instalações (CERETO, 2003; AMARAL; BASTOS, 2011; ARAÚJO, 2008). Seriam quinze séculos entre os grandiosos anfiteatros romanos até as novas possibilidades de instalações para experiências de lazer que emergem a partir do século XVIII. Junto às mudanças advindas com a Revolução Industrial, “o esporte passa novamente a ter importante papel na sociedade, pois esta voltou a se preocupar com a saúde e a qualidade de vida” (AMARAL; BASTOS, 2011, p.1).

Incorporados novamente na sociedade, os esportes ganham notória atenção e se popularizam em diferentes regiões do mundo, como corrobora Araújo (2008)

As práticas esportivas ressurgiram através de velhas práticas como a esgrima, os esportes eqüestres, o tiro, bem como pela criação de novos esportes que, em poucas décadas, tornaram-se extremamente populares. Na Europa, o rúgbi, o cricket, e o futebol, e nos EUA o beisebol, conquistam cada vez mais popularidade. Novos públicos são formados, exigindo estádios compatíveis com o aumento da audiência. A retomada do ideal olímpico e das Olimpíadas modernas, é o impulso que restava para que os esportes, como nos tempos da Grécia Antiga, readquirissem a importância dentro da sociedade moderna (p. 553).

Devido as suas proporções de público e nova conotação em meio à configuração da época, os Jogos Olímpicos modernos abriram portas para novas instalações para experiências de lazer, em especial as esportivas, e popularização de diversas modalidades, dentre elas, o futebol.

A organização dos praticantes, em 1904, foi concretizada com a criação da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), entidade responsável por modificar regras se necessário, dos ajustes feitos no campo, principalmente em relação à separação de jogadores dos torcedores, e a realização de um campeonato mundial específico para o futebol (CERETO, 2003; HOLZMEISTER, 2005), considerando que os campeões olímpicos eram tidos também como os campeões

mundiais, já que não havia um campeonato particular para a modalidade (CERETO, 2003).

Em 1928, a FIFA anuncia que organizaria sua primeira competição mundial – a Copa do Mundo de Futebol – visto ser, “naquele momento, a maior entidade esportiva do mundo, haja visto o número de filiados e a importância do futebol na sociedade moderna” (CERETO, 2003, p. 29). Assim, organiza este campeonato, com características próximas a dos megaeventos esportivos modernos, os quais, segundo Tavares (2011), se definem por

competições internacionais que reúnem um número de atletas que atinge a casa dos milhares em um espaço de tempo de um mês, no máximo, com potencial de impacto em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica (p.16).

Foi com a demanda de adequar-se aos padrões novos que esse esporte e seus eventos estavam requerendo: maior público e maior espaço para a prática. “Esta necessidade fez com que retomassem a tipologia do anfiteatro em pleno século XIX, mas com outra conotação [...] a mais similar estrutura para adaptar as necessidades olímpicas e da prática do futebol” (CERETO, 2003, p. 30).

Assim, “as olimpíadas de Paris e Saint Louis não construíram instalações específicas, mas em Londres, 1908, foi construído o estádio de White City, o primeiro, segundo registros do século XX” (CERETO, 2003, p. 42). Nos Jogos Olímpicos seguintes, no ano de 1912, sediados em Estocolmo, Suécia, foi o marco definitivo para a construção de complexos esportivos específicos.

Contudo, há diferenciações das dimensões espaciais entre as instalações esportivas olímpicas e as de futebol: enquanto as primeiras continham pistas de corrida e demais áreas para práticas atléticas⁹; as segundas viram a inevitabilidade de ceder parte da pista de corrida para o campo de futebol (CERETO, 2003). Em decorrência dessas necessárias mudanças, do local esportivo e amplitude de evento, a primeira Copa do Mundo FIFA, realizada no Uruguai em 1930, apresentou o Estádio de Montevideu construído para sediar o mundial de futebol e, também, comemorar os cem anos de independência do país (CERETO, 2003). Mas “em função de fortes chuvas durante sua construção, o estádio só ficaria concluído cinco dias antes da abertura, com capacidade de 95.000 espectadores” (CERETO, 2003,

⁹ Saltos, arremessos de peso e dardo, corridas, entre outras.

p. 52). Demora esta que, anos mais tarde, se repetiria em inúmeras Copas do Mundo.

Depois do mundial de 30, seriam apenas sete anos para a construção de um estádio exclusivo para a prática do futebol: o estádio de Rasunda, localizado na Suécia, com arquitetura retangular, possibilitaria, a partir deste modelo, uma melhor adequação no meio urbano (CERETO, 2003). Deste estádio em diante, muitos outros foram construídos para a prática profissional do futebol, como o: estádio de Rotterdam (Holanda), estádio Azteca (México), estádio Olímpico de Helsinque (Finlândia), estádio Olímpico de Roma (Itália), estádio Olímpico de Munique (Alemanha), dentre outros exemplos, como é o caso dos estádios de futebol brasileiros.

Construído em meio ao amadorismo do futebol nos primeiros anos do século XX, o primeiro estádio brasileiro, o Estádio das Laranjeiras, localizado no Rio de Janeiro, era a casa do Fluminense Football Club. Em seguida deste fato, outros estádios foram construídos por times de futebol: o Palestra Itália, em que o proprietário do local é a Sociedade Esportiva Palmeiras; o São Januário com ligação ao Clube de Regatas Vasco da Gama; e o Luso pertencente à Portuguesa de Desportos, caracterizando o Brasil pelo clubismo em relação a construção de estádios particulares (CERETO, 2003).

Dos estádios brasileiros, o Jornalista Mario Filho – Maracanã – é o estádio com mais reconhecimento. Desde seu projeto, elaborado em 1938, para sua concepção, o governo já demonstrava o interesse em construir o maior complexo esportivo da América do Sul para a Copa do Mundo FIFA. Entretanto, com o decorrer da Segunda Guerra Mundial, as Copas de 1942 e 1946 não aconteceram, não obstante, possibilitando ao Brasil se candidatar como país sede para o Mundial de 1950, viabilizando o projeto do complexo esportivo no ano de 1947 que contava “além do estádio, o Parque Aquático Júlio de Lamare, o estádio de atletismo – Célio de Barros, o Ginásio Poliesportivo – Gilberto Cardoso, conhecido como Maracanzinho” (CERETO, 2003, p. 117). Atualmente, o Estádio do Maracanã tem várias modificações, comparado ao que foi projetado inicialmente, principalmente em relação aos padrões que a FIFA estabelece nos critérios de segurança, como a redução da capacidade total, de 200 mil espectadores para o número de 74 mil¹⁰.

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://pt.fifa.com/worldcup/destination/stadiums/stadium=214/>. Acesso em: 28 fev. 2015.

Seja nos estádios brasileiros ou estrangeiros, “o conceito principal e que norteia os projetos contemporâneos é o da multifuncionalidade” (ARAÚJO, 2008, p. 554), deixando no passado a especificidade que os espaços destinados para o futebol requeriam, e apresentando aos novos estádios a adoção, como caráter principal, de exercer várias funções, além do futebol. Nessa perspectiva, o termo arena ressurgiu como sinônimo de um local que possibilita vários usos desta instalação esportiva, “a arena dentro deste conceito multifuncional passa a ser a ancora de um grande complexo centrado no entretenimento; forja-se então o conceito arquitetônico de “estado da arte” no setor esportivo” (ARAÚJO, 2008, p. 555).

O primeiro estádio brasileiro a ser referência nesse arquétipo, seguindo os moldes europeus, foi o centenário Estádio Joaquim Américo Guimarães, a conhecida “Arena da Baixada”, localizada em Curitiba-PR. “Em meados dos anos 90, a diretoria do CAP decidiu que o clube necessitava de um estádio mais condizente e decidiu demolir seu antigo campo. Em 1999 foi inaugurada a nova casa do Atlético” (HOLZMEISTER, 2005, p. 93-94), sendo que

Na maioria das vezes que a imprensa debate a questão dos estádios brasileiros, a “Arena da Baixada” é considerada a referência. Prova é a sua utilização pela Confederação Brasileira de Futebol como modelo de estádio para a campanha para a realização da Copa do Mundo de 2014. (CAPRARO, 2004, p. 146).

Campanha feita e executada com êxito, pois em 2014, a “Arena da Baixada” recebeu quatro jogos do Mundial. Contudo, apesar das modernas e grandiosas reformas feitas para o referido campeonato, as mudanças de ordem social e dos espaços de lazer da cidade também se apresentam como um marco neste processo, porém, na sua grande maioria, não de forma positiva (RECHIA; SILVA, 2013).

No momento presente, o novo conceito de arena permeia várias construções esportivas pelo mundo, contudo em sua essência o estádio continua tendo como principal característica/função a prática do futebol. Veremos a seguir alguns exemplos de referências mundiais quando o assunto tratado são estádios de futebol.

3.2.1 Na cara do gol: estádios europeus de referência

No mundo do futebol profissional, o local dos jogos pode atrair pessoas por diferentes razões: os jogadores, o campeonato, a estrutura, a história, dentre outros fatos. Contudo, a combinação de grandes times com uma história forte são razões convictas para se erguer grandes estádios.

Em diferentes países do mundo podemos observar estádios de respeito, como já comentado no tópico anterior, mas dois se destacam: o Camp Nou, estádio do espanhol FC Barcelona, e a Allianz Arena, casa do alemão FC Bayern München. Muito diferentes em questão de estrutura, as equivalências aparecem na grandiosidade dos estádios, dos históricos campeões em diversos campeonatos, de ídolos no decorrer dos clubes e de já terem sediado Copas do Mundo.

O Camp Nou (FIGURA 1), que em português entende-se por “campo novo”, é localizado na cidade de Barcelona, região da Catalunha, sendo casa do FC Barcelona desde 1957.

FIGURA 1 – O ESTÁDIO CAMP NOU



Fonte: A autora, 2013.

Com as escritas catalãs em suas arquibancadas: “més que um club” (Mais que um clube), o grandioso Camp Nou tem uma capacidade para quase 100 mil pessoas e inaugurou a Copa do Mundo de 1982. A identidade criada com este local muito se dá ao clubismo cultivado pelo time e também da reafirmação da cultura catalã na Espanha (RIGO; TORRANO, 2013).

Com possíveis mudanças para acontecer, no ano de 2014 foram anunciadas transformações de ordem estrutural no estádio do Barcelona, que conta com

aumento da capacidade de público, cobertura total das arquibancadas e replanejamento da estrutura esportiva com a cidade (FC BARCELONA, 2014). Sendo notório que a modernização de suas estruturas é inevitável para se continuar grande no mundo do futebol, e a harmonia com o urbano faz parte dessa obra.

Outras composições fazem com que este estádio tenha um *més* em sua referência. O museu que se encontra dentro das dependências do estádio narra o percurso histórico do time, dos uniformes, jogadores, evolução em campeonatos, até mesmo apresenta uma pedra do primeiro campo que comportava jogos do FC Barcelona, *Les Corts*, e deu lugar ao embrionário Camp Nou de 1957. Dentro do mesmo museu, ainda se encontra uma parte dedicada a outras modalidades do Barcelona, como basquete, handebol e futsal, além de conteúdos interativos que revivem momentos de glória do FC Barcelona fora e dentro do Camp Nou. A loja oficial também atrai diversos turistas e amantes do time catalão e é posta, convenientemente, ao final do tour que é possível ser feito no estádio.

Todos esses elementos citados, além de outros, compõem o complexo esportivo do Barcelona em que tem um ginásio de esportes (para sediar as partidas de basquete, handebol e futsal), um estádio de futebol menor para sediar partidas do time da categoria B do FC Barcelona, um ringue de patinação para hóquei, lojas de alimentação. Esse complexo, sendo o Camp Nou o principal atrativo, é um dos pontos turísticos da cidade, evidenciando que os feitos do FC Barcelona, tanto em campeonatos regionais, como mundiais, credenciam o time catalão e sua casa como visita certa da região da Catalunha.

De certo modo, a Allianz Arena também compartilha com o Camp Nou a alcunha de ser um atrativo turístico, mas para a região de Munique, na Alemanha. O estádio, construído entre 2002 a 2005, feito especialmente para a Copa do Mundo de 2006, conta com três mandantes oficiais de campo: o FC Bayern München, o TSV 1860 Munique e a Seleção Alemã de Futebol.

Mesmo após uma década de sua construção, a Allianz Arena (FIGURA 2) é considerada um dos estádios mais modernos do mundo, principalmente por sua estrutura multifuncional, iluminação, conforto (cadeiras marcadas e cobertura das arquibancadas) e acessibilidade.

FIGURA 2 – ALLIANZ ARENA



Fonte: A autora, 2013.

Com três times distintos mandando jogos no estádio e cada um possuindo cores diferentes, a solução encontrada foi com a iluminação diferenciada que pode ser feita no layout do estádio (FIGURA 3). E também, caso o estádio venha a receber outros jogos ou eventos, pode se iluminar com a cor que for necessária. Dentro do estádio, também pode ser vista uma neutralidade quanto aos escudos dos times e cores das cadeiras, sendo estas cinzas.

FIGURA 3 – MAQUETE DA ALLIANZ ARENA ILUMINADA



Fonte: A autora, 2013.

A modernidade de estrutura e estética trazida pela Allianz Arena acompanha também o planejamento urbano a qual foi inserida. Arruda (2009) o elenca como um “estádio ilha”, o qual se encontra numa região mais afastada do centro da cidade, mas que possui um ótimo acesso de automóvel, por estar perto das autopistas, e por ter um via de metrô exclusiva para o estádio.

A sua localização influencia a forma destes estádios, que não tendo preocupação com a inserção urbana, podem ter formas mais livres.

Estes recintos desportivos apareceram com a crescente necessidade de espaço, facilidade de acessos e aumento da capacidade de espectadores (ARRUDA, 2009, p. 33).

O distanciamento tem um sentido geográfico para não interferir no meio urbano e permitir que as estruturas do estádio sejam grandes, podendo usufruir dos toques modernos feitos em sua construção e da grande capacidade de torcedores, equivalente a 71 mil pessoas. Outro aspecto moderno é o uso do *naming rights* para concessão do nome do estádio, feito pela seguradora Allianz. Esse tipo de nome comercial dado a um local “representa um negócio jurídico pelo qual uma pessoa física ou jurídica adquire o direito de denominar um determinado equipamento ou evento, público ou privado, durante certo período de tempo, mediante o pagamento de uma contraprestação” (URBANO, 2013, p. 4).

Assim como o Camp Nou, a Allianz Arena possui praça de alimentação e um museu sobre o FC Bayern München, time de grande visibilidade mundial no cenário futebolístico. Pode-se fazer o tour guiado pelo estádio, o qual igualmente termina com uma visita na loja oficial do time alemão.

Tanto a Allianz Arena como o Camp Nou compartilham de serem pontos turísticos concretos de suas cidades, casas de grandes times europeus, estádios de infraestrutura imensa e moderna, os quais já abrigaram Copas do Mundo no passado, mas que ainda são referência para futuros estádios de futebol.

Com isso, conhecer as diversas variações de estádios na contemporaneidade é enriquecedor para a análise dos mesmos, e mais, explorar as dimensões conceituais de equipamento, espaço e lugar, no âmbito do lazer, é imprescindível para uma reflexão mais profunda, dada a importância desse tipo de instalação esportiva na sociedade moderna.

3.3 ESCALAÇÃO: CONCEITOS DE EQUIPAMENTO, ESPAÇO E LUGAR

Para iniciarmos a discussão acerca de uma possível conceituação do que seria o estádio, adotaremos a concepção multifuncional dessa instalação para experiências de lazer nos moldes modernos, como abordado na seção anterior.

A primeira conceituação que trataremos é de equipamento. Divididos, segundo Marcellino (2012), em duas grandes categorias: equipamentos específicos e equipamentos não específicos de lazer. Para os equipamentos específicos, o

mesmo autor os entende como os que são “especialmente concebidos para a prática das várias atividades de lazer” (p. 35), podendo ser exemplificados por teatros, cinemas, centros esportivos, entre outros. Assim, surge tipo de diferencial entre as categorias, em que o de caráter não específico seria um equipamento “não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la. Nessa mesma categoria figuram os bares, as ruas, as escolas, etc.” (MARCELLINO, 2012, p. 32).

Dentre os dois conceitos previamente apresentados, os estádios se enquadrariam como equipamentos específicos, considerando que sua concepção, primeiramente, foi a de ter um local exclusivo para determinadas práticas esportivas. Stucchi (1997), em conjunto com as ideias de Camargo (2008), delimitou três grupos distintos de equipamentos específicos, de acordo com sua dimensão física e sua função, sendo eles: equipamentos especializados, equipamentos polivalentes (subdivididos em: dimensões médias e grandes) e equipamentos turísticos.

Ao analisarmos as características de cada grupo citado, o conceito dos equipamentos polivalentes grandes é o que mais se emolduraria no que diz respeito aos estádios modernos, por serem “destinados a atendimento de massa, em uma programação diversificada, abrangendo variados interesses socioculturais. Com instalação de grandes dimensões e grande capacidade” (STUCCHI, 1997, p. 115), podendo atender ao público de toda uma região, que se diversifica conforme as atividades propostas. Com isso, uma discussão sobre equipamentos de lazer, específicos ou não, não deve ser feita em distanciamento do meio urbano, pois

Os equipamentos de lazer fazem parte do desenho da cidade moderna, isto é, são formas urbanas concretas sobre as quais operam forças de ordem econômica e política. Dessa maneira, ao mapear uma cidade e os equipamentos de lazer que nela existem, contrastes urbanos diversos se fazem claros aos nossos olhos: áreas nas quais os equipamentos são abundantes, variados e bem conservados e áreas nas quais eles são raros e malconservados, áreas de fácil acesso e áreas de difícil acesso, equipamentos superlotados e equipamentos subutilizados. (DE PELLEGRIN, 2004, p. 72).

Dessa maneira, os equipamentos de lazer constituem parte das cidades, sendo estes elementos indispensáveis de análise, já que “todo equipamento está situado, de alguma maneira, dentro de uma certa proximidade de setores

residenciais ou projeto para que determinada população usufrua de suas instalações” (STUCCHI, 1997, p. 112). No caso dos estádios de futebol, a FIFA (2011) recomenda que “a localização perfeita seria provavelmente um local em um grande centro urbano com bom acesso ao transporte público, ruas largas e rodovias e estacionamento que pudesse ser usado para outros fins quando não houvesse jogos” (p. 33).

A partir disto, a escolha no ano de 2009 para o estádio Joaquim Américo Guimarães participar da Copa do Mundo de 2014 não foi de forma aleatória. Muito próximo ao centro da cidade de Curitiba e com a possibilidade de se chegar de transporte público, a “Arena da Baixada” realizou diversas transformações de infraestrutura para atender os padrões exigidos pela FIFA e, assim, receber o mundial como um novo estádio, mudanças estas que só foram possíveis após parceria entre o Clube Atlético Paranaense e o poder público.

Confirmando que estes equipamentos específicos, geralmente, se apresentam nos polos urbanos por serem, como defende Camargo (2008), elementos de uma prática muito difundida culturalmente, os estádios, por várias vezes, como feito no estádio da Baixada, firma parcerias de caráter público e privada para realizar novas construções de estádios. Neste viés, os tipos de organizações que financiam as obras podem ser públicas, privadas ou mistas (STUCCHI, 1997). Como dialoga Araújo (2008):

A expectativa de inovação tecnológica e rentabilidade pressuposta para a multifuncionalidade da construção esportiva pode atrair o capital privado. Este pode ser o fator decisivo na reforma e na construção das arenas, dividindo com o Estado o re-aparelhamento da infra-estrutura esportiva brasileira (p. 555).

Tanto o financiamento privado, como o público, trabalhando juntos, pode influenciar vários setores da sociedade, levando, ou não, a um desenvolvimento do cenário da cidade. Porém, as questões tratadas desde o começo do capítulo sobre os equipamentos de lazer nas cidades, estiveram focadas no plano concreto e material. Para discutirmos o espaço, na visão do geógrafo Yi-Fu Tuan, teremos que transcender de uma natureza palpável para a das experiências¹¹ vivenciadas nesse meio. Sobre o que seria o espaço, Tuan (2013) define como

¹¹ Para Tuan (2013, p. 17) “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Para melhor diferenciar

Um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. [...] Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fato: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. (p.49)

No contexto esportivo, os estádios de futebol são espaços que possibilitam essas relações entre as pessoas, em prol das experiências que o mesmo oferta a elas, como encontro entre amigos e famílias; a dialética entre ódio e amor com os jogadores e profissionais; sentimento de fazer parte de uma massa ao cantar o hino do clube; as celebrações de um gol com alguém desconhecido, assim como as violentas rivalidades que extrapolam os muros do estádio (ou até mesmo dentro dele); as frustrações das derrotas; mudanças de ordem social e espacial para suas ampliações (RECHIA; SILVA, 2013), dentre outras possibilidades de experiências. Stucchi (1997) defende essa mesma ideia quando afirma que

No espaço específico das práticas esportivas, as relações entre as pessoas mostram um estado de espírito que passa de um estado invisível acomodado para um estado perceptível, à flor da pele, alterando sua imagem corporal, mostrando mais claramente sua personalidade diante dos desafios da ansiedade, do conformismo, do espírito de luta e da vontade de ultrapassar obstáculos impostos pelo parceiro/adversário e pelo espaço no jogo esportivo (p. 107).

Desta maneira, o que é experienciado no espaço é determinante para estabelecer sua relação com ele, onde no espaço esportivo as emoções são válvulas de escape que podem, ou não, consolidar essa relação. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 2013, p. 14).

Este mesmo autor determina lugar como "uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do

experiência e vivência, Pires (2002) afirma que “a experiência formativa resulta de certo grau de reação pensada, refletida, extraída, incorporada e transformada, enquanto a vivência parece estar mais associada à racionalidade instrumental, como adaptação aos estímulos percebidos” (p. 37).

sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos" (*Idem*, p. 224). Tuan diferencia espaço de lugar a partir da sua familiarização com o local, ou seja, "com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido" (p. 224).

Conforme os indivíduos frequentam os estádios, as relações que os mesmos estabelecem com essa instalação esportiva são importantes para afirmar o estádio de futebol como um "lugar", pois é "onde haverá uma relação social com muitas trocas de experiências, realizações individuais e também frustrações e, o que é mais importante, uma atividade de lazer que faz parte do cotidiano sociocultural das pessoas" (STUCCHI, 1997, p. 110). Neste caso, entre as atividades de multifuncionalidades que os novos estádios ofertam, o futebol se mostra como a principal função. Neste sentido,

A vida dos espaços planejados nas cidades para experiências no âmbito do lazer, do esporte e atividades físicas só se mantém e, portanto, depende do significado que a comunidade lhes atribui. Esse significado muitas vezes está relacionado com as formas de apropriação e o uso no plano da vida cotidiana, gerados ao longo do tempo, tornando-se referencial para o lugar (RECHIA; FRANÇA, 2006, p. 69).

Com isso, a forma com que o indivíduo se apropria do estádio pode ser determinante para o significado que o mesmo dá a este equipamento. Rechia (2003), comenta sobre as relações estipuladas entre as forças sociais que se apropriam dos espaços e as forças políticas que visam promover as cidades e "que estas dimensões estão em permanente dinâmica, sendo necessário considerar o seu caráter dialético para compreendê-las" (RECHIA, 2003, p. 27).

Tais relações sociais e políticas devem considerar todos os tipos de formas de apropriação que os sujeitos podem executar, pois "a metrópole espelha a diversidade que se constitui a partir de hábitos, costumes, culturas particulares que criam bairros diferenciados, modos de expressão e formas diferenciadas de apropriação do espaço urbano" (RECHIA, 2003, p. 93). É o que pode ser notado, por exemplo, quando se compara as apropriações dos espaços esportivos destinados ao futebol no Brasil com os espaços de diferentes países da mesma prática, dado a importância e experiência que cada local possibilita em relação ao futebol.

Desta forma, acredita-se na importância social que este esporte tem, assim como o significado que é dado aos seus espaços, pois “esse significado muitas vezes está relacionado com as formas de apropriação e o uso no plano da vida cotidiana, gerados ao longo do tempo” (RECHIA, 2003, p. 14), reafirmando que, a partir da apropriação contínua do espaço, este se torna um lugar de referência para o sujeito.

Entretanto, algumas condições são necessárias para que o sujeito se aproprie efetivamente do espaço. Desta forma, entender a dinâmica deste processo é essencial. Rechia *et al.* (2013) ao discorrer sobre a apropriação de um espaço escolar aponta que as questões de controle do espaço por questões de segurança, do convívio social, da manutenção da estética e dos equipamentos do local, do acesso e das formas de organização que o espaço têm interferem no modo que os sujeitos se relacionam com o espaço, “o que poderia corresponder à transformação dos espaços em lugares, em que o vínculo afetivo entre as pessoas e o ambiente tornar-se-ia carregado de significados” (p. 13).

De fato, “as formas de apropriação, os usos cotidianos e as maneiras de frequentar um lugar é que dão significado aos espaços” (RECHIA, 2006, p. 102). Outro pensamento interessante é que os espaços estão em constante mudança pela interferência do homem. Milton Santos (2012) explica que a lógica de configuração territorial é afetada pela materialidade humana, mas que as relações sociais é que a determinam.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS, 2012, p. 62).

A partir desta ideia, podemos perceber que o espaço pode ter sua força, mas que, com o desenvolver das relações sociais e apropriação do espaço, os sujeitos constituem uma “força do lugar”, fruto das experiências, relações, identidade e significados que cada um estabelece com o lugar. Mesmo entendendo que “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de

virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual” (SANTOS, 2012, p. 317), as relações humanas se sobrepõem a materialidade da realidade, e é o que dão vida ao espaço.

Dessa forma, podemos resumir que o lugar é fruto das relações sociais, dos significados dados, dos laços estreitados ao longo do tempo, o que se dá a partir da apropriação dos sujeitos no espaço.

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2012, p. 322).

Assim, o estádio pode ser um lugar que exalte as paixões humanas, parte pelo futebol, parte pelas relações estabelecidas dos sujeitos. A apropriação do estádio possibilita criar diversas manifestações humanas, importantes de serem vistas mais de perto. E, quando há transformações de infraestrutura e funcionalidade neste equipamento de lazer e esporte podem alterar diferentes fatores, principalmente os de ordem social.

Pelo que vimos de longe e do alto, o estádio de futebol se estabelece, concretamente, como um equipamento específico polivalente grande, mas que quando analisado de baixo e de perto, no âmbito das experiências vivenciadas e suas formas de apropriação, o estádio pode variar em sua conceituação, pois cada sujeito estabelece uma relação única com este, e somente o indivíduo que participa desta realidade poderá delimitar em qual definição se enquadra o estádio a partir do vínculo afetivo estabelecido.

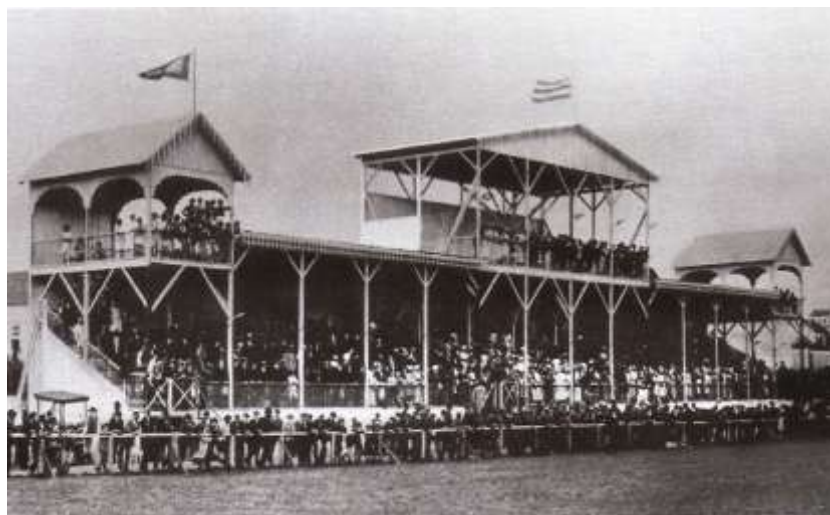
A partir do que foi visto até então no referencial teórico, no próximo capítulo veremos como o Estádio Joaquim Américo Guimarães, localizado na capital do Paraná, casa do time rubro-negro Clube Atlético Paranaense se constituiu ao longo do tempo.

4 EM CAMPO: O ESTÁDIO JOAQUIM AMÉRICO GUIMARÃES

Em 1913, a cidade de Curitiba abrigaria mais um estádio de futebol. Na região do bairro Água Verde, Joaquim Américo Guimarães, fundador do antigo Internacional Foot-Ball Club, alugaria uma chácara para construção de um estádio onde, futuramente, sediaria um dos estádios mais modernos da América Latina. Entre os anos de 1913 a 1923, o estádio Joaquim Américo Guimarães seria casa do Internacional Foot-Ball Club até então, mas que, em uma fusão com o time América Foot-Ball Club no ano de 1924, abriria as portas para o novo Clube Atlético Paranaense (CAP) adentrar em sua casa (CAPRARO, 2004; MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010).

Concretizada a fundação do novo clube de cores rubro-negras da capital paranaense, o estádio Joaquim Américo Guimarães começaria sua história atrelada ao CAP. Localizado num terreno de baixada no Água Verde, este estádio que em sua primeira construção comportava mil pessoas (FIGURA 4), passou por algumas transformações para ser o que é hoje.

FIGURA 4 – O ESTÁDIO JOAQUIM AMÉRICO GUIMARÃES EM 1913



FONTE: MACHADO e SZAKOWSKI, 2014, p. 13.

Das arquibancadas de madeira de 1913, para as de concreto de 1937, o Estádio da Baixada requereria mudanças para comportar os novos moldes do futebol brasileiro, assim como ofertar mais espaço para seus espectadores. Desse modo, em 1967, novas partes das arquibancadas, vestiários e alambrados foram inseridos e o gramado trocado. Não obstante, o ano de 1980 traz novas reformas, no intuito de ampliar ainda mais a capacidade de lotação, sendo que ao final das

melhorias de iluminação, cobertura e arquibancadas, com e sem cadeiras, o primeiro jogo após tais feitos contabilizou 17.122 pagantes.

Todavia, os problemas financeiros e de gerenciamento do clube paranaense rubro-negro chegaram a campo. Segundo Machado, Hoerner Júnior e Fagnani (2010), de 1986 a 1994, o Estádio Joaquim Américo Guimarães entraria num processo de reconstrução, com confusos motivos. Passados quase dez anos sem jogos na Baixada, o Clube Atlético Paranaense mandou seus jogos em outro estádio da cidade, o Pinheirão, finalizando suas ações nele em 1994, quando acontece a reinauguração do estádio do CAP com o apelido de “Farinhacão” (FIGURA 5), devido à diretoria da época estar nas mãos de José Carlos Farinhaque.

FIGURA 5 – NOVAS ARQUIBANCADAS E SOCIAL DA BAIXADA DE 1994



FONTE: MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 45.

Em três anos, tudo estaria para mudar. O ano de 1997 foi marcado por ver o recém-reformado Estádio Joaquim Américo Guimarães ser demolido. Tudo o que havia sido aperfeiçoado fora destruído, porém a intenção da nova diretoria do clube era construir o mais moderno estádio da América Latina, na perspectiva das novas arenas.

O novo corpo diretor do Clube Atlético Paranaense, composto por Mario Celso Petraglia e comissão executiva, foi decisivo para esta nova mudança, que a partir de viagens ao continente europeu, estava destinado a reerguer um estádio aos moldes dos já existentes na Europa (CAPRARO, 2004; HOLZMEISTER, 2005; MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010). Ao longo das obras, que duraram um pouco mais de dois anos, foi criado um mirante para que os torcedores do clube mandante e curiosos sobre a obra pudessem acompanhar o progresso que se estabelecia.

A inauguração no novo estádio, que ficaria conhecido popularmente, desde então, como “Arena da Baixada”, se realizou no dia 24 de junho de 1999. Na ocasião, o jogo que abriria a nova fase do antigo estádio Joaquim Américo Guimarães seria um amistoso contra a equipe paraguaia Cerro Porteño. Com vitória do CAP por 2x1, a noite foi marcada não somente pela vitória do time paranaense, mas pela volta e nova estrutura do estádio da Baixada (MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010). Com lojas, restaurante, academia de ginástica e elevador panorâmico, a “Arena da Baixada” se molda nos conceitos de multifuncionalidade que esse novo arquétipo esportivo requer (CERETO, 2003; HOLZMEISTER, 2005; ARAÚJO, 2008).

Mais uma prova disto, seria a utilização, a partir de 2005, da denominação de Kyocera Arena (FIGURA 6), primeiro *naming rights* utilizado no Brasil para designar um estádio de futebol. No caso da Baixada, o contrato se estabeleceu por três anos.

FIGURA 6 – FACHADA DA “ARENA DA BAIXADA” COM O NAMING RIGHTS “KYOCERA ARENA”



FONTE: MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 45.

Contudo, Holzmeister (2005, p. 97) expõe algumas características da nova arena paranaense, no início dos anos 2000, que a identifica, mesmo com inspirações nos padrões europeus, como um estádio brasileiro:

[...] as arquibancadas são separadas do campo por um alambrado de ferro pontudo – estrutura banida dos campos ingleses após as recomendações do Relatório Taylor em 1990. Entre o campo e esta cerca foi construído um fosso, solução tipicamente brasileira para evitar a invasão de campo pela torcida, estrutura também presente

em estádios como o Maracanã, o Mineirão, em Belo Horizonte, e no estádio Couto Pereira, também em Curitiba.

Com atributos diferentes dos estádios da Europa e com capacidade por volta dos 32 mil espectadores, a Copa do Mundo FIFA estaria para modificar, novamente, o cenário. Em Zurique, 2007, o Brasil foi anunciado novamente como país-sede do mundial de futebol, e dois anos mais tarde, em 2009, são apresentadas as doze cidades que sediariam os jogos da Copa do Mundo FIFA de 2014, dentre elas, Curitiba estava inclusa (O GLOBO, 2013).

Assim, para a realização dos quatro jogos, “Governo do Estado, Prefeitura Municipal e Clube Atlético Paranaense passaram a atuar de forma decisiva e irmanados para trazer a Copa do Mundo de 2014 para Curitiba, cuja confirmação aconteceu no dia 31 de maio de 2009” (MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010, p. 248). “Dentro dos padrões da FIFA, o estádio Joaquim Américo Guimarães, remodelado, estará sendo palco de partidas para a Copa do Mundo de 2014” (MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010, p. 289).

Das transformações iniciadas em 1913 até a realização da Copa do Mundo de 2014 (FIGURA 7), a “Arena da Baixada” continuará como um dos equipamentos esportivos constitutivos do meio urbano. Nesta direção, o próximo item do trabalho apresentará como se constituíram as categorias de análise a partir dos instrumentos utilizados nesta pesquisa.

FIGURA 7 – NOVOS PADRÕES DA BAIXADA PARA A COPA DO MUNDO 2014



FONTE: A autora, 2014.

5 CONCENTRAÇÃO: SURGIMENTO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após percorrer um caminho por pontos importantes relacionados à temática deste estudo, foram feitas análises dos diários de campo realizados no Estádio Joaquim Américo de Guimarães e dos registros fotográficos, assim como das entrevistas efetivadas com os frequentadores, historiadores e um gestor da cidade de Curitiba na busca de assuntos similares e de recorrentes nos instrumentos de pesquisa.

É importante destacar que as entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa foram feitas no intuito de reforçar os dados de referenciais teóricos, observações e registros fotográficos cometidos ao longo do estudo. Assim, possibilitou suceder inferências sobre este equipamento de lazer e esporte da cidade de Curitiba.

A fim de conservar a identidade dos participantes da pesquisa, cada entrevistado será chamado por um respectivo número, por exemplo, “Frequentador 1”, “Historiador 2”. De modo algum a sequência numérica corresponde a algum tipo de valoração, o intuito foi apenas enumerar os participantes e diferenciá-los ao longo do texto.

O diário de campo, os registros fotográficos e a teoria já exposta deram suporte para análises das questões, em que, a partir disto, foi possível criar quatro categorias de análise, sendo elas: (1) a beleza do morto; (2) composição da festa: a torcida; (3) sociedade do espetáculo; e (4) multifuncionalidade.

Cada categoria buscou explorar temas que surgiram com frequência tanto nas entrevistas realizadas, como nos diários de campo e nos registros fotográficos, juntamente com os debates que vêm sendo feitos sobre o futebol, e principalmente, sobre seus estádios modernos sistematizados na literatura.

6 A BELEZA DO MORTO

Eu gostava do estádio acanhado que tínhamos, depois que fechou e as reformas da Copa do Mundo, perdemos a identidade, seja nas cores das cadeiras, seja pelas faixas, sinto falta do romantismo, faixas penduradas, bandeirão na hora do gol, bandeira no mastro, sorveteiro no meio da galera. Cada estádio tem a sua alma, você sente quando entra. [...] E, agora, sinto uma esfriada neste sentimento, muito no visual, a cor da cadeira, falta algo, não há nenhuma identificação clara do clube (Frequentador 9).

Uma das marcas que temos em nossas vidas são as lembranças que acumulamos ao decorrer do tempo. Quando reportamos essas lembranças a determinados espaços, alguns aspectos são de maiores atenções. Especificadamente, a representação que o antigo estádio Joaquim Américo Guimarães de 1994 deixou é de que o antigo campo do Atlético-PR deu lugar a uma nova casa no ano de 1999, na qual até sua nomenclatura passou a ser nova, de estádio para a “Arena da Baixada”. E que, em 2014, foi um dos palcos para a Copa do Mundo.

Seja no passado ou no presente, o estádio se configura como um lugar de emoções, a partir da prática esportiva do futebol. Dessa forma, a representação do estádio é singular para cada sujeito, transitando pelas diferentes sensações que este lugar pode proporcionar. Sobre esta questão, um dos frequentadores relata qual a sua percepção sobre o que frequentar o estádio do seu time representa

Representa muitas coisas boas e ruins. Lembranças negativas, quando o time perde, o outro time conquista o campeonato, as lembranças boas mexem com as emoções, reuniões familiares e de amigos, tornando momentos únicos. O estádio é propício para isso quando há boas intenções. O estádio proporciona alguns momentos, como abraços em desconhecidos, cantar e vibrar, uma mescla de emoções (Frequentador 4).

O “Caldeirão”, expressão usada para se referir à pressão que a torcida atleticana exercia dentro do estádio sobre os times, criou vínculos fortes com seus torcedores, sendo lembrado até mesmo na hora do gol.

Naquela época, que eu sei, o único clube que tinha uma ligação forte com o estádio era o próprio CAP, sendo que no momento mais forte e de êxtase do futebol, que é o gol, as pessoas comemorem com “uh caldeirão”, ou seja, eu não faço alusão ao clube, eu faço alusão ao estádio, e nem precisavam usar o estádio pra isso, porque teve uma época que jogou no Pinheirão, nos anos 99, e se falava “uh

caldeirão" do mesmo jeito. É muito mais forte esse sentimento de identificação com o estádio no Atlético-PR do que com outras equipes (Historiador 2).

Entretanto, com as mudanças de infraestrutura necessárias para a modernização da "Arena da Baixada", em prol da Copa do Mundo FIFA, alguns elementos enraizados na memória e cultura dos frequentadores do estádio se modificaram.

Dentre os 20 frequentadores entrevistados, 13 questionaram a ausência das cores rubro-negras no estádio, considerando que essas faziam parte da identificação dos torcedores atleticanos com este lugar (FIGURA 8). Outros frequentadores comentaram sobre a proibição dos "bandeirões" de mastro usados pelas torcidas organizadas nas arquibancadas, e que esse adereço compunha parte do espetáculo. Outras menções feitas foram em relação às lanchonetes, tradição do estádio, e que com a reforma para o campeonato mundial foram retiradas. A Praça Afonso Botelho, vizinha do estádio, também foi ponto debatido acerca de suas reformas, pois as mudanças em seus equipamentos e espaços de lazer e esporte, tanto na retirada das cores rubro-negras e antigos estabelecimentos que existiam no estádio modificou a dinâmica de uso da praça referente às formas de apropriação.

FIGURA 8 – "ARENA DA BAIXADA" ANTES E DEPOIS DA COPA DO MUNDO 2014



Fonte: MACHADO e SZAKOWSKI, 2014, p. 37; A autora, 2014.

Tudo isto se refere ao que existiu por alguns anos e hoje já não se têm mais. Michel de Certeau (1995), em um de seus trabalhos chamado "A Beleza do Morto", explica como determinada cultura/arte, como, pinturas, composições, literatura, etc., só é aceita após a morte de seu autor ou de seu alvoroço social, enquanto viva não é tão lembrada tanto quanto morta.

Fazendo uma analogia com as teorias de Certeau, podemos ver que os elementos do estádio da Baixada, como suas cores vermelho-preto e antigos estabelecimentos, são mais revividos hoje nas suas ausências.

Sem dúvida, será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ela falará da ausência ou da sua carência, e explicá-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tal momento. Apoiada no desaparecimento cujo vestígio ela carrega, visando a inexistente que ela promete sem dar, ela permanece o enigma da Esfinge. Entre as ações que simboliza, ela mantém o espaço problemático de uma interrogação (CERTEAU, 1995, p. 82).

É a partir do desaparecimento que muitas indagações foram feitas. O retratado do que era a antiga “Arena da Baixada”, o que havia nela e fazia parte do show, hoje é lembrado como pontos nostálgicos, sendo diferentes para cada sujeito da pesquisa.

Na sequência, iremos ver, especificamente, quais elementos foram mais recordados pelos frequentadores entrevistados, debatidos pelos historiadores e pelo gestor da Copa do Mundo na cidade de Curitiba, a fim de encontrar uma posição sobre as mudanças feitas nos elementos que constituem o estádio Joaquim Américo Guimarães.

6.1 AS CORES RUBRO-NEGRAS: IDENTIDADE¹² DA TORCIDA

Dos frequentadores entrevistados, 80% deles comentaram sobre as cores do Clube Atlético Paranaense no estádio, sendo que 65% considerou desfavorável a ausência das cores rubro-negras, e 15% aprovaram a ideia da neutralidade do estádio.

Antes das reformas para a Copa do Mundo, a fachada da “Arena da Baixada” era composta por vitrais e azulejos vermelhos e pretos, que se destacavam no cenário urbano. Atualmente, a frente do estádio possui uma logo de identificação usada no mundial, sem qualquer referência às cores do CAP (FIGURA 9), e ao redor do estádio chapas cinza completam a estrutura da Baixada. Assim como por fora, dentro do estádio novas cadeiras cinza (FIGURA 10) acomodam os torcedores, e pelo que parece, também incomodam.

¹² O termo identidade seguirá o conceito de Kathryn Woodward (2000), que entende que “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares” (p. 11).

FIGURA 9 – FACHADAS DA BAIXADA: ANTES E DEPOIS DA COPA



Fonte: MACHADO e SZAKOWSKI, 2014, p. 37; A autora, 2014.

FIGURA 10 – NOVAS CADEIRAS CAP



Fonte: A autora, 2014.

Como visto nos percentuais apresentados anteriormente, parte dos frequentadores não concordou com a escolha da nova cor no estádio Joaquim Américo Guimarães

as chapas cinzas que compõem o estádio, que não tem nada a ver, o estádio tem dono e a identidade tinha que ter sido mantida. Poderiam botar as cadeiras vermelhas, mas já tem muito estádio que tem cadeira vermelha, então poderia ter sido colocada preta, ou colorido, achei que ficou muito frio e não representa o que é a torcida do CAP [...] Eles deveriam ter deixado a identidade do clube mais nítida, e não fizeram, cinza, frio, que não tem nada a ver com o CAP, com a história do time e da torcida (Frequentador 2).

Há uma grande aproximação entre as cores do time e a identidade da torcida. Por mais simbólico que seja a estética do lugar, os laços estabelecidos com os elementos nas cores rubro-negras, seja a cadeira, na fachada, dentre outros, são de sobremaneira especiais para o torcedor atleticano, porque criam laços de

identidade com o lugar e com o clube, e quando alteradas podem interferir as formas de apropriação dos sujeitos.

Além disso, mesmo com cores neutras, o significado de aquele estádio pertencer ao CAP sempre permanecerá em cada canto dele, pois um estádio de futebol com um “time dono” dificilmente será um campo neutro, como corrobora um dos historiadores do Atlético-PR:

Foi proposital da diretoria a retirada das cores, para cores neutras, e é uma bobagem, porque sempre será o estádio do Atlético-PR, não vai ser uma cor cinza que se o torcedor adversário for num show não vai quebrar a cadeira porque ela é cinza e não vermelha esse critério posto de ser um estádio neutro e receber todos não vai passar isso. Todo mundo sabe que é um estádio do Atlético. Nesse sentido, perde um pouco da identidade (Historiador 2).

O que cabe ser questionado nesse momento é: vale a perda da identidade construída ao longo da história pela tentativa de neutralidade do espaço? Com a intenção de transformar o espaço em multifuncional, as cores neutras, por exemplo a cinza, entram num jogo de disputa entre os que concordam e os que rejeitam a ideia.

Certeau (1995) nos alerta da falta de inocência que os procedimentos carregam em si, sendo que “seus objetivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve admitir uma função que lhe é concedida por uma sociedade: ocultar o que ele pretende mostrar.” (p. 58), pois, muitas vezes, camuflar os elementos mais óbvios de um espaço é uma possibilidade de abrir portas para outras experiências, como as multifuncionais.

Da mesma forma que tiveram frequentadores que não foram a favor das cores neutras na “Arena da Baixada”, há torcedores que veem diferentes alternativas do que pode ser feito no estádio reformulado, apostando que

o CAP fez uma bela escolha quando transformou a Arena em multiuso, porque se você coloca a cara do clube de uma maneira exagerada, acaba tirando a opção de ela ser multiuso, e ser multiuso pode aumentar muito a renda do clube. Eu achei inteligentes as cadeiras neutras e colocar o teto retrátil, porque com iluminação você pode transformar naquilo que você quiser. E se você colocasse o vermelho, que antigamente só servia pra quando o estádio estivesse vazio, meio que se excluía a possibilidade de ser multiuso. (Frequentador 16).

Só poderemos analisar com certeza, se a estratégia de foco econômico das mudanças de cores do estádio a partir do momento em que ele começar a sediar diferentes eventos multifuncionais, como shows, cerimônias, entre outros. Contudo, como em outros estádios, é possível ver que a iluminação – como visto sobre a Allianz Arena em seções anteriores - pode ser um artifício a ser usado para dar cor e identidade do time ao lugar.

Todavia, é de suma importância que seja feito algo para que as boas lembranças, a partir da identidade que se desenvolve no estádio, sejam mantidas e continuadas ao longo do tempo, sob o risco de que se crie uma “geografia do esquecido” (CERTEAU, 1995, p. 73). Visto que é a partir das “estranhas e vastas regiões de silêncio” (*Ibidem*) que algumas identidades podem cair no esquecimento.

6.2 ANTIGOS ESTABELECIMENTOS, MEMÓRIAS RECENTES

Assim como as cores rubro-negras e neutras comentadas anteriormente, os antigos estabelecimentos que existiam no interior e no entorno da “Arena da Baixada”, antes das reformas para o mundial da FIFA, foram lembrados por 16 frequentadores do estádio. Os estabelecimentos que existiam no antigo estádio da Baixada eram: as lanchonetes de dentro do estádio, o PraJá (lanchonete localizada na entrada do estádio, na rua Buenos Aires), a Arena Store (loja oficial do CAP), a churrascaria e academia (ambas localizadas dentro do estádio).

Com as mudanças feitas no estádio, nenhum desses estabelecimentos retornou da forma que eram. Por mais que “as novas lanchonetes-lojas (52 construídas) – com mais espaço – poderão atender a clientela com qualidade superior” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 50) (FIGURA 11), que tipo de qualidade é esta? A quem foi perguntado sobre as mudanças que ocorreriam?

FIGURA 11 – NOVAS LANCHONETES “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

Mesmo que o padrão FIFA exija a demolição das antigas lanchonetes para se adequar as normas da entidade, posteriormente deveria de ser pensado como seria quando o CAP voltasse a ter o “mando” de campo. A partir das entrevistas com os frequentadores, podemos observar algumas falas sobre a falta desses estabelecimentos no novo estádio:

Sinto falta da Arena Store, do PraJá, das lanchonetes (Frequentador 10).

Sinto um pouco de diferença na lanchonete, poucas opções, antes tinha de tudo, está bem restrito (Frequentador 9).

Eu sempre brincava que a Arena tinha uma alimentação que parecia praça de alimentação de shopping, eu gostava demais da antiga Arena (Frequentador 16).

Quem vai ao estádio acaba criando alguns ritos de passagens e usos, que ao longo do tempo se concretizam como hábitos daquele local, pois a partir da história criada e vivida naquele espaço se tem uma cultura popular dos estádios. Desta forma, Certeau define a cultura popular como “um patrimônio, segundo uma dupla grade: histórica (a interpolação dos temas garante uma comunidade histórica) e geográfica (sua generalização no espaço atesta a coesão desta)” (1995, p. 63). Assim, a cultura que se criou na “Arena da Baixada” está interligada aos espaços

que hoje já não existem, mas que nas lembranças de seus frequentadores ainda vivem.

Também podemos compreender que a cultura popular da Baixada cria uma “força do lugar”, pois mesmo com a retirada de cores e estabelecimentos, é a força das relações estabelecidas no estádio que se sobressaem às alterações impostas

Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Criase uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada (SANTOS, 2012, p. 320).

Com isso, pode ser ressaltado que mesmo que o CAP mude seu estádio para os padrões FIFA, ou outros padrões mais modernos que possam surgir, a cultura popular que os frequentadores do estádio da Baixada têm é forte, mas que pode se abalar gradativamente, interferindo na identidade desses torcedores com o clube e com o estádio.

Já sobre o entorno do estádio, o ponto abordado foi a Praça Afonso Botelho, a qual está localizada em frente ao estádio Joaquim Américo Guimarães. Devido a Copa do Mundo, a praça também passou por mudanças estruturais significativas em seus equipamentos de lazer que ali existiam (FIGURA 12): pista de caminhada, quadra de futebol de areia, três quadras de voleibol de areia, uma quadra poliesportiva, uma pista de skate, uma pista circular, dois espaços para brincadeiras infantis com equipamentos, e um teatro aberto, composto por uma concha acústica e uma arquibancada, além de duas edificações, um módulo policial e uma sede da SMELJ (CAGNATO, 2007).

FIGURA 12 – ANTIGA VISTA PANORÂMICA DA PRAÇA AFONSO BOTELHO



FONTE: CAGNATO, 2007, p. 68

Atualmente, mais da metade dos equipamentos que havia na praça já não se encontram nela (FIGURA 13). Este fato dividiu opiniões sobre as mudanças que ocorreram na praça, sendo que para uns a visão é de que “a Praça Afonso Botelho [...] foi totalmente “reformada” para receber os aficionados pelo futebol” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 65), e para outros se tornou um projeto não acabado.

Outro legado negativo, mas visto nos dias de hoje, é a praça Afonso Botelho, que é um ponto que eu sempre frequentei como jogador com meus amigos, por morar nas redondezas. A gente ia andar de skate na praça, quando não tinha nada pra (sic) fazer a gente ficava sentado na praça do Atlético tomando caldo de cana e conversando. E eu acho que a reforma da praça vai demorar muito, porque o estádio era prioridade pra Copa do Mundo e a praça é prioridade pra população do bairro, só que o quanto essa população é prioridade pro Governo do Estado e pra Prefeitura, já é outro fato a ser analisado. A praça foi o que mais me chocou, quando olhei para ela e não tinha mais nada (Frequentador 1).

O esvaziamento da praça, principalmente no que diz respeito aos equipamentos que havia nela, é o que marca a mudança deste espaço público. Além do que, há uma descrença, por certa parte dos frequentadores do estádio, nos órgãos públicos competentes em revitalizar a Praça Afonso Botelho. O gestor de Curitiba, afirma que o processo de revitalização da praça já está em andamento

Ela foi licitada [*para revitalização*], provavelmente até o final do mês [10/2014] ela inicia a reforma, no total de R\$ 570 milhões. Ela vai ficar mais bonita e funcional, com pista de caminhada, um prédio de secretaria de esporte com 1000m² para apoio a prática esportiva, nova cancha de vôlei e de futebol de areia, uma nova pista de skate, revitalização total. Vai ser um ganho para a cidade e para o entorno. São investimentos que ficam para a cidade como um legado (Gestor de Curitiba).

Contudo, a partir dos diários de campo feitos durante a pesquisa é possível saber que as obras estão caminhando muito lentamente, pois as transformações da praça desde a Copa do Mundo para o início de dezembro de 2014 (FIGURA 13) são insuficientes para serem percebidas ou denominadas como uma revitalização.

FIGURA 13 – PRAÇA AFONSO BOTELHO NA COPA DO MUNDO E ATUALMENTE



Fonte: A autora, 2014.

Com isso, Rechia e Silva (2013) estavam certas em afirmar que “o objetivo das obras públicas relativas aos megaeventos esportivos não aparenta estar centrado no cidadão local, e sim no turista” (p. 204). Mesmo que a Copa do Mundo tenha passado pela cidade, os cidadãos da capital paranaense devem continuar a ter seus espaços e equipamentos do lazer, no mínimo, iguais ou melhores do que eles eram antes do megaevento esportivo, para que não haja perdas para ninguém.

A partir das análises feitas, é possível ressaltar que os torcedores criam laços estreitos com o estádio onde frequentam, e a partir das experiências vivenciadas ali, o estádio se configura como um lugar (TUAN, 2013), o qual deve ser demarcado pelas diferenças qualitativas para reafirmar sua cultura. E a “Arena da Baixada”, por não ter mais suas cadeiras vermelhas, fachada alusiva ao CAP, estabelecimentos tradicionais e a Praça Afonso Botelho como eram até 2010, precisa se reinventar. Assim sendo, o sujeito pode ser singular no pensamento, mas na cultura se torna plural, por isso que mesmo modificando algumas tradições do lugar em que se têm vínculos, culturas recriadas, principalmente com as lembranças do que já passou, podem ser instituídas (CERTEAU, 1995).

Pensando de outro modo, quando nosso cotidiano se desestabiliza em função de mudanças daquilo que estamos acostumados é que percebemos que não fomos consultados para a ocorrência da transformação do espaço. Com isso a ação cultural do sujeito “não é mais formulada em escala individual, mas que é também solidária. Sem adesão coletiva, não pode se realizar” (OLIVEIRA, 2001, p. 21) obras efetivas na sociedade. Ou seja, coletivamente pode ser mudada a história e a cultura

do espaço para voltar a ser o lugar de antes, pois mesmo que a cara seja outra, as antigas experiências se conservaram em lembranças e na força das culturas.

7 COMPOSIÇÃO DA FESTA: A TORCIDA

Porque pode falar o que for, podem botar a torcida do Galo, Corinthians, Flamengo, mas a torcida rubro-negra tem uma energia muito grande (Frequentador 2).

Após passar pelas mudanças concretas do estádio Joaquim Américo Guimarães, um ator social que faz diferença em qualquer estádio é o torcedor. Entretanto, quem seria o torcedor? Malaia (2012) nos descreve como foi diferenciado e identificado esse tipo de espectador no mundo esportivo:

As raias de um entusiasmo desmedido passaram a chamar atenção dos cronistas esportivos da época. Com frequência, as notícias revelavam um comportamento exagerado por parte dos espectadores, principalmente os que ficavam nas arquibancadas, e, ainda mais, nas gerais. E no meio de uma série de palavras inglesas que permeavam o mundo do futebol, um termo da língua portuguesa passou a ser usado para designar esses fervorosos adeptos e adeptas dos clubes de futebol e o ato de apoiar seu clube. Eram os torcedores e as torcedoras a torcer pelos seus times (p. 58).

Dessa forma, esses fervorosos espectadores começaram a ter notória atenção por parte do clube esportivos, da imprensa, dentre outras instituições. Lucena (2001) em sua obra “O Esporte na Cidade”, nos conta como a popularização do futebol, na cidade do Rio de Janeiro, muito se deu por conta da proximidade de quem ia assistir às partidas de futebol, comparado a outras modalidades de esporte, como o turfe e o remo, em que “favoreceu sobremaneira os contatos e, mais que isso, a interação entre grupos de características diferenciadas” (p. 129).

Cria-se um tipo de compartilhamento de emoções entre os sujeitos a partir de um interesse comum pelo mesmo time de futebol. O simbolismo que determinado clube tem é forte o suficiente para que as interações sociais aconteçam entre conhecidos e desconhecidos, entre pessoas de diferentes idades e sexos, pois naquele momento eles se veem juntos por um fim maior: o time do coração. Nesta perspectiva, podemos visualizar que surge uma forma diferenciada de se relacionar com o outro, uma cultura distinta, pois se “a alma humana só se afeiçoa na cultura, talvez devêssemos complementar: numa cultura que é, simultaneamente, produto e fermento de interações sociais solidárias” (OLIVEIRA, 2001, p.29).

A partir disto, é possível ver que o futebol nos envolve e a sociabilidade que essa manifestação popular proporciona são fatos importantes para considerarmos

as interações sociais que ocorrem dentro do estádio de futebol. Podemos dizer que o estádio é um lugar que abriga um tipo de cultura dita como solidária, pois ela “emerge à medida que as interações sociais se fundem numa base comum, na qual os participantes se voltam um para o outro, compondo um campo mutuamente compartilhado” (OLIVEIRA, 2001, p.16).

Assim, podemos identificar que as interações sociais que os torcedores de determinado clube de futebol em comum desenvolvem entre si são, de fato, solidárias. Contudo, “sedimentar essa construção coletiva para desenvolver e cultivar a solidariedade no dia-a-dia, reunindo todos numa vida cooperante, é talvez o desafio maior deste projeto” (OLIVEIRA, 2001, 22). Nem sempre o mesmo interesse faz com que indivíduos diferentes tenham a mesma reação, cada um tem um jeito particular de ser e agir, o que poderia ser levado em conta é o respeito mútuo. Tudo isto leva em conta que na hora de ser torcedor, este estará fazendo parte de um grupo, a chamada torcida.

No futebol, querer a glória dos seus e a derrota dos outros era “torcer”. O espectador, ou a espectadora, que gritava, gesticulava, apoiava seu time e ofendia os adversários era um “torcedor”, ou uma “torcedora”. Fazer parte de um grupo de torcedores de um mesmo clube, ou da seleção brasileira, era fazer parte de uma “torcida” (MALAIA, 2012, p. 59).

O verbo “torcer”, por si só, já indica uma ação. A torcida implica na ação do seu conjunto, vibrar, cantar, impulsionar o seu time, ou até mesmo criticar quando o jogo não está tão bom quanto deveria. Já que não é mais uma mera contemplação, a torcida tem o papel fundamental de dar vida ao estádio. E a magia da torcida se aflora quando os elementos lúdicos são postos em prática, sendo que

Numa cultura solidária, as práticas lúdicas muito provavelmente teriam condição de imprimir cores mais vibrantes ao cotidiano coletivamente percebido, ensejando uma vida não apenas diferente, mas qualitativamente melhor porque predisposta a sempre se renovar risonhamente, de forma que torne os horizontes vividos em comum mais promissores (OLIVEIRA, 2001, p. 17-18).

Com práticas que dão vida aos sujeitos e ao estádio, lugar único de manifestação de suas ações, cada torcida é única em cada gesto que realiza. Por conseguinte, a torcida do Clube Atlético Paranaense não seria diferente. Com a

maior torcida dos times da capital do Paraná até o ano de 2014¹³, os torcedores rubro-negros (FIGURA 14) são os principais responsáveis pela “Arena da Baixada” ser considerada um “Caldeirão”, porque a pressão que se diz existir neste estádio se dá pelos sujeitos que ocupam seus lugares como fiéis torcedores, pois “atualmente, torcer não é considerado apenas o ato de acompanhar uma equipe e apoiá-la contra o adversário. Um torcedor tem a certeza que a sua ação interfere diretamente no resultado de um jogo. Torcer é lutar ao lado do time” (MALAIA, 2012, p. 79).

A química e a energia que a torcida transmite, não só pros (sic) jogadores, mas para os próprios torcedores isso deixa o jogo mais motivante. E parece que você está participando, que você é um jogador, que eu vou gritar na orelha daquele cara e vou desestabilizar ele. Parece que eu faço parte do espetáculo que é o futebol (Frequentador 1).

FIGURA 14 – TORCIDA ATLETICANA NA “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

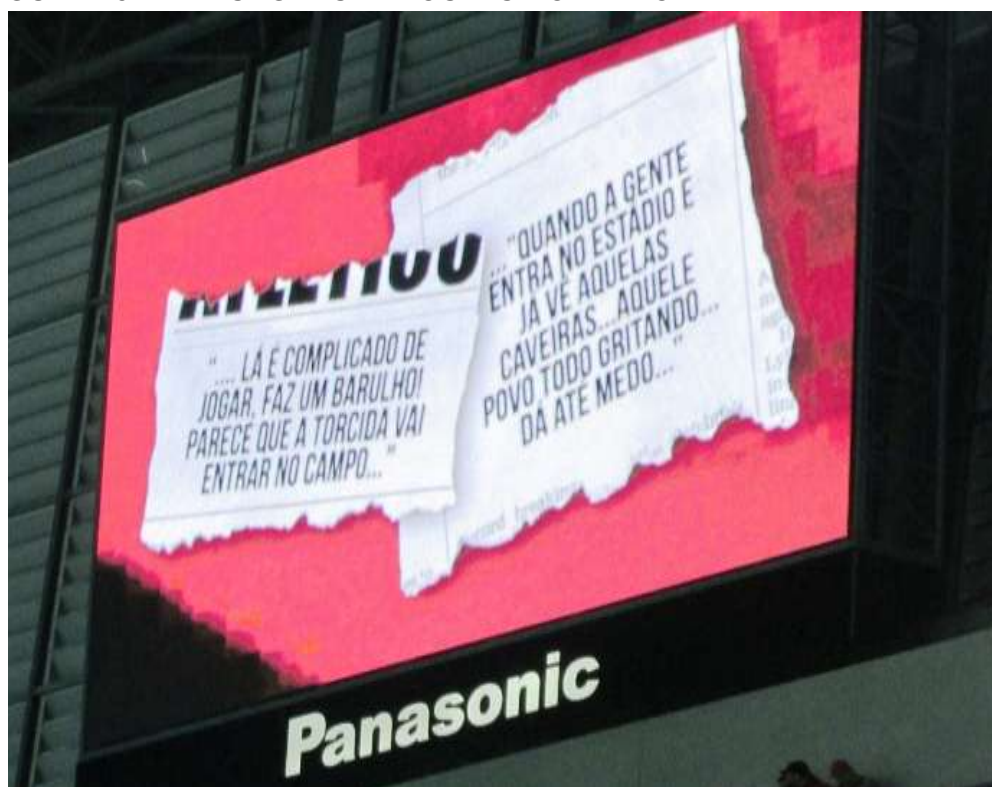
Sobre a torcida atleticana, 80% dos frequentadores entrevistados disseram que a torcida é uma das maiores características do estádio da Baixada, por conta da pressão exercida durante a partida. Quando questionado sobre qual seria o diferencial que o estádio Joaquim Américo Guimarães teria, um dos entrevistados citou que seria a pressão que a torcida exercia:

¹³ Pesquisa realizada em todos os estados brasileiros, onde foram ouvidas 7.005 jovens entre 10 e 15 anos, numa tentativa de mapear as tendências de crescimento e queda das maiores torcidas do país. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Pesquisa-LANCE-Ibope-Flamengo-Brasil_0_1200480135.html. Acesso em: 28 fev. 2015.

A pressão em cima dos jogadores. É muito próximo, em comparação com outros estádios que não têm o mesmo formato da arena, que parece uma caixinha, empurra tudo para o campo. Já ouvi vários jogadores falar, que é o pior lugar por conta da pressão, a torcida que faz a diferença para o time do Atlético. O Atlético já chegou longe nos campeonatos pela torcida, não tinha time para ganhar, mas quando chega aqui a torcida joga junto e favorece o time (Frequentador 8).

Esta pressão pode ser vistas até em mensagens expostas nos telões da Baixada (FIGURA 15) que repercute sobre o estádio, onde “lá é complicado de jogar, faz um barulho! Parece que a torcida vai entrar no campo...”. Desde antes da reforma para a Copa do Mundo, a “Arena da Baixada” já apresentava a característica do campo de jogo ser muito próximo da torcida. O que separava um do outro eram um fosso e uma grade de proteção que não impediam da torcida vibrar e causar a temida “pressão” rubro-negra.

FIGURA 15 – MENSAGENS EXPOSTAS NO TELÃO DA “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

Contudo, nem todos os frequentadores que comentaram da torcida se sentem satisfeitos com o jeito que a mesma vem se comportando. Alguns acreditam que de 2010 para 2014 essa “pressão” pode ter perdido a força que tinha. Talvez,

pela mudança do público frequentador do estádio e das normas de segurança em relação aos materiais permitidos nas arquibancadas:

Eu acho que falta vibração/emoção dentro do estádio. Porque em 2010, mesmo não sendo tão perto, mas parecia que a torcida abraça o time de uma maneira que hoje a gente não vê. A torcida era o tempo inteiro de pé, gritando, também pode ser por parte dos materiais que não podem mais entrar no estádio, mas antes tinha muito mais calor da torcida (Frequentador 20).

Como visto na categoria anterior, “A Beleza do Morto”, alguns elementos de identificação do torcedor com o estádio foram alterados, como as cores rubro-negras que eram presentes em sua estrutura, podendo ser um fator que interfere na mística do estádio em ser um “caldeirão”. Todavia, mesmo que alguns discordem, há os que acreditam que a magia da torcida atlética continua, e a pressão permanece independente da cor.

Para existir essa mística no “caldeirão” alguns pontos como quantidade, proximidade e identidade são fundamentais. Mas, o que poderia ser decisivo para a vibração dos torcedores dentro do estádio é o trabalho que as torcidas organizadas realizam para motivar e incentivar o seu time.

7.1 TORCIDAS ORGANIZADAS: DIVERGÊNCIAS

Sobre as torcidas organizadas, quatro frequentadores comentam das “organizadas” dentro do estádio. Dois disseram ser essenciais para que o show nas arquibancadas aconteça, e os outros dois citaram, além da importância delas, os episódios de violência e confusão gerados no passado, e que geralmente as torcidas organizadas estavam inclusas, causando receio sobre essas frequentarem o estádio.

O surgimento das primeiras torcidas organizadas no Brasil aconteceu no final da década de 30, início de 1940. Como principal objetivo o incentivo aos times, essa agremiação de torcedores, atualmente, divide opiniões sobre sua existência

Em comum nesses grupos pioneiros no futebol brasileiro, havia o intuito de incentivar seus times, de fazer as festas nas arquibancadas. Festas animadas por bandinhas. Era o início e a primeira grande contribuição à beleza do cenário de um jogo, dada pelos fãs agrupados e por um líder. Estádio de futebol não é teatro,

embora nele não seja proibido se comportar como na ópera, em silêncio. Mas quando quem vai ao jogo age apenas como plateia, tudo fica inosso, sem graça. Muitas vezes, as organizadas são o antídoto contra a monotonia (PEREIRA, 2012, p. 05).

Se contássemos somente com a essência e o lado festivo das torcidas organizadas, esta análise certamente seria diferente. Entretanto,

O futebol estabelece rivalidades. Lados antagônicos pode despertar o ódio, que leva ao desentendimento e, muitas vezes, a brigas. Se todo ser humano tem um lado violento, em geral contido, existe aqueles que, de alguma forma, despertam essa característica quando encorajados. Fazer parte de um grupo é o que acende o pavio e os leva à ação. Não é raro encontrar nas organizadas pessoas de comportamento pacato que se transformam, ficam extremamente agressivas quando integradas a elas. Isso explica, em parte, a atração que facções brigonas despertam em seus novos integrantes. É assim desde o final dos anos 1960, situação que se acentuaria com o tempo. A conclusão: torcida que não briga não cresce (*Ibidem*, p. 06).

Infelizmente, a realidade de violência que parte das torcidas organizadas exerce por todo Brasil é um chamariz de notícias. Basta recordamos como é um clássico dos grandes times da cidade para sabermos que a desordem, o tumulto e vandalismo, provavelmente, aconteçam. Evidente que não podemos imputar a todos que participam dessas agremiações esportivas a culpa desses problemas de violência e confusões, mas a partir do momento que você faz parte de um determinado grupo, suas ações o representam também.

Não diferente dos outros times do Brasil, a torcida do Atlético-PR também tem sua principal torcida organizada: Os Fanáticos¹⁴ (FIGURA 16). Desde 1977, essa “organizada” criou laços fortes com o restante da torcida rubro-negra, o que pode ser visto nas camisetas de diversos torcedores, nos gritos e cânticos cantados no estádio, os quais são de criação dessa “organizada”.

Quando questionado sobre ser ou não essencial a torcida organizada dentro do estádio para animar toda a torcida, um dos frequentadores acredita que sim, porém a temática da violência é vista no discurso:

¹⁴ Mais informações podem ser obtidas na web site oficial da torcida organizada: <http://www.osfanaticos.com.br/Inicial.aspx>. Acesso em: 28 fev. 2015.

Sim, a Fanáticos é essencial, porém tem o lado negativo, como as confusões, que são pontinhos dentro de uma organização, o papel que eles têm de puxar outros torcedores para vibrar é essencial (Frequentador 11).

FIGURA 16 – MOMENTOS DA TORCIDA ORGANIZADA OS FANATICOS



FONTE: A autora, 2014.

Por mais que a violência apareça quando nos referimos às torcidas organizadas, nem sempre a história foi assim. Maurício Murad, sociólogo e notório pesquisador sobre as torcidas organizadas, comenta que do início das organizadas até os confrontos violentos há um espaço, de mais ou menos, 25 anos, quando iniciaram “a competitividade selvagem, o antagonismo opressor, a invasão territorial e a eliminação das diferenças pelo uso da força” (MURAD, 1996, p. 96).

E não seriam poucas páginas sobre o assunto. Por diversas vezes, o CAP foi punido com a perda de mando de campo por conta dos conflitos ocorridos, na maior parte das vezes, entre torcidas organizadas dos outros clubes. É relevante destacar que esses conflitos também ocorrem, inclusive e com certa frequência, entre as torcidas organizadas do próprio CAP. História já com antecedentes violentíssimos na Europa, em que, nos dias atuais, a política de controle das torcidas organizadas é extremamente severo, devido às mortes e pessoas feridas, resultados dos confrontos. Para um pesquisado:

Com o tempo a tendência é de não se ter torcidas organizadas, e as famílias vão ao estádio e se sintam seguras, num padrão muito americanizado e europeu (Historiador 2).

Mas, observar somente o lado negativo da história das torcidas organizadas é negligenciar os feitos positivos das mesmas. A torcida Os Fanáticos tem

demonstrado que, apesar dos problemas que já existiram, o principal objetivo da organizada é incentivar e incendiar toda a torcida atleticana, compartilhando o lado bom que as interações sociais solidárias dentro do estádio concretizam. Como exemplo, podemos averiguar a conscientização e uma iniciativa da “Os Fanáticos” em recolher o lixo das arquibancadas após o jogo, demonstrando o zelo que há com seu “caldeirão” (FIGURA 17).

FIGURA 17 – TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS LIMPANDO AS ARQUIBANCADAS APÓS O JOGO



Fonte: A autora, 2014.

Além disso, um dos frequentadores entrevistados e membro da referida torcida organizada, relatou que as mudanças de infraestrutura no estádio para com a “organizada” na diferenciação de setor (sem acesso aos outros setores da Baixada) e de entradas, e na retirada das cadeiras em dias de jogos (FIGURA 18) foram adequadas, possibilitando identificar mais precisamente os sujeitos que causam conflitos dentro do estádio, ter um maior controle de quem pertence a esta agremiação esportiva e torcer sem limitação de espaço:

Para a torcida organizada ficou melhor, tanto que antigamente era aberto o setor organizado, assim tinha acesso ao estádio todo, hoje temos um setor próprio, para fazermos festa é positivo porque se diferencia o torcedor comum do organizado. O torcedor comum muitas vezes quer ficar sentado, com sua família, tranquilo. Já o torcedor organizado quer fazer festa, cantar, pular, além de um controle efetivo, pois podem aparecer pessoas estranhas que se

identifica em nosso setor, arremessar um objeto ao campo, formando um tumulto e a culpa acaba caindo na instituição, não se pune a pessoa, deste modo nos ajudou a controlar. Fazemos um trabalho de conscientização para que não se arremesse objetos, invasão de campo, um bom exemplo de torcedor organizado (Frequentador 5).

A expectativa é que os bons exemplos de torcedores organizados se multipliquem para todos os clubes de futebol no Brasil, e que os clubes possam se orgulhar das ações feitas pelas “organizadas”, destacando a festa, animação e paixão pelo time escolhido.

FIGURA 18 – VISTA DO CAMPO DO SETOR DA TORCIDA ORGANIZADA E CHEGADA DA “ORGANIZADA” AO ESTÁDIO



FONTE: A autora, 2014.

Como um dos pontos de discussão nesse trabalho, e precursoras de diversos estudos por todo mundo, as torcidas organizadas causam divergência entre os torcedores. Desse modo, a partir do momento que se retomar o foco da essência das “organizadas”, com suas festas nas arquibancadas, e potencializar somente o lado positivo dessa agremiação esportiva tão vivenciada no futebol brasileiro, as próximas páginas dessa história poderão ser diferentes, pois “belas festas e apoio ao time em campo é coisa do futebol. [...] Separar a parte podre, isolá-la, eliminá-la é o desafio. Futebol sem torcida é futebol sem festa. E futebol sem festa não é futebol” (PEREIRA, 2012, p. 10).

Com relação às mudanças estruturais que houveram no estádio da Baixada no espaço reservado para a torcida organizada, podemos constatar que foram

consideradas positivas pensando em um maior controle das ações dos sujeitos que estão nesta agremiação e junto dela. Entretanto, as transformações como a separação entre setores impossibilita o acesso a todo estádio, criando uma barreira entre os torcedores e determinados espaços deste equipamento de lazer e esporte,

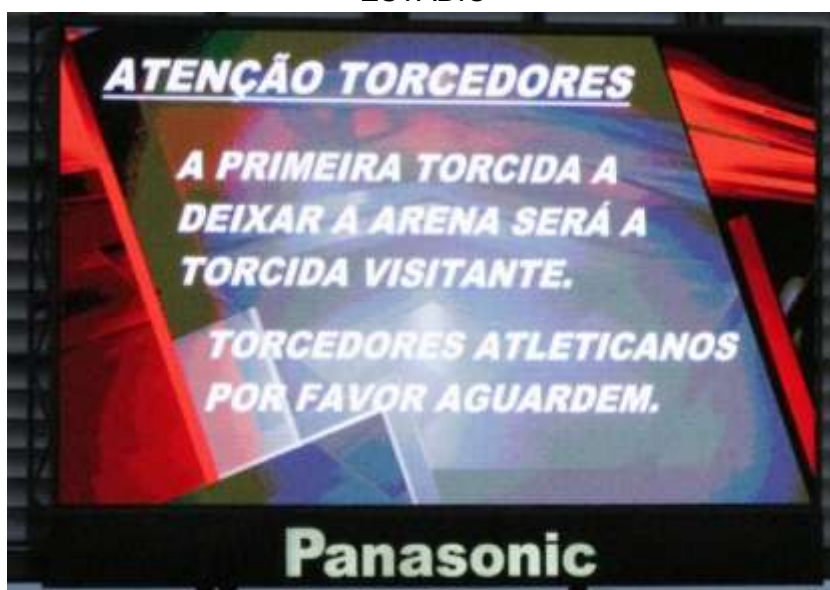
7.2 TORCIDA ADVERSÁRIA: BELEZA OU VIOLÊNCIA?

Em relação a posições controversas, a torcida adversária aparece como assunto comentado. Um dos historiadores apresenta opinião contrária em ter um espaço destinado dentro do estádio para a torcida adversária:

Eu sou contra um espaço para a torcida adversária no estádio. A imprensa é muito conservadora: "ah mais vai estragar a beleza do futebol", sou humanista por natureza, ou seja, se com esse sistema você evitar uma morte já valeu a pena qualquer tipo de esforço, e o que ocasiona isso é ter um espaço separado para as outras torcidas (Historiador 2).

Sobre a violência relatada, quando se cria a possibilidade de torcidas adversárias se encontrarem, mesmo que separadas, pode-se potencializar a rivalidade entre elas. Na "Arena da Baixada", assim como em outros estádios, tenta-se um sistema de saída diferenciado para que as torcidas opostas não se encontrem fora do estádio, com avisos que são passados por som e pelos telões (FIGURA 19).

FIGURA 19 – TELÃO DA "ARENA DA BAIXADA" COM AVISO SOBRE A SAÍDA DO ESTÁDIO



FONTE: A autora, 2014.

Contudo, mesmo com esta medida adotada, parte da torcida adversária – geral e majoritariamente composta pela “organizada” do time rival – e torcedores atleticanos acabam entrando em conflito. As interações sociais solidárias são postas de lado, e o que se acentua é a rivalidade entre os clubes de futebol, tendo-se interações sociais com base na violência.

Em relação à disposição do espaço destinado à torcida visitante, ela se encontra atrás de um dos gols do campo, exatamente em oposição ao setor destinado a torcida organizada do Atlético-PR, mas que em questão de visibilidade são muito parecidas (FIGURA 20).

FIGURA 20 – VISÃO DO CAMPO DA TORCIDA ADVERSÁRIA



FONTE: A autora, 2014.

No que diz respeito à quantidade de pessoas (FIGURA 21) permitida nesse espaço, a Confederação Brasileira de Futebol exige que o clube mandante do jogo ceda 10% da capacidade total do estádio para a torcida adversária.

O que é indagado sobre tal exigência, é que como já supracitado, potencialmente as pessoas que vão a esses jogos na condição de torcida visitante, ou integram a sua “organizada”, ou estão familiarizados com confrontos entre torcidas. Independentemente de ser um número menor em relação à quantidade de torcedores do clube “dono da casa”, as histórias de violência se repetem ano após ano, demonstrando que alguma ação ainda é necessária para que não ocorram mais episódios violentos, muitos dos quais com mortes já registradas.

FIGURA 21 – SETOR DESTINADO À TORCIDA ADVERSÁRIA



FONTE: A autora, 2014.

Também sobre o setor da torcida adversária, assim como no setor da torcida organizada, não há cadeiras nas arquibancadas, com justificativa de evitar danos e também de possibilitar que os 10% de pessoas caibam num espaço menor do estádio, o que seria diferente caso tivessem cadeiras. Ainda como diferença com os outros setores do estádio, é feito um isolamento com agentes de segurança entre a torcida visitante e a torcida atleticana, mesmo que haja um vidro separando estas torcidas.

Considerando as torcidas que vão ao estádio compartilharem o gosto pelo futebol, mesmo que de times diferentes, “quando há interações sociais solidárias, espera-se, isto sim, que as pessoas se respeitem e se vejam como iguais em seus direitos. Mas também que saibam ou que se proponham a aprender a trabalhar as diferenças” (OLIVEIRA, 2001, p. 22).

O que pode ser percebido é que o termo “solidário” não se aplica em determinadas circunstâncias. E os interesses e responsabilidades que deveriam ser recíprocos desaparecem, emergindo um grande problema do futebol brasileiro.

Não se pode fechar os olhos para essa realidade posta, nem desconsiderar que as diferenças não existem, e que é possível deixar as coisas como estão. Soluções devem ser encontradas para que, de forma consciente, sejam extintos problemas que levem à violência extrema. As diferenças quando vistas como uma manifestação é um componente cultural importante, “porque garante que as individualidades possam aflorar. As diferenças permitem também – quando trabalhadas em contexto de mútuo respeito das pessoas entre si – que cada um divise na contribuição do outro o seu inacabamento” (OLIVEIRA, 2001, p. 22).

Dessa forma, a violência ocorrida pela rivalidade entre torcidas não exalta a beleza do futebol, pois estimula que os sujeitos entrem brigas e confrontos em defesa de seus times, mas a verdadeira beleza no mundo esportivo está em compartilhar espaços de forma respeitosa e sadia, em que agressões e combates não fazem parte.

7.3 INTERAÇÕES SOCIAIS: O ESTÁDIO COMO PONTO DE ENCONTRO

Muito pode ser comentado sobre como o futebol alia elementos para ser comparado a uma festa: um lugar específico para o acontecimento, uma roupa de gala chamada uniforme, presenças ilustres que seriam os jogadores, os convidados, equivalente à torcida, que canta, dança e vibra com o time do coração em campo.

Um fato é indiscutível: para o bem ou para o mal, o futebol estabelece interações sociais. Como já visto em seções anteriores Oliveira (2001) nos concede o termo “solidário” para apontar determinadas relações, em que certos casos podem ser desrespeitosos e violentos, como alguns encontros de torcidas organizadas adversárias. Entretanto, quando observado com mais atenção, o conceito que Oliveira (2001) nos apresenta que as “interações sociais solidárias” acontecem no estádio como um ponto de encontro.

Dos 20 frequentadores entrevistados, 12 disseram que ir ao estádio se torna uma prática social para encontrar amigos, família, namorados(as) e, até mesmo, conhecer pessoas até então desconhecidas.

Eu vejo o estádio além de ter uma partida de futebol, eu vou ali à Arena pra (sic) encontrar meus amigos que durante a semana não podemos nos ver e eu sei que vão estar ali, a gente conversa, encontro pessoas que não são tão assíduas, mas que vão ao estádio às vezes. Também vou com a minha namorada, é um super programa pra gente, parece que o dia fica mais especial por ir à Arena (Frequentador 1).

A prática social que o futebol estabelece não é acontecimento somente dos dias atuais. Desde o início da história do futebol, era possível perceber que seus horizontes se estenderiam de uma simples partida, porque no tempo do jogo era possível “expor seu gosto crescente pelos banhos de sol, pela vida ao ar livre, os diversos encontros e desencontros, e as maiores interações que a cidade passa a propiciar com práticas como a do esporte” (LUCENA, 2001, p. 133).

Outra questão apontada sobre as interações sociais que acontecem no estádio foi como se iniciou o processo de ida ao campo de jogo. Alguns frequentadores contaram que a família foi o principal estímulo para que as visitas ao estádio acontecessem, principalmente pela figura paterna. Um dos frequentadores conta que foi no estádio que fortaleceu os momentos juntos de seu pai.

Era difícil de vê-lo durante a semana, mas dia de jogo era o momento de estarmos juntos, comermos após o jogo. Dia de jogo era o nosso dia (Frequentador 10).

É a partir do espaço que abriga o futebol, que diferentes interações sociais solidárias são estabelecidas e fortificadas. Comparado a épocas mais longínquas, é possível ver uma mudança no padrão de quem frequenta estádio de futebol, onde passa de um ambiente com predominância masculina para um lugar de experiências e vivências para diversas pessoas que existem no mundo (FIGURA 22).

FIGURA 22 – CADEIRANTES ASSISTINDO ÀS PARTIDAS DE FUTEBOL EM ESPAÇOS NÃO EXCLUSIVOS E EXCLUSIVOS



FONTE: A autora, 2014.

Quando a Copa do Mundo veio à Curitiba em 2014, demonstrou que na atualidade o estádio se configura como ponto de encontro, pois este megaevento esportivo (FIGURA 23) possibilitou reunir diversas pessoas dentro do estádio, das mais diferentes etnias (FIGURA 24), times e idades.

Evidente que a possibilidade de todas as pessoas irem ao estádio, principalmente contando com o fator econômico, é algo a ser repensado, pois como um equipamento de lazer da cidade, o estádio de futebol poderia dar a escolha e

oportunidade de todos usufruírem deste lugar, independente das mudanças estruturais que ocorram nele.

FIGURA 23 – “ARENA DA BAIXADA” EM DIA DE JOGO DA COPA DO MUNDO



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 24 – TORCEDOR NIGERIANO EM JOGO DA COPA DO MUNDO NA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: A autora, 2014.

As “interações sociais solidárias” (OLIVEIRA, 2001) em prol do futebol, constroem caminhos para novas culturas dentro do estádio, dando a oportunidade da integração dos sujeitos que estão dispostos a vivenciar o estádio com outras pessoas, seja com os amigos que não são vistos diariamente, um encontro de pai e filha, ou reunindo os amigos para tirar uma *selfie* (FIGURA 25) e publicar nas redes sociais. Uma coisa é certa: quem vai ao estádio de futebol não está sozinho.

FIGURA 25 – SELFIE¹⁵ NA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: A autora, 2014.

7.3.1 Pequenas pessoas, grandes mudanças

Dentre as interações sociais observadas durante a pesquisa de campo, um tipo sobressaiu aos olhares. A quantidade de crianças (FIGURA 26) que iam ao estádio foi de chamar a atenção, pois de crianças de colo até os que precisavam de ajuda para subir as escadas das arquibancadas, meninos e meninas, eram vistos em grande quantidade pelo estádio.

¹⁵ Expressão para autorretrato de foto sozinho ou acompanhado.

FIGURA 26 – CRIANÇAS DURANTE AS PARTIDAS DO ATLÉTICO-PR



FONTE: A autora, 2014.

Em específico à cidade da “Arena da Baixada”, Curitiba é um local que tem uma grande variação de temperatura, o que às vezes inviabiliza a ida a alguns espaços de lazer, como parques, praças ou espaços públicos que ficam a céu aberto. Assim, com um clima mais quente e sem chuvas, é possível sair de casa com os filhos para ir ao estádio

Algo que pode ser notado é a quantidade de crianças que há por todo o estádio, talvez pela temperatura elevada na cidade, em torno de 25°, durante o jogo e também não era um jogo que apresentava grande rivalidade (Diário de campo, 14/09/2014).

Outros fatores que puderam auxiliar nesse aumento dos pequenos torcedores foram a mudança na segurança do estádio e as formas de acesso, facilitando as entradas e saídas dos sujeitos que estão no local.

Como a temperatura da cidade aumentou muito durante a semana, e no dia do jogo estava muito alta (em torno de 28°), pode ser visto um grande número de pessoas no estádio, assim como continuam o grande número de crianças no estádio no horário e dia do jogo. Voltar o olhar para a segurança que se tem em levar as crianças ao estádio, e a facilidade de entrar e sair do estádio, conferindo a

segurança da família a participar deste momento esportivo. (Diário de campo, 12/10/2014).

Não se pode negar que um espaço com uma segurança, sem preocupações com brigas entre torcidas e a facilidade no acesso propicia a ida ao mesmo. Contudo, como já mencionado, o fator econômico ainda é determinante para que haja uma política de acesso de todos os sujeitos ao estádio de futebol.

Ainda sobre os pequenos torcedores, um tipo de ação social para acesso ao estádio seria a parceria entre o CAP e suas escolinhas de futebol. Como podemos ver na imagem abaixo (FIGURA 27), várias crianças e adolescentes vão uniformizadas com seus professores até o estádio para assistir ao jogo do Atlético-PR, com preços reduzidos ou com isenção de entrada.

FIGURA 27 – CRIANÇAS E ADOLESCENTES DAS ESCOLINHAS DO CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE PRESENTES NO ESTÁDIO



FONTE: A autora, 2014.

O que podemos notar é que, seja um torcedor mais contido, ou da torcida organizada, seja para acompanhar seu time em outro estádio ou levar um amigo que não conhece esse tipo de equipamento esportivo, o estádio passa a existir como uma opção de experiência de lazer e esporte na cidade.

O futebol interage com as mais diferentes pessoas, em detrimento de um jogo com onze jogadores para cada lado. O estádio surge como uma possibilidade de encontros, de abraçar o desconhecido, de explicar para sua filha o que significa aquele árbitro com uma bandeira. Independente da ação,

Nenhum de nós se humaniza sozinho; necessita da presença dos outros, que com suas peculiaridades, oferecem testemunho vivo de nosso inacabamento. São portadores de aspectos muitas vezes inusitados, desafiadores, a questionar nosso acomodamento, a rechaçar nossas certezas, a fazer-nos divisar novos horizontes (OLIVEIRA, 2001, 22-23).

É a partir das interações sociais que crescemos como sujeitos, e também podemos compreender a sociedade sobre diferentes formas. Dessa maneira, os torcedores são composições essenciais na festa que é o futebol. O torcedor permanece fiel ao time do coração, “ainda que a fase não esteja boa ou que a equipe caia para a segunda divisão, o torcedor não muda de time. Sofre com ele, acreditando em dias melhores, tornando-se ainda fanático” (DAOLIO, 2000, p. 34).

A torcida é o que dá vida às paredes do estádio, pois ela se apropria de forma efetiva do espaço, cantando, torcendo, vibrando, e até muitas vezes xingando o árbitro ou o time adversário. Pois “não há evento sem ator” (SANTOS, 2012, p. 146), e a torcida é parte fundamental do espetáculo do futebol. Ela nota as mudanças que acontecem ao seu redor e pode se posicionar para que aquele espaço seja o melhor lugar de suas emoções, no campo esportivo, um lugar que muitas vezes alguns denominam de casa, outros de “caldeirão”.

Todavia, é possível identificar que as reformas de infraestrutura e funcionalidade da “Arena da Baixada” alterou a relação da torcida com o time, com o estádio e com a cidade. Há uma tensão entre o que havia e o que aparece de novidade neste espaço, em que pode não transformar totalmente as relações que se concretizaram a partir da prática de ir ao estádio. Mas, altera como as pessoas se portam, torcem e circulam pelo estádio, podendo mudar, mesmo que sutilmente, as interações sociais desta realidade, colocando em xeque os valores simbólicos construídos ao longo dos anos dos torcedores com o CAP e seu estádio. O que pode acarretar com isso? Ganhos econômicos e políticos, porém perda de identidade da torcida.

8 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

[...] o jogo de futebol, pra (sic) mim, se assemelha a um espetáculo, um show de música, que infelizmente a televisão não consegue transmitir as cores, a energia do local, a vibração do público, ela não consegue passar, em qualquer espetáculo que seja, e o futebol não é diferente (Frequentador 16).

Já faz algum tempo que o futebol vem sendo denominado como um espetáculo. Na verdade, ele é um dos elementos que a grande sociedade do espetáculo acolhe, precisando reestruturar suas bases para atender as novas demandas impostas. Contudo, algumas transformações são radicais, e nisso podemos incluir o futebol. Certeau (1995) nos aponta o cuidado entre renovar e alterar obras de patrimônios, sendo importante preservar a cultura das “obras” sociais, para que no que fim não seja perdido sua identidade e origem.

Com isso, podemos perceber que “a análise e a prática da inovação nos espaços construídos não tocam no essencial, que é também o mais frágil: um desejo de viver, ao perder as seguranças que cada sociedade multiplica – uma loucura de ser” (CERTEAU, 1995, p. 251). Ou seja, a mudança de uma sociedade para a atual, a tal sociedade do espetáculo, muitas vezes não é necessária, e sim, estamos em busca de algo que nos impressione e traga o diferente.

Relacionadas com os estádios de futebol, o que podem ser observadas são as mudanças de funcionamento, estruturação e significação que este pode ter. O que está diretamente atrelado com a transformação da significação que o futebol passou a ter no mundo globalizado. Como já vimos anteriormente, o futebol atual pode ser considerado como um esporte-espetáculo, pois suas proporções vão além de um simples jogo de futebol:

Quando falamos em esporte-espetáculo, estamos nos referindo a uma forma particular de práticas altamente competitivas e a uma esfera específica de consumos esportivos. O esporte-espetáculo não substitui e sim se sobrepõe às formas mais simples de competição esportiva; não concorre com e sim potencializa as demais formas de consumo esportivo (PRONI, 1998, p. 93).

Popular e de consumo, o futebol está presente nas mais diferentes esferas da sociedade, tanto econômicas, sociais, políticas, dentre outras. Ainda mais, “além de ser praticado em todos os continentes, tem como principal manifestação as competições profissionais, que são supervisionadas e comercializadas por uma

ampla e hierarquizada rede de federações nacionais e internacionais (PRONI, 1998, p. 144)”. Assim, o espetáculo atrelado ao consumo se torna um interessante ramo econômico para empreendedores que querem obter lucros a partir do mundo esportivo.

Dessa forma, transformar o espaço do estádio para algo que se assemelhe com um palco de espetáculos é primordial para que o consumo ocorra. Junto dessa alteração, alguns elementos também são modificados, como a mudança de público frequentador, as novas infraestruturas que impressionam, o que é ofertado dentro deste espaço, como outros pontos. Entretanto, tais transformações não são ingênuas e sem intenções, e as reais finalidades da espetacularização do futebol e seus componentes devem estar postas claramente

Uma vez que a capacidade de produzir é na realidade organizada segundo racionalidades ou poderes econômicos, as representações coletivas se folclorizam. As instâncias ideológicas metamorfoseiam-se em espetáculos. Excluem-se das festas tanto o risco como a criação (a aposta pelo menos mantém o risco). As fábulas para espectadores sentados proliferam nos espaços de lazer que tornaram possível e necessário um trabalho concentrado e “forçado”. Em compensação, as possibilidades de ação acumulam-se onde se concentram meios financeiros e competências técnicas. Sob esse aspecto, o crescimento do “cultural” é a indexação do movimento que transforma o “povo” em “público” (CERTEAU, 1995, p. 198).

Daí a relevância de se compreender o processo de modificações que aconteceram e ainda acontecem no mundo do futebol, pois é importante para o sujeito ser crítico e reflexivo, combatendo a alienação das diferentes ações da modernidade e do consumo.

Em específico sobre a “Arena da Baixada”, é possível notar muitas mudanças estruturais, principalmente após a Copa da FIFA. Em que pese, muitas dessas, criaram polêmicas com seus frequentadores, e outras os agradaram muito mais. Mas algo que não se pode esquecer e nem se deixar levar pelos aspectos modernos e estéticos seria deixar de analisar as consequências, tanto positivas quanto negativas, do processo, em que “a criação é mostrada, e não proposta. [...] O que o sujeito perde lhe é vendido em objetos de consumo” (CERTEAU, 1995, p. 203).

Na sequência, veremos como as mudanças estruturais impactaram os frequentadores do estádio da Baixada, assim como deixou de permitir que diversos

torcedores tivessem acesso a este espaço por conta da elitização que vem ocorrendo na casa do CAP. Outro ponto de discussão é que não adianta investir no palco do espetáculo se não há artistas de prestígio em campo, pois o show carece de todo o encanto necessário para atrair mais e mais pessoas às suas dependências.

8.1 REESTRUTURAÇÃO DE UM ESTÁDIO: – A ERA PADRÃO FIFA

Quando se fala em mudanças no estádio de futebol, seja pela modernidade ou estética, a era “padrão FIFA” não pode deixar de ser ponto crucial de discussão. Desde que esta Federação Internacional começou a determinar como os estádios deveriam se estruturar, muitos requisitos são questionados com frequência.

Principalmente por conta das violências que ocorreram em diversos estádios da Europa, a FIFA propôs recomendações e requisitos técnicos para “padronizar” os estádios com seu semblante. Então, para um estádio de futebol participar da Copa do Mundo é necessário que se molde ao arquétipo exigido. O que não foi diferente com a “Arena da Baixada” a partir do ano de 2010.

A partir do padrão FIFA, o referido estádio teve de passar por diversas reformas para atender ao mundial, o que se fez observar alguns problemas que a Baixada tinha:

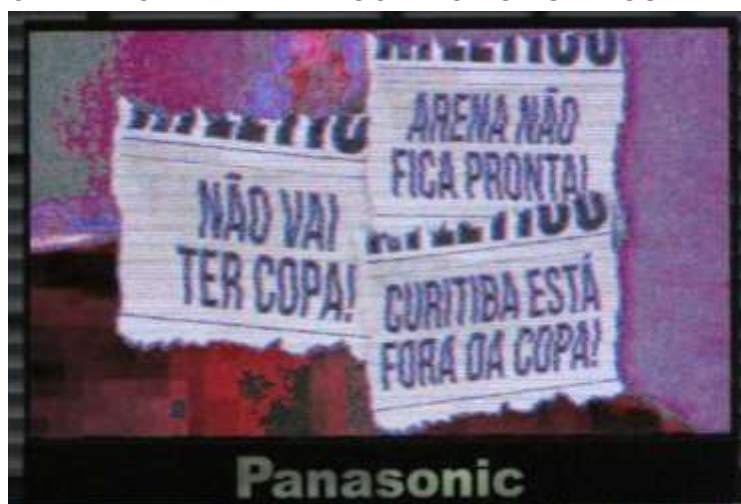
[...] quando você tem uma Copa do Mundo e que tem alguns padrões a serem obedecidos, você vê que a Arena não era tão moderna assim. O exemplo, a Arena antiga você tinha pontos cegos, e para a copa isso foi revisto, o que promoveu uma grande reforma na arena para tirar esses pontos cegos, tirar os pilares e afastar. [...] Eu vejo muitas melhoras na Arena (Frequentador 16).

Não somente os pontos cegos foram retirados, mas segurança, estacionamentos, área de jogo, locais de espectadores, hospitalidade, área de mídia, iluminação e energia, comunicação e áreas adicionais e instalações temporárias (FIFA, 2011) foram reordenados para a Copa do Mundo.

Inicialmente tido como um dos estádios mais prontos para receber a Copa do Mundo no Brasil, imaginava-se que seria necessário pouco tempo e investimento para as reformas requisitadas. Todavia, houve grande demora para o término da construção, assim como apresentação de garantias e outros entraves para liberação do financiamento para continuidade das obras, o que acabou levando um total de 4

anos para, não finalizar a obra, mas estar com o “básico” concluído. Com tal demora, até mesmo foi ameaçado que as quatro partidas da Copa do Mundo poderiam não ocorrer mais na cidade de Curitiba (FIGURA 28). Porém, após diversas inspeções dos organizadores da FIFA, o mundial foi divulgado como definitivo na capital paranaense.

FIGURA 28 – TELÃO DA BAIXADA COM NOTÍCIAS VEÍCULADAS EM 2014



Fonte: A autora, 2014.

O que também pode ser levado em consideração para a demora da obra, é que pelos padrões exigidos pela FIFA, grande parte do estádio teve de ser alterado, mesmo que já apresentasse uma ótima estrutura

Pelas imposições constantes no Caderno de Encargos da FIFA, o *staff* construtor, sob a coordenação do arquiteto Carlos Arcos e do engenheiro Luíz Volpato, iniciou os serviços de demolição. [...] restou apenas a estrutura das arquibancadas, inauguradas em 1999. Um novo estádio, em verdade, foi (re)construído. Além das inovações implantadas na construção já existente, muita coisa nova foi necessária para o setor da Rua Brasília Itiberê (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 50).

Com relação ao setor da Brasília Itiberê, o mesmo ainda não era completo em 2010. O estádio se configurava como uma ferradura até 2010, quando foi inaugurada a primeira parte do anel inferior desta seção. Com a necessidade de se elevar a capacidade, o estádio teve sua forma completada por este anel, tanto na parte inferior como superior. Assim, o “caldeirão” de antes que não tinha seu estádio completo, agora conta com toda a estrutura fechada (FIGURA 29) deste e dos outros setores, expondo um novo aspecto elíptico de sua estrutura.

FIGURA 29 – PANORÂMICA DA “ARENA DA BAIXADA” EM 2014



Fonte: A autora, 2014.

O que fica a dever nesta obra foram os vários problemas sociais causados para esta ampliação do estádio, causando inúmeras desapropriações de indivíduos que moravam na quadra deste equipamento esportivo de lazer (RECHIA; SILVA, 2013). Mesmo que seja uma obra com diversos propósitos, esportivos e culturais, os cidadãos da cidade devem ser vistos como primordiais no processo, e a remoção compulsória destes sujeitos mostra que, em detrimento do poder econômico e político, as pessoas que estão perto destas mudanças são as que mais sofrem os impactos negativos desse tipo de transformação por conta de um megaevento esportivo.

Já dentro do estádio, podemos observar algumas mudanças pontuais de posicionamentos, equipamentos e padronização de estabelecimentos. A distinta posição da imprensa na nova “Arena da Baixada” foi para uma diferente visualização das mídias televisivas, comentaristas e câmeras. Anterior à reforma para a Copa do Mundo, a imprensa se localizava no setor da Getúlio Vargas, pois o anel superior de seu lado oposto (setor Brasília Itiberê) ainda não existia. Com esta mudança, o que é visto e passado pelas câmeras desse novo local para a imprensa (FIGURAS 30, 31) é dos setores com mais torcedores e sócios do CAP (sócios Furacão e sócios FAN – onde se localiza a torcida organizada “Os Fanáticos).

FIGURA 30 – LOCAL DA IMPRENSA NA “ARENA DA BAIXADA” DURANTE A COPA DO MUNDO



Fonte: A autora, 2014.

FIGURA 31 – IMPRENSA NA “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

Sobre a mudança de posição da imprensa, um dos frequentadores a considerou positiva para a visualização do estádio pela televisão

Uma mudança que eu achei muito inteligente foi a mudança do lugar da câmera de televisão, já que a maior parte da torcida fica no setor da Getúlio Vargas e na Madre Maria e Buenos Aires ali naquela curva, então você passar as câmeras de televisão pro (sic) outro lado vai parecer que o estádio está mais cheio do que realmente está (Frequentador 1).

Outro ponto relacionado às mídias seriam os repórteres e fotógrafos postados em campo (FIGURA 32). Entendido como um espetáculo, esses agentes da mídia se encontram em grande número atrás dos gols para passarem

informações do que está acontecendo na partida e sistematizar o mundo real em formato de fotografias (MARTINS, 2008).

FIGURA 32 – REPÓRTERES E FOTÓGRAFOS NA “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

Ainda sobre a imprensa, no espaço interno do estádio há dois ambientes destinados a ela, a zona mista (FIGURA 33) e a sala de imprensa (FIGURA 34).

FIGURA 33 – ZONA MISTA



Fonte: A autora, 2014.

FIGURA 34 – SALA DE IMPRENSA



Fonte: A autora, 2014.

Como em outras partes do estádio, a sala de imprensa da “Arena da Baixada” ainda não está completamente terminada, como pode ser visto através das improvisadas cadeiras de plástico que acomodam os interessados a estar nesse local após os jogos e em coletivas, fato que destoa com o requintado padrão FIFA exigido.

Em questão das lanchonetes, na categoria “A Beleza do Morto” pode ser visto que a padronização destes estabelecimentos causou um impacto nos frequentadores do estádio de forma negativa. Como já relatado, esse padrão tanto das lanchonetes quanto dos alimentos que estão sendo ofertados entram em conflito com as tradições alimentícias do estádio de futebol, pois nem sempre o novo e padrão é o que se quer.

Outro tema abordado foi sobre os corredores após a reforma para a Copa do Mundo e o acesso ao estádio (FIGURA 35). Algumas reformas foram realizadas para alargamento dos mesmos, principalmente pensando numa possível evacuação de emergência do estádio, um dos requisitos da FIFA

Com a demolição das lanchonetes, banheiros coletivos e dos camarotes, foi realizado um alargamento dos corredores de acessibilidade às arquibancadas. Assim, haverá mais brevidade e agilidade para os deslocamentos, propiciando mais conforto e segurança aos torcedores, que poderão deixar o local – ao final do jogo – em apenas seis minutos (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 50).

Contudo, as mudanças feitas não são de satisfação de todos, principalmente pelo estádio ainda não estar concluído, o que divide opiniões negativas e positivas

Em minha opinião, o estádio está inacabado precisando de alguns ajustes. Um dos maiores problemas é o acesso, mesmo com as mudanças da Copa, ainda vemos várias filas, antes observava elas mais organizadas (Frequentador 4).

Outra coisa que melhorou demais foi o escoamento do público, tanto pra (sic) entrar quanto pra sair e chegar. O trânsito, antigamente pra sair era muito complicado, engarrafamento de gente, principalmente pra sair, mesmo porque os seguranças obrigavam você a sair (Frequentador 16).

Mesmo com divergências nas transformações dos acessos da “Arena da Baixada”, a comparação com estádios mais antigos é visto como um ponto de evolução das estruturas.

FIGURA 35 – MAPA DE ACESSOS À “ARENA DA BAIXADA”



Fonte: A autora, 2014.

Sobre outros locais novos do estádio, pode ser contabilizado o prédio de mídia ao lado do estacionamento externo do estádio (FIGURA 36), o estacionamento subterrâneo, os novos camarotes (VIP e VVIP) (FIGURA 37), a renovada entrada de visitantes e a nova explanada de acesso ao estádio (FIGURA 38). Da mesma forma, os locais onde os atletas ficam, como vestiários e área de descanso (FIGURA 39), foram restaurados e aparentam ser de uma qualidade elevada.

FIGURA 36 – PRÉDIO DE MÍDIA E ESTACIONAMENTO EXTERNO



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 37 – ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO E CAMAROTES VIP E VVIP



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 38 – ENTRADA DE VISITANTES E A NOVA EXPLANADA DA BAIXADA



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 39 – VESTIÁRIO E HIDROMASSAGENS DO CAP



FONTE: A autora, 2014.

Sobre os equipamentos modernos alojados no estádio, podemos citar que “dois grandes telões, com 77m² cada, foram instalados na Arena. No alto, ao fundo dos gols, um na estrutura da Rua Petit Carneiro e outro na da Rua Buenos Aires” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 51).

Com os diários de campo foi possível perceber que, durante as partidas de futebol, os telões (FIGURA 40) foram usados para orientar a saída dos torcedores, apresentar os placares de outros jogos, mostrar os melhores momentos da partida, avisar sobre promoções das redes sociais e shows que teriam na cidade, os quais os sócios do CAP teriam descontos na entrada.

FIGURA 40 – UM DOS TELÕES DA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: A autora, 2014.

Outro equipamento que está para ser instalado são as catracas com identificação biométrica¹⁶ para entrada no estádio.

8.1.1 Na beira do campo

Ainda sobre a modernidade de alguns aspectos da “Arena da Baixada”, dois elementos merecem destaque na discussão: a modernização das cadeiras e a proximidade das arquibancadas com o campo.

Como já comentado na categoria “A Beleza do Morto”, as cadeiras foram ponto polêmico entre os frequentadores. Enquanto novas cadeiras dão conforto aos

¹⁶ A notícia completa pode ser vista em: <http://www.atleticoparanaense.com/site/noticias/detalhe/36265/ArenateracessobiomtricoProcessoseriniaciadopeloSetorFan>. Acesso em: 28 fev. 2015

torcedores, a velha lembrança das cadeiras vermelhas é retomada a todo tempo. “As cadeiras de plástico, que existiam, deram lugar as novas cadeiras retráteis, confortáveis, que atendem aos mais exigentes torcedores. No setor “vip”, as cadeiras são estofadas – recobertas em couro!” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 50)

Em relação da proximidade das arquibancadas, 13 frequentadores comentaram como um aspecto positivo a proximidade da torcida com o campo (FIGURA 41), sendo que nenhum dos frequentadores apontou como negativo. Saber que “o torcedor, que sentar na primeira fila, ficará a apenas seis metros de distância do campo de jogo e terá uma visibilidade privilegiada” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 51) é um diferencial que a “Arena da Baixada” apresenta, porém sempre foi mais próxima do que outros estádios.

FIGURA 41 – A PROXIMIDADE DO CAMPO COM AS ARQUIBANCADAS



Fonte: A autora, 2014.

Aqui, cabe relembrar a categoria “Composição da festa: a torcida” e retomar alguns aspectos que fez o estádio Joaquim Américo Guimarães ser conhecido como “caldeirão” pela pressão que a torcida sempre exerceu, muito devido a sua proximidade das arquibancadas com o campo de jogo.

a proximidade do campo, pelo menos dos [estádios] daqui do Brasil que eu já fui não tem nenhum que seja assim (Frequentador 2).

A proximidade com o campo, a Arena sempre foi muito próxima, mas agora que tiraram o fosso a proximidade é ainda maior, chega a ser absurdo você estar cinco, seis metros do jogador (Frequentador 1).

Visto que parte dos elementos modificados no estádio por conta do padrão FIFA, em que alguns são considerados positivos e outros negativos, a reestruturação da “Arena da Baixada” faz parte do espetáculo que se tornou o futebol. As reformas que aconteceram neste espaço foram, principalmente, para atender os torcedores com maior comodidade e conforto. Entretanto, tais mudanças estruturais interferem na ordem social do estádio, o que irá diferir no público frequentador de um estádio com o custo mais elevado em decorrência das transformações exigidas pela FIFA.

8.2 A ELITIZAÇÃO DO SHOW

A elitização que o esporte-espetáculo demanda aos seus espaços de entretenimento incide diretamente no público que frequenta esse ambiente. No caso do futebol, os estádios vão se transformando ao longo do tempo, o que acaba reivindicando uma mudança no perfil do torcedor que frequenta esse lugar, no intuito de diminuir a violência causada por certos torcedores e conseguir aumentar a margem de lucro que é gerada em dias de jogo.

A modernização dos estádios e a melhoria de condições são acompanhadas por uma vontade de mudar, ao menos parcialmente, de público. Assim, os responsáveis esportivos e políticos afirmam frequentemente que é necessário devolver os estádios às famílias após terem sido expulsos os torcedores violentos (HOURCADE, 2014, p. 121).

Contudo, como oficializar esta elitização do estádio de futebol? O primeiro passo identificado, principalmente nesta pesquisa, são os preços elevados dos ingressos. Mesmo que “a rápida popularização dos jogos dos grandes clubes como atividade de lazer fez com que a venda de ingressos passasse a ser parte fundamental da ‘saúde financeira’ destas agremiações” (MALAIA, 2012, p. 56), os altos preços postos para população, além de serem parte importante da renda dos clubes de futebol, restringem certos indivíduos de participarem deste espetáculo.

Certeau (1995) nos alerta sobre o perigo de criar duas classes de sujeitos em meio à sociedade, pensando nas pessoas que podem e nas que não podem frequentar os estádios

A característica mais comum dos escritos que se tenta espalhar no momento e aos quais se dá a forma mais popular é dividir a sociedade em duas classes, os ricos e os pobres, representar os primeiros como tiranos, os segundos como vítimas, incitar à inveja e ao ódio uns contra os outros e preparar, desse modo, na nossa sociedade, que tanto se preocupa com a união e a fraternidade, todos os elementos de uma guerra civil (p. 61-62).

Diante dos problemas sociais que esta elitização pode causar, é evidente que acabará “ocasionando a apropriação de uns e a desapropriação de outros” (RECHIA; SILVA, 2013, p. 211) em relação aos encontros e culturas que este espaço oferece.

No caso específico desta pesquisa, oito frequentadores citaram como ponto negativo a elitização que está acontecendo na “Arena da Baixada”, sendo que ninguém citou esse processo como ponto positivo. Sobre as mudanças do estádio, um dos frequentadores relata:

Tem um lado bom e ruim. Positivamente modernizou e evoluiu e de outro lado elitizou, hoje o poder aquisitivo para obter um ingresso não contempla a todos, o que antigamente não ocorria, pois os ingressos eram com preços baixos e acessíveis. A diferença é do povo que frequenta, de uma situação financeira melhor, eles não demonstram tanto sentimento ao clube (Frequentador 5).

Este frequentador associa que os sujeitos com maior poder aquisitivo não são torcedores tão fervorosos como os de antigamente, em que os ingressos eram de acesso mais fácil a quem quisesse ir ao estádio. Fato este, muito atrelado com o que é exposto sobre o funcionamento social do indivíduo em meio uma sociedade do espetáculo, sendo que este deve atuar como espectador passivo do que está acontecendo (CERTEAU, 1995).

As mudanças em relação ao comportamento dos torcedores são interpretadas de maneiras diferentes, pois enquanto um frequentador acredita que quem possui maior poder aquisitivo não torce com vibração

Um dos erros foi aumentar o preço dos ingressos, o que dificulta o acesso de muitos torcedores, eles podiam diminuir o valor do ingresso, atraindo mais torcedores, atraindo uma torcida mais consolidada e com maior vibração. O pessoal com maior poder aquisitivo financeiro, são atípicos, só querem sentar e assistir (Frequentador 6).

Hourcade (2014) discorda desse aspecto, pois “se todos que assistem a um jogo são incitados a serem torcedores, não são todos que são da mesma forma. A ordem atual é marcada por uma geografia precisa do estádio, dividido em territórios diferenciados que acolhem públicos diversos” (p. 125). Defendendo que cada torcedor é singular na hora de se manifestar e incentivar o seu clube. Contudo, o mesmo autor cita que as singularidades podem entrar em conflito quando a violência surge entre torcedores

Os promotores do futebol querem afastar os causadores de problemas, percebidos como uma pequena minoria, sem fazer desaparecer a atmosfera festiva, que hoje em dia é considerada necessária para o espetáculo do futebol. Entretanto, trata-se de um objetivo difícil de manter, já que os que mais contribuem para a atmosfera são também os que provocam às vezes violência (*Ibidem*, p. 141).

Certeau afirma que “a expulsão das iniciativas para a marginalização atesta, enfim, um apagamento da diversidade, [...] as diferenças qualitativas” (1995, p. 201). Por mais que se tente extinguir a violência que ocorre no mundo do futebol, alguns sujeitos serão excluídos durante o processo de elitização, refletindo outros problemas sociais, como a questão econômica.

Mas, do que vale substituir os torcedores mais ferrenhos, contudo violentos, por torcedores mais contidos? Que beleza que se espera deste espetáculo se quem faz a festa não estará mais presente? São questões que o tempo irá nos dizer, pois as transformações, pelo menos na “Arena da Baixada”, são muito recentes. Mas algo é certo: todos vão a campo para ver um espetáculo, e dentro disso os jogadores ídolos surgem como possíveis motivadores para os sujeitos irem ao estádio de futebol.

8.3 ATRAÇÕES PRINCIPAIS: ÍDOLOS NO PALCO

Se o estádio se configura como um grande palco de espetáculo, ele também requisita grandes artistas do futebol. As pessoas algumas vezes não são interessadas no jogo do futebol, mas sim no show que determinados jogadores podem apresentar dentro de campo, pois seus feitos os tornam ídolos de gerações

Así como tenemos varios ejemplos de atletas históricos que con el repase generacional son conocidos por sus hechos hasta hoy, lo más común es que todos los aficionados por este deporte ya oirán hablar del “Rey del Fútbol” más conocido como Pelé, se hay un rey también hay el “Dios”, conocido también como Diego Maradona, la “Saeta”, nombre pelo cual Alfredo Di Stéfano era reconocido, el “Kaiser” Franz Beckenbauer, el “Mousieur” Michel Platini y el “Fenómeno” Ronaldo Nazario de Lima, entre centenas de más jugadores que llegaron al estatus de héroe, con sus apodos que representan la grandeza que estos hombres llegaron a ser. (RODRIGUES, 2014, p. 12).

Estes ídolos levaram multidões aos estádios por serem internacionalmente reconhecidos devido às suas habilidades extraordinárias e êxitos em competições. Atualmente, os frequentadores de estádio não mudaram este costume, como pode ser visto na Catalunha, em que muitos turistas, não tão aficionados com o futebol, vão ao Camp Nou somente para ver os ídolos contemporâneos Lionel Messi e Neymar Jr. atuarem pelo FC Barcelona.

O que pode ser visto, também, na história do CAP, onde muitos frequentadores iam ao estádio para assistirem jogadores ídolos, como Caju, Bellini, Djalma Santos, Sicupira, Paulo Rink e Oséas, Lucas, Kleber Pereira, Alex Mineiro, Kléberson e Washington (MACHADO; HOERNER JÚNIOR; FAGNANI, 2010). Nos últimos tempos, o torcedor atleticano relata que sente a falta de um grande ídolo que motive as pessoas ir ao estádio para presenciarem algum possível lance de craque. O que está relacionado com o que um dos frequentadores comenta

As crianças sabem o nome de Neymar, Robinho, mas quando perguntamos um jogador do atlético ninguém sabe (Frequentador 19).

Dessa forma, um estímulo de ir ao estádio é de estar na presença de um ídolo.

A possibilidade de você assistir grandes jogadores, os melhores jogadores do futebol brasileiro, porque o estádio tem que ser bom e confortável de assistir o jogo, mas o estádio mesmo não me diz

nada, o que me diz é o evento que vai ter lá. Tanto que não são todos os jogos que eu vou, eu seleciono qual eu vou, pra (sic) ver um jogador que eu quero ver. Já estive no Couto [estádio do Coritiba FC] pra ver um jogador que achava que seria a última vez que iria ver, como por exemplo, o Romário, o Cícinho, o Lucas. A arena tem uma íntima relação com o time do Atlético estar bem posicionado nos campeonatos, o estádio não me diz nada. Se você me disser que o CAP vai pra série B, e não vai dar pra ir à Arena pra ver Corinthians, Flamengo, São Paulo, Cruzeiro, Santos, etc., provavelmente eu não iria ao estádio pra ver nenhum jogo da série B, como dificilmente eu vou ao estádio pra ver um jogo do campeonato paranaense (Frequentador 16).

Ir ao estádio para presenciar o êxito dos atletas, principalmente seus ídolos, pode ser uma forma de adentrar a um mundo em que os problemas pessoais não existem, e o que importa é desfrutar deste momento de lazer. Incorporando os momentos de glórias vividos pelos ídolos à sua própria pessoa, os feitos deles são também os seus feitos.

Creio que só recentemente isso começou a tomar conta de nós, nesta cultura. Quem assiste a competições esportivas, em vez de praticar atletismo, se deixa envolver em façanhas substitutivas. Mas quando se pensa nas dificuldades que as pessoas realmente enfrentam em nossa civilização, percebe-se que ser um homem moderno é algo extremamente árduo. O esforço tremendo daqueles que assumem o sustento das famílias – bem, essa é uma tarefa que exaure e consome toda uma vida. (CAMPBELL, 1990, p. 144).

Sobre o Atlético-PR, um dos historiadores entrevistados comenta sobre a falta de ídolos no time, pois se querem criar um palco grandioso são necessários artistas grandiosos para realizar o espetáculo.

Uma das minhas principais críticas à diretoria seria que, você tem um belo palco, mas você precisa investir nos atores, você pega o teatro Positivo, o teatro Guaíra são teatros bonitos, tradicionais (Guaíra), luxuosos (Positivo), bem no sentido da Arena, moderno, com acústica, mas se você não tem um bom elenco, ninguém vai para assistir só pelo teatro. Precisa de jogador, com nome de destaque, que o clube dispute títulos, é isso que chama o torcedor (Historiador 2).

Assim, o CAP poderia usar os ídolos como um atrativo para os torcedores irem ao estádio, e poder arrecadar maiores rendas para o clube. Prática esta já utilizada pelos meios de comunicação e marcas esportivas, que usufruem da imagem do jogador ídolo com objetivo de alcançar maior quantidade de torcedores e, por que não, consumidores do futebol espetáculo (RODRIGUES, 2014).

Com isso, podemos perceber que os novos estádios de futebol, especialmente os que seguem os padrões que a FIFA estabelece, “sugerem” de modo impositivo que os sujeitos se contenham em suas cadeiras numeradas de alto valor para acesso, que consumam alimentos, objetos e associações que são ofertadas e se controlem, pois aquele espaço onde se torcia nas arquibancadas de concreto, sem cadeiras estilizadas, unindo pessoas meramente pela prática de futebol e pela identidade clubística com seu time já ficou no passado.

Identificamos que “a introdução de uma mentalidade empresarial na organização esportiva decorreu da apropriação do esporte pela indústria do entretenimento e do desenvolvimento do marketing esportivo” (PRONI, 1998, p. 253), em que muitas vezes transforma espaços como o estádio de futebol em espaços de consumo que acentuam as diferenças sociais. Dessa forma, a sociedade do espetáculo tende a gerar “um sistema cada vez mais de homens que ‘querem ter algo’ e cada vez menos daqueles que ‘querem ser alguém’” (CERTEAU, 1995, p. 192), somando mais e mais problemas ao invés de se encontrar soluções.

Um dos aspectos atuais presentes na sociedade do espetáculo é o uso de um espaço para diferentes funções, assim o estádio de futebol pode deixar de ser apenas um palco de uma determinada prática esportiva e abrir a possibilidade de ser multifuncional, temática a qual será discutida na próxima categoria.

9 MULTIFUNCIONALIDADE

o próprio estádio, por ser multieventos, e a Arena Indoor, que será construída são elementos propícios para diversos eventos, sejam eles esportivos ou artísticos. São situações de lazer para os cidadãos de Curitiba e, também, de outras regiões que virão para tais eventos (Historiador 1).

Uma das atuais demandas dos estádios de futebol é transformá-los em arenas multifuncionais, as quais seriam locais para diferentes práticas de entretenimento (ARAÚJO, 2008), assim ampliando a possibilidade de uso do estádio para além do futebol. Em Curitiba, a “Arena da Baixada”, após suas reformas para a Copa do Mundo, teve como diferencial ofertar o estádio do CAP como um novo cenário multifuncional para a cidade

Apesar de o estádio ser do Atlético, Curitiba ganhou um palco de eventos, pode ter eventos culturais, música, luta, então nós estamos novamente nos circuitos de eventos internacionais, independente de ser do Atlético, nada impede que outros torcedores de outros clubes, possam ir até o estádio para ver um evento esportivo, seja do Atlético ou não, uma Seleção Brasileira, ou mesmo de um time de outros estados, não deixa de ser local atrativo para este tipo de evento (Gestor de Curitiba).

Contudo, é necessário dar tempo ao tempo para realmente ver se o estádio será usado com este fim. Certeau (1995) associa sua discussão especificadamente à cultura, entretanto quando comenta sobre como a sociedade e sua produção do saber gira entorno do mercado, o que reforça a ideia de que as modificações atuais dos estádios de futebol, tanto na infraestrutura quanto em sua multifuncionalidade, estão atreladas ao mundo do consumo por questões econômicas e políticas mundiais, da mesma forma que a produção do conhecimento. Entre os frequentadores entrevistados é possível analisar que as mudanças que ocorrem nestes equipamentos esportivos tentam seguir uma linha que atraia mais usuários naquele espaço e que, conseqüentemente, usufruam dele gerando lucros para seus proprietários, num modelo similar com o empresarial.

Assim, o clube dono do estádio, a partir do momento que entende a multifuncionalidade como fonte de recursos financeiros, é propício de usar deste fim para aumentar sua renda

Os novos estádios [...] mais amplamente, visam transformar o espetáculo do futebol. Na verdade, eles devem aumentar as receitas ligadas à bilheteria e ao consumo do público. Aumentando o número de lugares na arquibancada, aumentando a proporção de assentos destinados às empresas e aos clientes afortunados, desenvolvendo o merchandising, concebendo o estádio como local comercial aberto a outros espetáculos e à um consumo regular (HOURCADE, 2014, p. 137).

Todavia, para que a “Arena da Baixada” fosse aprovada como estádio para a Copa do Mundo, e que conseqüentemente depois pudesse usufruir de seu espaço multifuncional, contrapartidas sociais foram firmadas com o poder público, a fim de não somente o Clube Atlético Paranaense ser beneficiado, tanto financeiramente quando em suas infraestruturas, mas também possibilitar aos cidadãos de Curitiba novas oportunidades de lazer.

9.1 AS CONTRAPARTIDAS SOCIAIS

Com relação às contrapartidas sociais previstas para o CAP realizar, de acordo com os contratos firmados com os governos federal, estadual e municipal são:

a) Intensificação da parceria existente relativa às Escolinhas do Atlético Paranaense, em especial em áreas carentes; b) Cedência, pelo período de 5 (cinco) anos após o encerramento da Copa do Mundo, de um espaço junto à sua Sede Administrativa correspondente a 50% do total da área da Sede, para instalar área da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer; c) Cedência, pelo período de 50 (cinquenta) meses a partir da assinatura do convênio, espaços para a realização de eventos de interesse do ESTADO e/ou do MUNICÍPIO, compatíveis com o espaço existente, e sem qualquer utilização dos espaços destinados à prática do futebol e de seus meios para treinamento, sem ônus, ressalvado o reembolso de despesas tais como iluminação, segurança e limpeza ([...] somente de março a novembro de 2014); d) Viabilização de espaço para a instalação de quiosques dos programas “LEVE CURITIBA” e “FEITO AQUI PARANÁ”, como forma de apoiar o artesanato local; e) Manutenção da parceria com o Instituto Municipal de Turismo quanto ao espaço para o ponto de parada da Linha Turismo na Arena do CAP; f) Cedência, sem ônus, de dois camarotes na Arena do CAP, sendo um para o MUNICÍPIO e outro para o ESTADO, para o desenvolvimento de programas e eventos de interesse municipal e estadual, pelo período de 50 (cinquenta) meses a partir da assinatura

do convênio (mesmo caso do item c); e g) Realização, ao final do ano, de um evento das escolinhas de futebol do Clube, do qual participem os alunos das escolas parceiras (FRANZONI; LUFT, 2013, p. 16).

Contudo, um ponto debatido seria quando o CAP iria, efetivamente, realizar tais contrapartidas, pois não há nenhuma ferramenta ou recurso para fiscalizar e avaliar este processo. Além disso, “percebe-se que nenhuma das contrapartidas previstas para o Clube Atlético Paranaense significa o dispêndio de recursos na mesma proporção dos entes públicos, de forma que, seria um equívoco chamá-las de ‘contrapartidas’” (FRANZONI; LUFT, 2013, p. 16).

Apesar das mais diversas suposições em torno do assunto, o Gestor de Curitiba afirma que existem essas contrapartidas, reforçando a ideia da multifuncionalidade e de espaço de lazer da cidade

Existe também, outro porém, que é a contrapartida do Atlético, que funcionaria um centro de mídia, que nem foi utilizado, porque não deu tempo de acabar, que será a parte administrativa do Atlético, aproximadamente a área tem 2000 m², na Madre Maria dos Anjos com a Brasília Itiberê, prédio de estrutura metálica. Vão ceder 2000 m² para que alguma secretaria da prefeitura se instale por um período de cinco anos, sem pagamento nenhum de aluguel, provavelmente, a de interesse é a de abastecimento, para ocupação desta área. Existe também o fornecimento de um camarote do estádio para o município, se ele quer vender ou utilizar para a instituição social ou algo parecido, ele pode utilizar e ainda existem algumas datas que o município utilizaria o estádio para algum evento, seja para o casamento coletivo, festa de Natal, dia das crianças, desde que não estrague a estrutura do estádio e para a cidade o importante é que vai ganhar um espaço para lazer e cultura (Gestor de Curitiba).

Como cidadãos que cumprem seus direitos e deveres, é possível fiscalizar e indagar ao CAP sobre a realização de todas as contrapartidas previstas desde antes das reformas para a Copa do Mundo, sendo que esses foram requisitos para que o mundial acontecesse em Curitiba.

Além das contrapartidas sociais citadas, outro elemento pode entrar como fator importante para a multifuncionalidade da Baixada, sendo a construção do Complexo CAP.

9.1.1 Complexo CAP

O complexo CAP acoplaria a “Arena da Baixada”, um espaço comercial na parte inferior do estádio, estacionamentos e uma Arena Indoor – a Areninha (FIGURA 42) – um ginásio poliesportivo multifuncional para 10 mil pessoas (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014).

FIGURA 42 – MAQUETE DO COMPLEXO CAP



FONTE: A autora, 2014.

Para construção deste complexo, “casas particulares, situadas na Rua Buenos Aires, [...] foram desapropriadas (com muito atraso) pelo Governo Municipal para, também, propiciar condições de acessibilidade aos torcedores que se dirigirão ao estádio e ao ginásio de esportes (Areninha)” (MACHADO; SZAKOWSKI, 2014, p. 65). O que pode ser visto com bons olhos por uns, para outros pode ser visto como uma violação dos direitos de cidadão, pois nenhuma obra deve sobressair ao direito de moradia dos sujeitos (FRANZONI; LUFT, 2013).

Entretanto, a edificação do ginásio poliesportivo poderia ser uma inovação por parte do CAP em relação aos outros clubes de futebol brasileiros

a própria Areninha, talvez, fosse um diferencial, agora estão todos montando estádios e eu vou montar um ginásio com qualidade e vou investir numa equipe forte de basquete, vôlei, futsal, algo assim (Historiador 2).

Mas, tudo se trata de suposições dos autores citados sobre o futuro ginásio, pois não há indícios de início de sua construção. Outro agravante para que o ginásio

comece a ser construído é a finalização do teto retrátil, obra que está atrasada desde a época da Copa do Mundo.

9.2 TETO RETRÁTIL

Apontado, primeiramente, como um dos principais diferenciais da nova “Arena da Baixada” em relação aos outros estádios do Brasil, seria o teto retrátil que surgiu como uma oportunidade extra de tornar o estádio do CAP em um centro de eventos para a cidade de Curitiba. A “tampa do caldeirão” que deveria ficar pronta para a Copa do Mundial, veio postergando sua data de conclusão.

Com isso, o CAP que havia anunciado um evento de luta – *Shooto* (FIGURA 43) – dentro do estádio em outubro de 2014, cancelou a atração logo após vender vários ingressos.

FIGURA 43– COMUNICADO SOBRE O SHOOTO NO TELÃO DA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: A, autora, 2014.

O que fez alguns sujeitos acreditarem que o teto retrátil não passou de uma jogada de marketing para conseguir mais recursos para a obra da Copa do Mundo de 2014:

Sou cético quanto a isso porque já na primeira reforma ficou esse discurso que ia ter esse conceito de arena que era pra (sic) ter shows, eventos o tempo inteiro, que ajudassem que o clube se mantivesse financeiramente, depois alegaram que não era possível, porque destruiria o gramado e daí não aconteceu. Sendo que em

São Paulo, o estádio do São Paulo – Morumbi - é o mais velho e é o que mais realiza show e mobiliza esse tipo de evento. Especulou-se agora que poderia ser realizado na Arena um evento do UFC [competição de artes marciais mistas] e iria precisar do teto retrátil [...]. Vou acreditar na hora em que ele realmente promova shows que seja um diferencial em relação aos outros, caso contrário, não tem porque ter o teto retrátil seria uma arquitetura do estádio que faz parte da reforma (Historiador 2).

Com relação ao que os frequentadores relataram sobre esse equipamento, poucos se manifestaram sobre o assunto, porém os atrasos da obra são sempre recordados

Eu acredito que se tivesse ficado pronto há tempo, com o teto e tudo, já era pra (sic) ter acontecido vários eventos. Até porque quem está gerindo era demais, tinham muitos eventos que estariam ali, mas que os atrasos não deixaram que acontecessem os shows. Mas não sei se perde credibilidade, mas que é um mico grande pra instituição é. Você anuncia um negócio e começa a vender ingresso, e acaba não dando por não estar pronto completamente (Frequentador 2).

Como podemos ver na fala do frequentador, o teto retrátil se acumula nas várias suposições de como será no futuro, se atrairá ou não grandes shows para a cidade, além de outros eventos de lazer. Porém, mesmo sem o teto, alguns eventos, além da prática do futebol, já foram realizados na “Arena da Baixada”.

9.3 EVENTOS MULTIUSOS

Desde a realização da Copa do Mundo de futebol, em junho/julho de 2014, alguns eventos de diversas naturezas foram realizados na “Arena da Baixada” até dezembro de 2014, como podemos observar abaixo:

- A. Feirão da FIAT¹⁷, evento de venda de automóveis desta concessionária, realizado no estacionamento do estádio, onde havia pequenos espaços para visitação ao estádio e alimenta o (FIGURAS 44, 45, 46, 47).

¹⁷ Notícia completa em: <http://www.atleticoparanaense.com/site/noticias/detalhe/36236/Arena-recebe-novamente-o-Feiro-de-Fbrica-Fiat-neste-fim-de-semana>. Acesso em 28 fev. 2015

FIGURA 44 – PANORÂMICA DO FEIRÃO DA FIAT NA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 45 – FAIXA DO FEIRÃO DA FIAT



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 46 – FEIRÃO DA FIAT



FONTE: A autora, 2014.

FIGURA 47 – PARTE INTERNA DA BAIXADA DURANTE O FEIRÃO DA FIAT



FONTE: A autora, 2014.

B. Casamento Coletivo¹⁸, realizado pela Prefeitura Municipal de Curitiba, em que contou com 800 casais, recebendo em torno de 3 mil pessoas, incluindo os noivos, convidados, autoridades e imprensa (FIGURAS 48, 49).

FIGURA 48 – CASAMENTO COLETIVO NA “ARENA DA BAIXADA”



FONTE: CAP, 2014.

¹⁸ Notícia completa em: <http://www.atleticoparanaense.com/site/noticias/detalhe/36213/Arena-da-Baixada-recebeu-casamento-coletivo-neste-domingo>. Acesso em 28 fev. 2015

FIGURA 49 – CASAMENTO COLETIVO



FONTE: CAP, 2014.

C. Natal da Alegria¹⁹, “parceria da Prefeitura de Curitiba com o CAP, o evento contou com mais de 3 mil crianças em situação de vulnerabilidade social de Curitiba. Também entraram como parceiros do evento a Fundação de Ação Social (FAS) e o Instituto de Pró-Cidadania de Curitiba (IPCC). Além de brincarem, assistirem apresentações culturais e realizarem um tour pelo estádio, as crianças receberam presentes, comidas, bebidas e doces” (CAP, 2014, p.1) (FIGURAS 50, 51).

FIGURA 50 – PAINEL DO NATAL DA ALEGRIA



FONTE: A autora, 2014.

¹⁹ <http://www.atleticoparanaense.com/site/noticias/detalhe/36242/Arena-da-Baixada-receber-festa-de-Natal-para-criancas-carentes-de-Curitiba>. Acesso em 28 fev. 2015

FIGURA 51 – NATAL DA ALEGRIA



FONTE: CAP, 2014.

9.3.1 Os torcedores e a participação em eventos multifuncionais

As opiniões ficaram bem divididas quanto à participação dos frequentadores dos jogos do CAP em eventos fora do futebol. Alguns torcedores questionaram para quem seria beneficiado: o participante ou o CAP? Ao mesmo tempo, houve frequentadores que afirmaram que, se fosse para ajudar o clube, iriam aos eventos multifuncionais.

Contudo, da mesma forma, alguns frequentadores comentaram que iriam sim aos eventos, por serem na “Arena da Baixada” e por ajudarem o clube, mostrando a divergência de pensamento. Outro ponto citado por um frequentador foi a interferência nos jogos do CAP, segundo ele o clube deve priorizar o futebol e depois pensar em eventos multifuncionais.

A partir dos diferentes eventos que já houve no estádio da Baixada, a possibilidade e efetiva execução de eventos com parceria do poder público já se mostrou crível. Um fortalecimento de ações entre Prefeitura de Curitiba e Clube Atlético Paranaense poderia ser acontecer pensando no desenvolvimento cultural, social, turístico, esportivo e de lazer da cidade, ampliando as funções do estádio para os mais diversos eventos que este possa comportar.

9.4 PENSANDO NO FUTURO: LUCROS E ATRATIVO TURÍSTICO?

Na perspectiva do que o estádio trará como benefícios econômicos e turísticos para cidade e ao CAP, são citados pelo gestor de Curitiba e pelo poder público, os possíveis lucros que serão gerados pelos eventos multifuncionais que acontecerão na “Arena da Baixada”, assim como a possibilidade de se tornar um atrativo turístico para a cidade de Curitiba.

Nesta linha de raciocínio, um dos frequentadores acredita no potencial da “Arena da Baixada” de se tornar ponto certo de passagem de turistas da capital paranaense

A principal expectativa pra (sic) Arena é que se torne um ponto turístico pra cidade, por ter sido um estádio de Copa do Mundo, a cidade tem muitos pontos turísticos, eu sei, mas seria um diferencial. Para o amante do futebol ele teria um ponto turístico, assim como tem gente que vai pro Rio de Janeiro conhecer o Maracanã, gente que vai pra Madri e conhece o Bernabéu, e em Curitiba o que tem que conhecer? Isso, isso e isso, mas também tem a “Arena da Baixada”, porque ficou super legal pra conhecer. Outro ponto é que vai se tornar um local de eventos, é a nossa expectativa, dos sócios e torcedores do clube, que o clube faça a Arena ser rentável pro clube também, porque a gente teve um grande prejuízo pra reforma, por mais que tenha sido dividido e tal. E a partir do momento que você começa a promover eventos, pensa a quantidade de pessoas que um show pode atrair? Se você quiser utilizar o estádio pra fazer o show você tem que pagar tanto para o CAP. Assim como eu não vejo que Curitiba tem um espaço para realizar um casamento coletivo que possa ir mais de 40 mil convidados pra ver. Eventos esportivos: teve o futsal no Mané Garrincha, a Arena com teto retrátil vai se tornar um ginásio de esportes também, vai poder promover diferentes esportes que estão em ascensão no Brasil (Frequentador 1).

Assim como acredita no potencial turístico do estádio, este frequentador também crê na possibilidade do CAP aumentar sua renda com eventos multifuncionais. Contudo, esta ideia não é unânime entre os entrevistados. Já um dos historiadores não acredita que por si só o estádio Joaquim Américo Guimarães se consagre como um ponto turístico da cidade, mas sim que há outros elementos que podem compor esse processo.

Seria uma possibilidade extra de se conhecer, pois a pessoa não vai escolher vir para Curitiba para ver somente o estádio, se tiver essa possibilidade, tudo bem, mas será secundário [...]. É difícil alguém procurar Curitiba com o foco exclusivo para o turismo, mas se temos

uma linha de turismo no transporte coletivo tem que passar no estádio e tem que ter a visitação, são elementos chaves para ser um ponto turístico (Historiador 2).

Este pensamento está muito ligado ao caráter turístico que a cidade de Curitiba pode desenvolver depois da Copa do Mundo, como um legado deste megaevento esportivo. Porém, pesquisas sobre legados turísticos, de autores como Reis (2008) e Uvinha (2013), apontam que é difícil de afirmar se uma cidade-sede terá o ramo do turismo ampliado por conta de um megaevento esportivo, pois cada cidade é muito singular no que pode ofertar aos seus turistas e que o turismo está muito ligado à globalização, está em constante mudança, principalmente em questões econômicas.

O que pode ser notado é “casos de levantamentos que privilegiam os resultados positivos dos megaeventos esportivos de forma a promovê-los ou convencer pessoas acerca de seus benefícios potenciais” (REIS, 2008, p. 511). No caso de Curitiba, o tempo ainda é curto para realizar uma análise do fator turístico, visto que o acontecimento do mundial de futebol é muito recente.

Todavia, outro aspecto que acentuaria o estádio Joaquim Américo Guimarães como ponto turístico é a passagem do ônibus de turismo da cidade pela Baixada, como afirma o gestor municipal:

A questão que estava pontuada como contrapartida, era o ônibus de turismo ser passado pela Arena, como um dos pontos turísticos. Já está sacramentada, como proposta de implantação, não sei se já está passando, pode ser que não por causa do interrompimento da Buenos Aires e da revitalização da praça que vai começar (Gestor de Curitiba).

No entanto, as promessas contidas nos documentos da FIFA e proferidas pelo gestor de Curitiba devem ocorrer em sua totalidade, sem brechas para possíveis “furos” com a população curitibana.

Com relação aos entrevistados da pesquisa, as opiniões sobre os possíveis benefícios de o estádio ser multiuso são cautelosas, contudo, de modo geral, positivas. O que podemos afirmar neste momento é que a “Arena da Baixada” se reestruturou em prol da Copa do Mundo, e as mudanças que ainda estão acontecendo podem incidir diretamente no frequentador do estádio, bem como no cidadão de Curitiba, pois o estádio se configura como um espaço de lazer (FIGURA

52) do meio urbano, e sua transformação afeta, tanto diretamente quanto indiretamente, os torcedores, cidadãos curitibanos, turistas, dentre outros sujeitos que possam estar interligados a ele.

Assim, podemos ver que o futuro da “Arena da Baixada” como espaço multifuncional para a cidade de Curitiba ainda é incerto, pois somente com mais tempo teremos concretas visualizações sobre os lucros que o CAP poderá ter e o desenvolvimento ou não da “Arena da Baixada” como ponto turístico.

FIGURA 52 – O CALDEIRÃO



FONTE: A autora, 2014.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste trabalho, alguns elementos puderam ter uma atenção diferenciada, visto a importância que eles têm no mundo que compõe o futebol. As características tradicionais do estádio Joaquim Américo Guimarães, como suas cores rubro-negras e antigos estabelecimentos que existiam, faziam parte de uma cultura popular criada no estádio da Baixada e foram determinantes para a criação da identidade dos torcedores com o CAP.

Após as mudanças realizadas dentro do estádio atleticano, diversos frequentadores apontaram que as transformações, principalmente dos dois componentes citados acima, incidiram para que acontecesse uma perda de identidade por parte dos frequentadores, deixando de se ter uma ligação direta deste estádio como a casa do Clube Atlético Paranaense, estabelecendo uma tensão entre a “força do lugar” dos que sentem a falta das características removidas e a “força do espaço” determinada, principalmente, pela FIFA e pelo poder econômico. Este fato pode estender-se a outras questões com relação ao estádio, como por exemplo, as formas de apropriação, as interações sociais, a elitização do espaço e as diferentes funções que poderão ser desenvolvidas neste equipamento de lazer e esporte.

O apelido de “caldeirão”, dado tanto por seus frequentadores, como por quem se referia a Baixada antes das reformas para a Copa do Mundo, perdeu sua força nos últimos anos. A partir disto, podemos perceber que um megaevento esportivo pode ocasionar transformações positivas e negativas para o local de realização. Não somente o estádio e suas partes que o constituem internamente, mas também seu entorno, os frequentadores do espaço, assim como a cidade que abriga esse tipo de evento internacional de grande porte sentem as mudanças feitas, mudanças estas muitas vezes conduzidas de forma impositiva e sem a participação popular.

Dentre as transformações estruturais do estádio Joaquim Américo Guimarães, as modificações de conforto, segurança e proximidade foram citadas como pontos positivos com relação à comodidade que o frequentador daquele novo espaço poderia ter. Contudo, mesmo com esta questão salientada, as implicações destas alterações causaram um efeito de elitização do perfil de quem vai ao estádio, pois existe certo custo para estas transformações do padrão internacional imposto,

fazendo com que se eleve o preço para acesso a este espaço, no intuito de compensar as despesas com as obras para a Copa do Mundo. Com isso, se permite que somente alguns indivíduos desfrutem, passivamente, do estádio, excluindo muitos sujeitos deste momento de lazer.

Seguindo este pensamento, a possibilidade da “Arena da Baixada” ser um ponto turístico da cidade de Curitiba é incerta. Com um alto investimento para ter acesso a nesse espaço, durante uma partida de futebol, pode ser um desincentivo para quem queira conhecer o estádio nessa circunstância. Dessa forma, a multifuncionalidade surge como uma alternativa para atrair diferentes públicos a frequentar a Baixada, como um espaço de lazer acessível de Curitiba. Todavia, por ser um recurso novo planejado neste estádio, somente o tempo poderá nos dizer se a utilização do espaço acontecerá de forma efetiva para os cidadãos da capital paranaense e de quem mais tenha interesse de ir a este espaço, se estabelecendo, ou não, como um atrativo turístico de Curitiba.

Independentemente do que ocorrerá no futuro com a “Arena da Baixada”, o estádio de futebol se caracteriza como um ponto de encontro em meio ao cenário urbano. O ato de ir ao estádio para assistir uma partida de futebol extrapola o mundo esportivo. Sendo que, muitas vezes, o jogo de futebol de protagonista passa a ser coadjuvante do espetáculo, pois, a partir dos dados desta pesquisa, pode-se concluir que algumas pessoas vão ao estádio para interagir socialmente com amigos, familiares, e que até mesmo no momento de êxtase do futebol que é o gol, abraçam “desconhecidos”, os quais compartilham da mesma paixão clubística de forma solidária (OLIVEIRA, 2001).

Dessa forma, conseguimos perceber que de longe e do alto o estádio é apenas um equipamento esportivo que tem como principal atração o futebol. O que dá vida e significação ao espaço, o transformando em lugar, a partir das relações estabelecidas com o mesmo são as pessoas. Pessoas essas que, com vestimentas, cânticos e gritos, constituem a torcida. Na maior parte do tempo, a torcida compartilha entre seus sujeitos, interações sociais solidárias que buscam incentivar seu time para a vitória. Entretanto, diversas vezes pudemos presenciar, a partir da metodologia utilizada na pesquisa ou das notícias veiculadas pelas mídias, que essas interações sociais deixam de ser solidárias e passam a usar da violência, em que na maioria dos casos, as torcidas organizadas e adversárias estão envolvidas.

Mesmo que nem sempre o espetáculo do futebol nos apresente momentos alegres e amigáveis, o show não pode parar. Os personagens que fazem o futebol-espetáculo (PRONI, 1998) são fundamentais e, no mundo esportivo, eles se materializam nos jogadores ídolos. Esses, muitas vezes, são o estímulo para que os sujeitos adentrem ao estádio na espera de grandes performances. Infelizmente, o poder econômico se sobressai no mundo esportivo e acaba se tornando uma disputa entre os clubes para se ter um grande astro, e no caso do Atlético-PR os entrevistados do estudo citaram que a falta de um ídolo no time pode ser um fator que desestimule os sujeitos à frequentarem o estádio.

A partir destas análises, vemos que as mudanças de infraestruturas e funcionalidades do estádio, por conta de um megaevento esportivo, podem alterar significativamente este espaço. Seja por modernização de equipamentos que promovem mais conforto ao usuário, ou seja por uma neutralização estética que possibilite adotar o estádio para outros fins além do futebol, não se pode ignorar a cultura estabelecida naquele espaço, como consequência da apropriação efetiva dos indivíduos por longo tempo.

As transformações atuais na “Arena da Baixada”, por conta da Copa do Mundo, não fazem sua torcida esquecer as cores rubro-negras, as tradicionais lanchonetes, nem a “pressão” que existia no antigo “caldeirão”. As vivências e experiências ocorridas no antigo estádio Joaquim Américo Guimarães ainda estão recentes na memória de seus frequentadores, mostrando que o antigo nem sempre precisa ser modificado e que a “força do lugar” é reforçada por quem frequenta o estádio.

Dessa maneira, o Clube Atlético Paranaense deve estar atento para que as mudanças realizadas na “Arena da Baixada” cativem sua torcida, pois sem ela o estádio não passa de um espaço sem vida. Também, as políticas públicas voltadas para o lazer da cidade de Curitiba devem contemplar o estádio Joaquim Américo Guimarães como um ponto de encontro, atrativo turístico e espaço de lazer e esporte para todos os cidadãos, visto que as contrapartidas sociais firmadas entre CAP e o poder público foram previstas antes da realização da Copa do Mundo de 2014 e devem ser cumpridas.

Como pesquisadora, frequentadora assídua da Baixada e torcedora do CAP, esta pesquisa pôde me mostrar que o mundo do futebol moderno é muito mais complexo do que aparenta ser. As ações envolvidas com este esporte sempre têm

um fim, e dificilmente atitudes são tomadas de forma ingênua. Em específico sobre a “Arena da Baixada”, o desafio metodológico de se afastar romanticamente deste espaço para olhar questões sociais, políticas e econômicas que possam implicar negativamente na vida dos sujeitos que dele se apropriam, e de alguma forma estão interligados com esse espaço, foi de grande importância para crescer profissionalmente. A trajetória para a conclusão deste estudo foi muito enriquecedora tanto como pesquisadora, como torcedora, e pude observar com mais atenção detalhes o cotidiano da Baixada, bem como a sua torcida, pontos que me fazem querer investigar ainda mais os elementos que compõem o estádio de futebol.

À vista disso, essa dissertação pode despertar o interesse para realização de outras pesquisas, agregando ainda mais teorias e análises sociológicas para melhor entendimento do estádio de futebol como espaço de lazer e esporte efetivo da cidade. Pois, o esporte pode ter facetas ainda negativas de sua reprodução na sociedade, mas mesmo assim, move multidões apaixonadas aos espaços de lazer, como estádios, para vibrar e se emocionar com o futebol.

O processo de transformação do estádio Joaquim Américo Guimarães possibilitou ampliar os olhares sobre as tensões entre a “força do lugar”, criada a partir da identidade, da cultura popular e da apropriação do estádio, com a “força do espaço”, imposta pelas mudanças de infraestrutura dos padrões FIFA, e conseqüentemente, do poder econômico. É importante compreender que cada espaço da cidade é singular em sua forma, e a partir das relações estabelecidas nele pode se configurar como um lugar. Podemos ver o estádio como uma possibilidade de lazer em meio o cenário urbano, que compartilha sociabilidade, diferentes opiniões, lembranças, identidades e criação de cultura, pois “o espaço/tempo para o lazer mostra-se como um diálogo necessário e possível com a vida cotidiana, sendo aqui entendida como o próprio “mundo da cultura”” (RECHIA, 2003, p. 148). O estádio de futebol se apresenta como possibilidade de “uma interação entre a vida urbana e os sujeitos” (*Ibidem*).

REFERÊNCIAS

AMARAL, C. M. S.; BASTOS, F. C. Processo de Modernização dos Estádios de Futebol. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 154, Marzo de 2011.

ARAÚJO, R. Arenas Esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte. In: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZZUTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. (Org.). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

ARRUDA, M. J. **O estádio na cidade contemporânea: caso particular dos estádios de futebol e a Euro 2004**. 84f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

ASSIS, T. S. **A Privatização no Parque Barigui: Possíveis Influências na Apropriação dos Espaços e Equipamentos de Lazer**. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

CAGNATO, E. V. **Praça Afonso Botelho: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer**. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, (Coleção primeiros passos), 2008.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CAMPOS, P. A. F.; AMARAL, S. C. F. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão. **Revista RUA**, Campinas, v. 1, n. 19, 2013.

CAP. Web site oficial do Clube Atlético Paranaense. Disponível em: <<http://www.atleticoparanaense.com/>>. 2014.

CAPRARO, A. **Football, uma prática elitista e civilizadora** - investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. 150f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CAPRARO, A. O estádio Joaquim Américo: A “Arena da Baixada” e a Identidade Clubística do Torcedor do Clube Atlético Paranaense. **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, v. 5, n. 1, p. 131-149, 2004.

CASSAPIAN, M. **Da cidade planejada ao lazer para todos**. As experiências no âmbito do lazer vividas pelos cadeirantes do grupo “A união faz a força”. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CERETO, M. P. **Arquitetura de Massa: O Caso dos Estádios Brasileiros**. 311f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação

em Arquitetura PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

COAKLEY, J. **Sports in Society: issues and controversies**. 9th edition. New York: Mc Graw Hill, 2007.

DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R. (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DE PELLEGRIN, A. Equipamento de Lazer. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FC BARCELONA. Disponível em <www.fcbarcelona.com.br>. Acesso em 15/07/2014.

FIFA. **Estádios de Futebol: Recomendações e Requisitos Técnicos**. 5.ed. Zurich, Suécia, 2011.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2008.

FRAGA, G. W. Futebol, Imprensa e Ditadura: Das Formiguinhas de Geisel à Abertura de Telê. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. **Anais...**, São Paulo, julho 2011.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

FRANÇA, R. **Diálogos entre a oferta e a demanda: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismo sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba**. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FRANZONI, J. A.; LUFT, R. M. (Org.). **Copa do Mundo e Violações de Direitos Humanos em Curitiba**. Curitiba: SK Editora, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, F. S. **Espaços e equipamentos no âmbito do lazer e esporte na Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo espaço de lazer**. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 3 ed., 2002.

HOLZMEISTER, A. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 114f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HOURCADE, N. Torcedores radicais e transformações dos estádios na França. *In*: HOLLANDA, B. B. B.; REIS, H. H. B. **Hooliganismo e a Copa de 2014**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2014.

LUCENA, R. F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MACHADO, H. I.; SZAİKOWSKI, M. **Estádio Joaquim Américo Guimarães - "Arena da Baixada"**: 100 anos. Curitiba, PR: Natugraf, 2014.

MACHADO, H. I.; HOERNER JÚNIOR, V.; FAGNANI, J. P. **Clube Atlético Paranaense**: Uma Paixão Eterna. Curitiba, PR: Natugraf, 2010.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, Coleção Ensino & Memória, 2010.

MALAIA, J. M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. *In*: HOLLANDA, B.B.B.; MALAIA, J.M.C.; TOLEDO, L.H.; MELO, V.A. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 5.ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS. E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASCARENHAS, G. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). n. 23, p. 17-39, jun. 1999a.

_____. A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**: Educação, Esporte e Lazer, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999b.

_____. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. **GEOgraphia (UFF)**, v. 4, p. 32-47, 2002.

_____. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: Forma Simbólica e Identidade. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. de 2005.

MASCARENHAS, F. **Lazer como Prática da Liberdade**: uma proposta educativa para a juventude, Goiânia: Ed. UFG, 2003.

MELO, V. A. Esporte. *In*: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Guia de Recomendações de Parâmetros e Dimensionamentos Para Segurança e Conforto em Estádios de Futebol**. Brasília: Ministério do Esporte. 2011.

MORO, L. **Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados as brincadeiras infantis**. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

MORORÓ, A. C. Reflexões sobre as origens do Futebol: uma revisão de literatura. *In*: CUNHA JR., C. F. F.; MARTIN, E. H.; LIRA, L. C. (Orgs.). **Lazer, esporte e educação física**: Pesquisas e Intervenções da Rede CEDES/UFJF. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009.

MURAD, M. Futebol e violência no Brasil. **Pesquisa de Campo** - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, UERJ, Departamento Cultura, n. 3/4, p. 89-103, 1996.

O GLOBO. **Brasil foi escolhido sede da Copa do Mundo de 2014 em outubro de 2007**. 20 de agosto de 2013. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/brasil-foi-escolhido-sede-da-copa-do-mundo-de-2014-em-outubro-de-2007-9630221>>. Acesso em 03/07/2014.

OLIVEIRA, P. S. Cultura solidária, feições lúdicas. *In*: OLIVEIRA, P. S. (Org.). **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec, 2001.

OLIVEIRA, R. C. **Uma caixinha de surpresas**: uma apropriação do futebol pelas classes operárias (1900-1930). Londrina: ed. UEL, 1998.

OLIVEIRA, E. M.; MAZO, J. Z.; SOARES, P. R. R. Do campo à arena: a transformação dos estádios de futebol na dinâmica urbana de Porto Alegre. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 79-88, jan./jun. 2013.

PEREIRA, M. C. Torcida organizada – ruim com ela, pior sem ela. Mas, com tanta violência, algo precisa ser feito. *In*: GRABIA, G. **La Doce** – A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

PIRES, G. L. Aspectos socioculturais do lazer na vida cotidiana. *In*: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. (Orgs.). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PRONI, M. W. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 275f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. 189f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RECHIA, Simone. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 91-104, 2006.

RECHIA, S.; BETRÁN, J. O. Parques urbanos de Barcelona: a relação entre a diversidade nas formas de apropriação e a segurança a partir de usos principais e combinados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 181-202, 2010.

RECHIA, S. FRANÇA, R. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação? *In*: MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R.; SOUZA, D. L. de. **Esporte e lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74.

RECHIA, S.; SILVA, E. A. P. C. Espaços e equipamentos de lazer em época de megaeventos esportivos: entre o sonho mais dourado e a realidade mais cruel. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

RECHIA, S.; FONSECA, F. R.; SANTOS, K. R. V.; VIEIRA, F. G. L.; TSCHOKE, A.; SILVA, E. A. P. C. Os espaços retratados no colégio estadual do Paraná: diferentes olhares, uma mesma realidade. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.4, dez/2013.

REIS, A. C. Megaeventos e Turismo: uma breve revisão. *In*: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZZUTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. (Org.). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

RIGO, L. C.; TORRANO, C. V. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 191-210, jul/set de 2013.

RODRIGUES, M. P. **Héroes y Anti-héroes Deportivos** - Las posibles influencias en padres y entrenadores de los jóvenes futbolistas 56f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Facultat de Formació de Professora, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2014.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4. ed., 2012.

STUCCHI, S. Espaços e Equipamentos de Recreação e Lazer. *In*: BRUHNS, H. T. **Introdução aos Estudos de Lazer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul/set, 2011.

TSCHOKE, A. **Lazer na Infância**: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba/Paraná. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

URBANO, F. A. R. **Naming Rights**: Receita Adicional para o Centro de Convenções de Pirituba. 25f. Artigo (Mestrado Profissional em Gestão e Políticas Públicas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

UVINHA, R. R. Megaeventos esportivos: legados para o turismo e a hotelaria. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

VIEIRA, F. G. L. **Espaços públicos de lazer no centro de Curitiba**: a transformação da cidade urbana para cidade humana. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA HISTORIADOR
/PESQUISADOR

Nº da entrevista: _____ Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Quais foram as principais mudanças que ocorreram do seu início até os dias atuais, com o padrão FIFA imposto no Estádio?
2. De toda a história que o CAP tem, qual a importância da existência do Estádio Joaquim Américo Guimarães?
3. Com que frequência você ia às partidas na Baixada? Foi a algum jogo da Copa do Mundo que houve em Curitiba?
4. Você percebe que mudou algo, seja na infraestrutura ou na sua funcionalidade, de “Estádio Joaquim Américo Guimarães” para “Arena da Baixada”?
5. Você consegue identificar, além do jogo de futebol, que tipos de práticas no Estádio Joaquim Américo, seja antes, durante ou depois da partida?
6. O Estádio Joaquim Américo pode de alguma forma perder sua essência diante das transformações feitas para a Copa do Mundo 2014? Por quê?
7. Do ponto de vista do torcedor, dentre todas as mudanças de infraestruturas realizadas para a Copa do Mundo no Estádio, qual(is) você considera a(s) mais impactante(s)?
8. O que o Estádio Joaquim Américo representava para a cidade de Curitiba antes da vinda da Copa do Mundo 2014 e o que poderá representar após este megaevento esportivo?
9. Quais os benefícios você espera que o Estádio oferte, na área do lazer, para os cidadãos de Curitiba após a Copa do Mundo?

APÊNDICE B**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA FREQUENTADORES**

Nº da entrevista: _____ Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Quantas vezes você já foi à Estádio Joaquim Américo – conhecido também como “Arena da Baixada”? Já visitou algum outro estádio de futebol?
2. Quais as principais mudanças que você percebe no Estádio Joaquim Américo de 2010, ano em que o mesmo foi fechado para as reformas da Copa do Mundo de 2014, para os dias de hoje?
3. O que o Estádio Joaquim Américo representa para você?
4. Quais as diferenças entre assistir ao jogo pela televisão e ir ao estádio acompanhar a partida?
5. Para você, o que difere de: “Estádio Joaquim Américo” para ““Arena da Baixada””?
6. Dentre os estádios existentes, a Baixada apresenta algum diferencial?

APÊNDICE C
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA GESTORES DA
PREFEITURA DE CURITIBA

Nº da entrevista: _____ Data: ____/____/____ Horário: _____

Local: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Nível de Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Como se deu a parceria entre Prefeitura de Curitiba e Clube Atlético Paranaense para as reformas necessárias no Estádio Joaquim Américo Guimarães – conhecido como “Arena da Baixada” – em prol da Copa do Mundo FIFA 2014?
2. Na visão da Prefeitura, o que a “Arena da Baixada” representa para a cidade de Curitiba? O que poderá mudar após a Copa do Mundo?
3. Quais as vantagens e desvantagens desta parceria visando o mundial de futebol que aconteceu em Curitiba?
4. Em questão de valor, quanto a Prefeitura de Curitiba investiu para auxiliar nas reformas do Estádio?
5. A partir dessa parceria com o Clube Atlético Paranaense, outras reformas foram realizadas na cidade para a Copa do Mundo. Quais foram essas reformas, de responsabilidade da Prefeitura de Curitiba, e o ficará para os cidadãos curitibanos?
6. Houve algum acordo de contrapartida para a parceria entre Prefeitura de Curitiba e o Clube Atlético Paranaense referente às reformas necessárias no Estádio?

APÊNDICE D
PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO REFERENTE AO ESTÁDIO JOAQUIM
AMÉRICO GUIMARÃES

Dia: _____ Horário: _____

Local: () Frente do Estádio () Arquibancadas () Interior do Estádio

() Outro: _____

Descrição:

- 1) Estado de conservação:
- 2) Sistema de segurança:
- 3) Horário de funcionamento:
- 4) Manutenção dos equipamentos:
- 5) Iluminação:
- 6) Limpeza:
- 7) Funcionários do estádio:

Acessibilidade:

- 8) Localização:
- 9) Ponto de ônibus:
- 10) Estacionamento:
- 11) Banheiro:
- 12) Bebedouro:
- 13) Bancos:
- 14) Lanchonetes:

Estrutura Física:

- 16) Áreas para vivências de lazer:
- 17) Lojas:
- 18) Espaço verde:
- 19) Atratividade da estrutura física:

Frequentadores:

- 20) Atividades desenvolvidas:
- 21) Gênero:
- 22) Faixa etária:

Outras informações:

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA HISTORIADORES

Nós, Andréia Juliane Drula e Simone Rechia, pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o Sr.(a) _____ a participar de um estudo intitulado “O Processo de Transformação de um Estádio para Arena: O caso “Arena da Baixada””. A importância social desse estudo poderá gerar subsídios para ampliar o conhecimento sobre os espaços e equipamentos de lazer da cidade, tal como o estádio, potencializando os usos e entendimento dos mesmos. Sendo que, a vinda dos megaeventos esportivos para o Brasil é uma temática recente e existem lacunas nos estudos sobre os estádios, o que podem interferir em sua representação, historicidade, funcionalidade, mudanças estruturais e sociais, dentre outras questões advindas desse processo, sendo este um espaço representativo das cidades contemporâneas, seja como marca de identidade clubística e de torcidas de futebol ou como construção arquitetônica que pode impactar no cenário urbano. Diante do exposto, acredita-se que esse estudo pode desenvolver discussões acerca das consequências, positivas ou negativas, de transformar espaços e equipamentos de lazer do meio urbano na decorrência de sediar um megaevento esportivo, bem como contribuir com subsídios para o desenvolvimento de futuras políticas públicas voltadas para a importância da temática em questão.

O objetivo desta pesquisa é analisar, do ano de 2009 a 2014, o processo de transformação do Estádio Joaquim Américo Guimarães em relação à infraestrutura e funcionalidade, e as possíveis influências nas formas de apropriação do mesmo como um equipamento específico de lazer da cidade de Curitiba.

Caso você participe da pesquisa, será necessário responder uma entrevista que terá a duração média de 120 minutos e será realizada num local combinado entre o pesquisador e o entrevistado.

A pesquisa poderá apresentar desconfortos mínimos para os voluntários como: disponibilizar de tempo para a entrevista e precisar discorrer sobre seu conhecimento do Estádio.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: melhor conhecimento do estádio como um equipamento de lazer da cidade; ampliar o entendimento das reformas que ocorrem no estádio por conta de um megaevento esportivo e o que pode interferir nas formas de apropriação dos frequentadores do estádio.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir com o avanço da pesquisa científica.

As pesquisadoras Andréia Juliane Drula, telefone (41) 9641-7366, Graduada Bacharelado em Educação Física e mestranda em Educação Física, e-mail deia.drula@gmail.com e sua orientadora Simone Rechia, Professora Pós-Doutora de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, telefone (41) 3360-4329 (horário comercial), e-mail simone@ufpr.br, responsáveis por este estudo poderão ser contatados no Departamento de Educação Física, localizado na rua Coração de

Maria nº92, BR116, Jardim Botânico, Curitiba-PR CEP: 80215-370, em horário comercial, para esclarecer eventuais dúvidas que o senhor(a) possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (Professora Simone Rechia, orientadora desse estudo). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade**. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. E posteriormente, será desgravada ou destruída.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete de qualquer modo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____, ____ de _____.

Historiador/Pesquisador

Andréia Juliane Drula

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Hospital do
Trabalhador/SES/PR
Número do Parecer: 770.149
Data da Relatoria: 28/08/2014

APÊNDICE F
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
FREQUENTADORES

Nós, Andréia Juliane Drula e Simone Rechia pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o Sr.(a) _____ a participar de um estudo intitulado “O Processo de Transformação de um Estádio para Arena: O Caso “Arena da Baixada””. A importância social do estudo esse estudo poderá gerar subsídios para ampliar o conhecimento sobre os espaços e equipamentos de lazer da cidade, tal como o estádio, potencializando os usos e entendimento dos mesmos. Sendo que, a vinda dos megaeventos esportivos para o Brasil é uma temática recente e existem lacunas nos estudos sobre os estádios e o que podem interferir em sua representação, historicidade, funcionalidade, mudanças estruturais e sociais, dentre outras questões advindas desse processo, sendo este um espaço representativo das cidades contemporâneas, seja como marca de identidade clubística e de torcidas de futebol ou como construção arquitetônica que pode impactar no cenário urbano. Diante do exposto, acredita-se que esse estudo pode desenvolver discussões acerca das consequências, positivas ou negativas, de transformar espaços e equipamentos de lazer do meio urbano na decorrência de sediar um megaevento esportivo, bem como contribuir com subsídios para o desenvolvimento de futuras políticas públicas voltadas para a importância da temática em questão.

O objetivo desta pesquisa é analisar, do ano de 2009 a 2014, o processo de transformação do Estádio Joaquim Américo Guimarães em relação à infraestrutura e funcionalidade, e as possíveis influências nas formas de apropriação do mesmo como um equipamento específico de lazer da cidade de Curitiba.

Caso você participe da pesquisa, será necessário responder uma entrevista que terá a duração média de 40 a 60 minutos e será realizada num local combinado entre o pesquisador e o entrevistado.

A pesquisa poderá apresentar desconfortos mínimos para os voluntários como: disponibilizar de tempo para a entrevista e precisar discorrer sobre suas vivências no Estádio.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: melhor conhecimento do estádio como um equipamento de lazer da cidade; ampliar o entendimento das reformas que ocorrem no estádio por conta de um megaevento esportivo e o que pode interferir nas formas de apropriação dos frequentadores do estádio.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir com o avanço da pesquisa científica.

As pesquisadoras Andréia Juliane Drula telefone (41) 9641-7366, Graduada Bacharelado em Educação Física e mestranda em Educação Física, e-mail deia.drula@gmail.com e sua orientadora Simone Rechia Professora Pós-Doutora de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, telefone (41) 3360-4329 (horário comercial), e-mail simone@ufpr.br, responsáveis por este estudo poderão

ser contatados no Departamento de Educação Física, localizado na rua Coração de Maria nº92, BR116, Jardim Botânico, Curitiba-PR CEP:80215-370, em horário comercial, para esclarecer eventuais dúvidas que o senhor(a) possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo poderão conhecidas por pessoas autorizadas (Professora Simone Rechia, orientadora desse estudo). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. E posteriormente, será desgravada ou destruída.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete de qualquer modo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____, ____ de _____.

Frequentador

Andréia Juliane Drula

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Hospital do
Trabalhador/SES/PR
Número do Parecer: 770.149
Data da Relatoria: 28/08/2014

APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES

Nós, Andréia Juliane Drula e Simone Rechia pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o Sr.(a) _____ a participar de um estudo intitulado “O Processo de Transformação de um Estádio para Arena: O Caso “Arena da Baixada””. A importância social do estudo esse estudo poderá gerar subsídios para ampliar o conhecimento sobre os espaços e equipamentos de lazer da cidade, tal como o estádio, potencializando os usos e entendimento dos mesmos. Sendo que, a vinda dos megaeventos esportivos para o Brasil é uma temática recente e existem lacunas nos estudos sobre os estádios e o que podem interferir em sua representação, historicidade, funcionalidade, mudanças estruturais e sociais, dentre outras questões advindas desse processo, sendo este um espaço representativo das cidades contemporâneas, seja como marca de identidade clubística e de torcidas de futebol ou como construção arquitetônica que pode impactar no cenário urbano. Diante do exposto, acredita-se que esse estudo pode desenvolver discussões acerca das consequências, positivas ou negativas, de transformar espaços e equipamentos de lazer do meio urbano na decorrência de sediar um megaevento esportivo, bem como contribuir com subsídios para o desenvolvimento de futuras políticas públicas voltadas para a importância da temática em questão.

O objetivo desta pesquisa é analisar, do ano de 2009 a 2014, o processo de transformação do Estádio Joaquim Américo Guimarães em relação à infraestrutura e funcionalidade, e as possíveis influências nas formas de apropriação do mesmo como um equipamento específico de lazer da cidade de Curitiba.

Caso você participe da pesquisa, será necessário responder uma entrevista que terá a duração média de 30 a 40 minutos e será realizada num local combinado entre o pesquisador e o entrevistado.

A pesquisa poderá apresentar desconfortos mínimos para os voluntários como: disponibilizar de tempo para a entrevista e precisar discorrer sobre seu conhecimento do Estádio e sua relação com a cidade de Curitiba.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: melhor conhecimento do estádio como um equipamento de lazer da cidade; ampliar o entendimento das reformas que ocorrem no estádio por conta de um megaevento esportivo e o que pode interferir nas formas de apropriação dos frequentadores do estádio.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir com o avanço da pesquisa científica.

No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir com o avanço da pesquisa científica.

As pesquisadoras Andréia Juliane Drula telefone (41) 9641-7366, Graduada Bacharelado em Educação Física e mestranda em Educação Física, e-mail deia.drula@gmail.com e sua orientadora Simone Rechia Professora Pós-Doutora de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, telefone (41) 3360-4329

(horário comercial), e-mail simone@ufpr.br, responsáveis por este estudo poderão ser contatados no Departamento de Educação Física, localizado na rua Coração de Maria nº92, BR116, Jardim Botânico, Curitiba-PR CEP:80215-370, em horário comercial, para esclarecer eventuais dúvidas que o senhor(a) possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo poderão conhecidas por pessoas autorizadas (Professora Simone Rechia, orientadora desse estudo). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. E posteriormente, será desgravada ou destruída.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete de qualquer modo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____, ____ de _____.

Gestor

Andréia Juliane Drula

Aprovado pelo Comitê de Ética
em Pesquisa do Hospital do
Trabalhador/SES/PR
Número do Parecer: 770.149
Data da Relatoria: 28/08/2014